



NOVA FCSH

FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

A decadência dos EUA e a ascensão da China a potência hegemónica?

Vasco Filipe Júlio de Sousa

Dissertação em Ciência Política e Relações Internacionais
Área de especialização: Relações Internacionais

Versão corrigida e melhorada após defesa pública

Vasco Filipe Júlio de Sousa, A decadência dos EUA e a ascensão da China a potência hegemónica?

Novembro, 2022

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciência Política e Relações Internacionais, realizada sob a orientação científica do Professor Doutor Nuno Severiano Teixeira

Everything comes in time to him who knows to wait

Leo Tolstoy, War and Peace

AGRADECIMENTOS

Após longos meses de pesquisa e escrita, finalmente termino a minha dissertação de mestrado. O percurso foi algo atribulado, devido à situação pandémica que atravessamos e ao início da minha vida militar, todavia, foi um processo de provação e aprendizagem constante. Portanto, tendo concluído esta etapa do meu percurso académico, quero agradecer às pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para a concretização desta dissertação.

Primeiramente, dedico esta dissertação ao meu irmão e aos meus pais, pelo apoio incondicional que prestaram no decorrer da minha vida. À minha mãe, por ter feito sempre os possíveis e impossíveis, abdicando de diversas coisas para me dar uma boa educação, demonstrando ser a personificação de altruísmo, perseverança e superação.

De seguida, gostaria de agradecer à Beatriz, que se demonstrou fundamental nos momentos de maior stress e dificuldade. Agradeço igualmente aos meus amigos, pelo seu apoio e por ouvirem as minhas longas “palestras”, relacionadas com temáticas em estudo durante o meu percurso académico.

Aproveito também para agradecer a todos os meus camaradas do Curso de Formação de Oficiais da Força Aérea Portuguesa, pela sua amizade, pelo seu espírito de entreajuda e pelas experiências que partilhamos ao longo do último ano. Sendo isto dito, tenho igualmente uma enorme gratidão para com a Força Aérea Portuguesa, em particular, pela Academia (local onde trabalho), devido às oportunidades que me foram concedidas, tal como o privilégio que tive em privar e partilhar ideias com alguns camaradas desta instituição.

Dedico, obviamente, esta dissertação ao corpo docente da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, da Universidade Nova de Lisboa, pelo seu profissionalismo e contributo. Agradeço à Professora Doutora Sheila Brannigan, e, especialmente, à Professora Doutora Isabel Branco, pelas suas cativantes aulas de literatura, que tiveram uma forte influência no meu percurso académico e nutriram o meu interesse pela esfera política.

Não poderia deixar de agradecer a sua excelência, Professor Doutor Nuno Severiano Teixeira, não só na qualidade de docente de mestrado, mas também enquanto orientador, uma vez que mesmo durante as circunstâncias causadas pela atual pandemia (COVID-19), disponibilizou os conselhos e indicações necessárias para a concretização desta dissertação.

Por fim, quero deixar uma palavra de apoio ao meu grande amigo, Anatoliy e a todos aqueles cujo as vidas foram afetadas pela guerra na Ucrânia. Obrigado pela amizade e pela partilha de ideias ao longo destes anos!

A decadência dos EUA e a ascensão da China a potência hegemónica?

Transição de poder no sistema internacional

Vasco Filipe Júlio de Sousa

RESUMO

Após a Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos da América assumiram um papel central na reconstrução da ordem internacional, tendo como pilar a abertura económica, a criação de instituições multilaterais, a cooperação no sector da segurança e os ideais democráticos ocidentais. A atual ordem internacional liberal foi assegurada após o fim da Guerra Fria, dando início ao momento de unipolaridade e possibilitando a liderança de Washington enquanto potência hegemónica mesclando estrategicamente a ordem internacional com os ideais e sistema norte-americano. Contudo, na atualidade é possível verificar o fenómeno oposto, o declínio dos EUA enquanto potência incumbente e a ascensão meteórica de uma potência desafiante, a República Popular da China.

Após verificar a polarização social existente em solo americano, foi efetuada uma análise de política externa e económica, os principais pilares da ordem mundial liberal. Através da contextualização teórica e histórica da China, esta dissertação procurou entender a estabilidade interna da potência revisionista e a sua política externa. Foi igualmente analisado o setor da defesa, contrapondo o poderio militar das duas potências em estudo. Por fim, esta investigação analisou o posicionamento dos EUA na Ucrânia e de que modo foi responsável por iniciar o conflito em Donbas (2014), aproximar a Rússia e a China, e subsequentemente tornar a Guerra na Ucrânia (2022) possível. Tudo isto, analisando artigos científicos, declarações governamentais e documentos estratégicos dos Estados em estudo.

Esta investigação permitiu perceber que os Estados Unidos da América, através da sua “sobre-extensão estratégica”, foram perdendo o seu poder, polarizando a sua sociedade e afastando-se dos seus aliados, um fenómeno responsável por criar um vazio no sistema internacional, gradualmente preenchido pela República Popular da China. Nesta investigação foi possível verificar que a China encontra-se em conspícua ascensão, tendo suplantando os EUA em diversas regiões do globo e alcançou poder de paridade em setores importantes como o setor militar, económico, tecnológico e diplomático. O estudo de caso elaborado, sobre o conflito previamente referido, permitiu compreender o seu cariz transformativo, ou seja, é responsável por exacerbar a atual transição de poder no sistema internacional, entre a RPC e os EUA.

PALAVRAS-CHAVE: Armadilha de Tucídides, Estados Unidos da América, Guerra na Ucrânia, Realismo, República Popular da China, Revisionismo, Transição de Poder

A decadência dos EUA e a ascensão da China a potência hegemónica?

Transição de poder no sistema internacional

Vasco Filipe Júlio de Sousa

ABSTRACT

After the Second World War, the United States of America assumed a crucial role in reconstructing the international order, supported by western democratic ideals, an open economy, creating multilateral institutions and cooperating in the security sector. The current liberal international order was ensured after the end of the Cold War, which generated a unipolar moment and allowed Washington to lead as a hegemonic power by strategically mixing the international order with its ideals and system. Nonetheless, nowadays it is possible to witness the opposite phenomenon, the decline of the United States as the incumbent power and the meteoric rise of a challenging power, the People's Republic of China.

After verifying the social polarization in American soil, an analysis to its foreign and domestic policies (roots of the liberal international order) was made. Through a theoretical and historical contextualization of China, this thesis seeks to understand the internal stability of this revisionist power and its foreign policy. Furthermore, this investigation analyzed the American positioning in Ukraine and in which way it was responsible for creating the conflict in Donbas (2014), approximating Russia and China, and subsequently making the War in Ukraine (2022) possible. All this, analyzing scientific articles, governmental statements, and strategic documents from the States in study.

This investigation allowed to understand that the United States of America, through its strategic overextension, lost power, polarizing its society and pushing away its allies, a phenomenon responsible for creating a void in the international system, which was gradually filled by the People's Republic of China. In this investigation it was possible to verify that China is clearly rising, replacing the US in multiple areas of the globe, and achieving power parity in sectors such as economy, technology, diplomacy, and military. The case study developed, about the conflict previously referred, allowed to comprehend its transformational effect, which means, that it exacerbated the current power transition in the international system, between the PRC and the US.

KEYWORDS: People's Republic of China, Power Transition, Realism, Revisionism, Thucydides Trap, United States of America, War in Ukraine

ÍNDICE

LISTA DE ABREVIATURAS	ix
INTRODUÇÃO.....	1
I. Enquadramento teórico-metodológico	6
I. 1. Realismo.....	6
I. 2. Neoliberalismo	10
I. 3. Transição de poder e construção de uma nova ordem	11
II. Estados Unidos da América (de Obama a Biden).....	18
II. 1. Clivagens sociais	18
II. 2. Política externa norte-americana.....	27
II. 3. Indicadores económicos (comparação com a R.P.C.).....	39
III. “O Império do Meio” (República Popular da China)	45
III. 1. Bases ideológicas	45
III. 2. Política externa chinesa.....	57
III. 3. Reforma militar (comparação com os E.U.A.)	77
IV. Estudo de caso: a guerra na Ucrânia e as consequências da intervenção norte- americana	90
IV. 1. Conflito em Donbas	92
IV. 2. A abordagem norte-americana e as suas consequências	100
IV. 3. Eixo Sino-Russo.....	108
CONCLUSÕES	115
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	122

LISTA DE ABREVIATURAS

A2/AD – Anti-access/Area-denial

AGI – Navio de recolhimento de inteligência

AGO – Navio de vigilância marítima

APT – Advanced Persistent Threat

ASEAN – Association of Southeast Asian Nations

AUKUS – Australia, United Kingdom and United States

BRI – Belt & Road Initiative

BRICS – Brasil, Rússia, Índia, China, África do Sul

C4ISR – Command, Control, Communications, Computers Intelligence, Surveillance and Reconnaissance

CMC – Central Military Commission

CNPC – China's National Petroleum Corporation

CNSC – Comissão Central de Segurança Nacional

DPR – Donetsk People's Republic

ELP – Exército de Libertação Popular

EUA – Estados Unidos da América

FMI – Fundo monetário Internacional

LHA – Landing Helicopter Assault

LHD – Landing Helicopter Deck

LNG – Liquefied Natural Gas

LPR – Luhansk People's Republic

MCF – Military-Civil Fusion

MFN – Most-favoured-nation treatment

MIT – Massachusetts Institute of Technology

MLRS – Multiple Launch Rocket System

NABU – National Anti-Corruption Bureau of Ukraine

NAPC – National Agency of the Prevention of Corruption

NWMA – Non-war Military Activities

OBOR – One Belt One Road

OFDI – Outward Foreign Direct Investment

OMC – Organização Mundial do Comércio

OMS – Organização Mundial de Saúde

ONG – Organização Não-Governamental

ONU – Organização das Nações Unidas

OSCE – Organização para a Segurança e Cooperação na Europa

OTAN – Organização do Tratado do Atlântico Norte

PAP – People’s Armed Police

PCC – Partido Comunista Chinês

PIB – Produto Interno Bruto

PKO – Peacekeeping Operation

PPP – Purchasing Power Parity

RCEP – Regional Comprehensive Economic Partnership

RPC – República Popular da China

S&D – Science and Development

SAP – Special Anti-Corruption Prosecutor’s Office

SCO – Shanghai Cooperation Organisation

SEZ – Special Economic Zone

SIPRI – Stockholm International Peace Research Institute

SOE – State-Owned Enterprises

SWIFT – Society for Worldwide Interbank Financial Telecommunication

TCG – Trilinear Contact Group

THAAD – Terminal High Altitude Area Defence

UAV – Unmanned Aerial Vehicle

US – United States

USAID – United States Agency for International Development

USCBC – United States - China Business Council

INTRODUÇÃO

Os Estados Unidos da América, em conjunto com os seus parceiros estratégicos, assumiram um papel central na reconstrução da ordem internacional após a Segunda Guerra Mundial, tendo como pilar a abertura económica, a criação de instituições multilaterais, a cooperação no sector da segurança e os ideais democráticos ocidentais.¹ Por conseguinte, Washington abandonou a sua política isolacionista e durante o período pós-guerra assumiu um papel de liderança hegemónica, estabilizando a economia mundial e criando uma nova ordem internacional.

Todavia, a importância norte-americana incrementou significativamente após a Guerra Fria, dando início ao momento de unipolaridade e cessando as visões ideológicas antagónicas causadas pela divisão do sistema internacional em dois blocos. Nesse sentido, foi exequível a consolidação da ordem ocidental (liberal) como ordem global, efetuando a expansão das organizações criadas pelo Ocidente (como a OTAN), a criação da Organização Mundial de Comércio (OMC) e a integração de diversos países da Ásia, América Latina e Europa de Leste.²

A atual ordem internacional liberal foi estabelecida com o propósito de manter um nível de abertura superior ao previamente verificado e conter as potências rivais. Os objetivos delineados foram apenas alcançados após mesclar estrategicamente (*binding*) a ordem internacional com os seus ideais e sistema doméstico, de modo a evitar o encerramento de regiões em zonas de influência dominadas por potências hostis.³ Esta interdependência e a consolidação do sistema liberal internacional, de acordo com John Ikenberry, devem-se aos interesses dos Estados, que enfrentavam uma necessidade generalizada de se modernizarem após um momento de crise, algo que era facilitado pela integração na ordem internacional fundada pelos EUA, visto que esta promovia a ciência, a inovação, a tecnologia, o constitucionalismo e a criação de instituições multilaterais.⁴

Na atualidade é possível constatar uma discórdia no âmago da ordem internacional liberal, marcada pela proliferação de dificuldades e erros de política

¹ Ikenberry, John G. (2018). “The end of liberal international order?”, *International Affairs*, Volume 94, Issue 1, pp.7–23. p. 7

² *Ibidem*, pp. 7-9

³ *Ibidem*, p. 15

⁴ *Ibidem*, p. 8

externa e interna dos Estados ocidentais, em particular os EUA, paralelamente ao crescimento avassalador de uma nova superpotência, a República Popular da China, e as suas medidas revisionistas. Apesar do ceticismo inicial de diversos académicos, a atual conjuntura política tem tornado a redefinição do equilíbrio internacional algo cristalino, particularmente, à luz da intervenção militar da Federação Russa na Ucrânia. Portanto, um evento que se foi delineando nos últimos anos, assumiu um papel preponderante para a compreensão da decadência dos EUA e para a ascensão da RPC.

De acordo com Ikenberry, a atual crise vivida na ordem internacional liberal, deve-se em grande medida à sua globalização, criando uma sobre-extensão, em conjunto com a perda de autoridade por parte de Washington, que se intensificou com o retorno de conflitos geopolíticos com a China e a Rússia, colocando em causa a função inicial do liberalismo internacional (uma plataforma para a ordem global, a partilha de “propósito social” e a comunidade de segurança).⁵ Por conseguinte, a intromissão de Washington na esfera de influência “soviética” desencadeou uma sucessão de eventos que levaram à intervenção da Rússia em solo ucraniano, que culminou no afastamento da potência revisionista da esfera ocidental, adotando um papel crescentemente disruptivo no sistema internacional e uma parceria estratégica fundamental para a incontornável ascensão da China.

Organski sugere que, quando uma potência, cujos interesses sejam incongruentes com a ordem internacional vigente, ganha poder de paridade face à potência *status quo*, procederá a medidas revisionistas, que poderão desencadear guerras⁶, no entanto, a potência *status quo* poderá igualmente ser responsável por iniciar um conflito bélico, algo que é denominado como “Armadilha de Tucídides”⁷. A “Armadilha de Tucídides” (um dos pressupostos basilares para a teoria realista das relações internacionais) é uma ferramenta conceptual, originária em fundamentos de Tucídides, que serve de referência para a compreensão da atual rivalidade sino-americana, permitindo o paralelismo com o conflito entre Esparta e Atenas. Tal como na Grécia antiga, a rivalidade sino-americana revela que a ascensão de uma potência desafiante é responsável por inculcar medo na potência incumbente, que procura reter o poder, criando a demonização dos dois

⁵ Ikenberry, John G. (2018). “The end of liberal international order?”, *International Affairs*, Volume 94, Issue 1, pp.7–23. p. 10

⁶ Organski, A.F.K. (1968). *World Politics*. Second Edition. New York: Alfred A. Knopf.

⁷ Allison, Graham (2017). *Destined for War*. London: Scribe Publications.

Estados e um latente clima de confronto, portanto, é um conceito indissolúvel da análise de dinâmicas no sistema internacional.

Como mencionado por Carlos Gaspar na sua obra, *Teoria das Relações Internacionais*, apesar da teoria realista ser erroneamente definida de forma redutora, devido à sua antiguidade, assume uma posição central na teoria das relações internacionais⁸. Ademais, citando Ikenberry, independentemente da importância das regras e das instituições (indagadas pela teoria liberal), os fundamentos realistas, como o poder do Estado, a anarquia do sistema internacional e a insegurança, encontram-se sempre no cerne da política internacional.⁹ Desse modo, o realismo será uma das escolas de pensamento seguidas ao longo desta dissertação para a compreensão holística dos Estados e das suas políticas. Embora o realismo permita identificar os problemas da ordem mundial¹⁰, a existência de uma “realidade multilateral” é irrefutável, sendo esta apenas compreensível na sua totalidade e complexidade tendo em consideração os fundamentos defendidos em *After Victory* (neoliberalismo).

Por fim, embora a Rússia não seja um ator principal na atual transição de poder, será efetuado um estudo de caso relativamente à guerra no Leste da Ucrânia (iniciada em 2014), devido à crescente atividade disruptiva e hostilidade de Moscovo. A centralidade deste evento é evidente, devido à sua volatilidade e à importância que teve para a ascensão da China, uma vez que a abordagem intervencionista de Washington e as suas consequências forçaram o Kremlin a estabelecerem uma parceria estratégica contra-hegemónica (como referido por Vasco Rato) com Pequim.¹¹ O estreitamento das relações sino-russas forneceram ao “Império do Meio” um maior poderio e conhecimento bélico, superando a sua obsoleta proficiência militar, comumente referida na China como “a doença dos tempos de paz”¹², e, consequentemente, possibilitando um novo método de pressão estratégica chinesa perante o Ocidente.

Somente assim será possível indagar a atual transição de poder no sistema internacional, portanto, neste contexto, a pergunta de partida a que esta dissertação se

⁸ Gaspar, Carlos (2021). *Teoria das Relações Internacionais*. Lisboa: Livros Horizonte. p. 49

⁹ Ikenberry, John G. (2019). *After Victory: Institutions, Strategic Restraint, & The Rebuilding of Order After Major Wars*. Princeton, Princeton University Press. p. xi

¹⁰ *Ibidem*. p. xii

¹¹ Rato, Vasco (2021). “China”. *National Defense in the New Era, IDN Cadernos – Documentos Estratégicos de Segurança e Defesa*, nº44, Instituto de Defesa Nacional, 111-120. p. 117

¹² Office of the Secretary of Defense (2020). *Annual Report to Congress: Military and Security Developments Involving the People's Republic of China 2020*. U.S. Department of Defense. p. 33

dedica é: Estarão os EUA em decadência e a República Popular da China em ascensão a potência hegemónica, criando uma transição de poder no sistema internacional? Para responder a esta questão, três perguntas derivadas, estabelecidas a partir dos objetivos secundários desta dissertação, terão de ser retorquidas ao longo dos capítulos: i) De que modo as políticas interna e externa da potência incumbente, os EUA, têm influenciado a sua decadência no sistema internacional liberal, resultando na dissipação do seu poder?; ii) Qual a abordagem da potência desafiante, a RPC, ao sistema internacional, e de que modo a sua política externa permite capitalizar do sistema internacional e contribuir para a sua consolidação enquanto líder mundial?. Finalmente, iii) Qual a influência do conflito no Leste da Ucrânia para a ascensão meteórica do “Império do Meio” e o declínio norte-americano?.

No que concerne à delimitação temporal, esta dissertação situa-se no período compreendido entre 2009 (a administração Obama) e a atualidade (administração Biden). A escolha desta janela temporal prende-se ao facto de representar um momento em que a política externa dos EUA mudou de paradigma e a RPC, iniciou uma abordagem mais assertiva na região do Indo-Pacífico e criou iniciativas transformacionais, tal como o *OBOR* (criado em 2013), e diversas instituições paralelas às de Washington.

Esta delimitação temporal coincide também com o evento fundamental para a reconfiguração do sistema internacional, a guerra no Leste da Ucrânia, iniciada em 2014, porém, somente em 2022 foi intensificado o conflito. Este evento assume uma importância acrescida, uma vez que Vladimir Putin reconheceu a independência das Repúblicas da região de Donbas (Luhansk e Donetsk), com o intuito de manipular o Artigo 51, do sétimo capítulo, da Carta das Nações Unidas, e decretar uma ofensiva militar na Ucrânia. Por conseguinte, este conflito é fundamental para a reconfiguração do sistema internacional, desempenhando um fator disruptivo e forçando Moscovo a ratificar uma parceira estratégica com Pequim, basilar para a ascensão chinesa no sistema internacional. A parceria estabelecida entre os dois Estados revisionistas foi definida pelo “novo timoneiro” da China (Xi Jinping) como a relação bilateral mais importante do mundo.¹³

¹³ Office of the Secretary of Defense (2020). *Annual Report to Congress: Military and Security Developments Involving the People's Republic of China 2020*. U.S. Department of Defense, pp. 7-8

A metodologia de análise utilizada nesta dissertação consistirá no método qualitativo. A análise temática da possível transição de poder no sistema internacional, será feita a partir de fontes primárias e secundárias, em conjunto com a análise documental de artigos de segurança de estratégia estatal, sendo estes instrumentos, nevrálgicos para a compreensão da sua agenda securitária e política externa, portanto, permitem o exame dos atos políticos e das suas consequências, que inevitavelmente terão repercussões na sua presença no sistema internacional, como mencionado por Carlos Gaspar.¹⁴ As fontes primárias focar-se-ão em declarações oficiais de representantes políticos e documentos de segurança de estratégia nacional, enquanto as fontes secundárias serão artigos científicos e livros académicos dos ramos da Ciência Política e Relações Internacionais, e História.

O primeiro capítulo da dissertação, ocupar-se-á do enquadramento teórico-metodológico, indagando a literatura referente aos quadros teóricos, mais concretamente ao realismo clássico e ao neoliberalismo, que permitirão indagar os interesses e o funcionamento dos Estados, e a “realidade multilateral” (sistema internacional). De seguida, o segundo capítulo tratará de analisar o poder dos EUA e a sua eventual decadência, através da análise de política interna e externa, da verificação das taxas de aprovação norte-americana à escala interna e global, e, por fim, da apreciação de indicadores económicos (comparativamente com a RPC). O terceiro capítulo, procurará entender a ideologia que alicerça a atividade política da RPC, ademais, será analisada a sua política externa e as suas reformas militares (em comparação com os EUA), cruciais para a obtenção de paridade face a potência *status-quo* e a sua respetiva ascensão a potência hegemónica. Posteriormente, no quarto capítulo, será elaborado um estudo de caso referente à guerra na Ucrânia, um evento que facilitará a compreensão da política externa americana e o influência que teve, isto é, culminou na aproximação da Rússia e da China (reconhecendo-se reciprocamente como parceiros estratégicos), aumentando o poder da potência desafiante e acelerando o declínio dos EUA, um fenómeno fundamental para a atual transição de poder. Concluindo, serão corroboradas as informações e análises presentes nesta dissertação, que permitirão compreender a atual conjuntura política e o inerente quadro de redefinição do equilíbrio internacional, respondendo à pergunta de partida.

¹⁴ Gaspar, Carlos (2021). *Teoria das Relações Internacionais*. Lisboa: Livros Horizonte. pp. 49-52

I. Enquadramento teórico-metodológico

I. 1. Realismo

De acordo com diversos politólogos, particularmente norte-americanos, o estudo académico autónomo das Relações Internacionais terá surgido após a Segunda Guerra Mundial e a publicação da obra realista, *Politics Among Nations: The Struggle for Power and Peace*, de Hans Morgenthau.¹⁵ O realismo clássico das relações internacionais tem como principal fundamento a racionalidade, porém, é composto por elementos teóricos e elementos normativos, considerando as contingências e irracionalidades sistémicas, para encontrar as diferentes influências exercidas na política externa do Estado.¹⁶

Esta escola de pensamento pretende focar-se no espectro político, todavia, como afirmado por Morgenthau, o ser humano não é somente político, é intrinsecamente económico e moral, e a análise deverá ter esses espectros em consideração, mas sem subordinar a política aos mesmos.¹⁷ Esta corrente de pensamento é igualmente verificada em Max Weber, ao afirmar que os interesses (materiais e ideológicos) dominam diretamente as ações humanas e a formulação da política externa, encontrando-se relacionados com o contexto cultural e político, algo que de igual modo irá influenciar o conceito do poder¹⁸, tal como é observável na crescente rivalidade sino-americana. Por conseguinte, teoria realista não tolera a indiferença aos ideais políticos, instrumentos fundamentais para a entendimento da política da RPC, que será abordada no terceiro capítulo da dissertação.¹⁹

O conhecimento histórico-cultural e a análise económica são igualmente ferramentas analíticas cruciais para a compreensão da política de um Estado e do seu poder, sendo estes elementos atualmente referidos como *soft power*, adicionalmente, estes fatores assumem uma importância acrescida na previsão das políticas internacionais, como George Santayana brilhantemente referiu na sua obra, *Reason in*

¹⁵ Fernandes, José (2011). *Teorias das Relações Internacionais: Da Abordagem Clássica ao Debate Pós-positivista*. 2ª ed. Coimbra: Almedina. p. 43

¹⁶ Morgenthau, Hans J. (1978). *Politics Among Nations: The Struggle for Power and Peace*, Fifth Edition, Revised, (New York: Alfred A. Knopf, pp. 4-15). pp. 8-9

¹⁷ *Ibidem*, p. 14

¹⁸ *Ibidem*, pp. 9-10

¹⁹ Gaspar, Carlos (2021). *Teoria das Relações Internacionais*. Lisboa: Livros Horizonte. p. 49

Common Sense, aqueles que não conseguem recordar o passado, estarão destinados a repeti-lo.²⁰

A teoria realista clássica, por definição estatocêntrica (Estados no centro do sistema internacional), considera que as relações entre Estados e naturalmente a sua política externa advêm da política interna, efetuando a sua continuidade e travando uma competição constante por poder.²¹ Esta continuidade define a distinção entre Estados, não só devido ao seu poder relativo, mas também de acordo com os seus interesses, isto é, objetivos, sendo a sobrevivência (interesse predominante) uma das múltiplas possibilidades que promovem os Estados a seguir estratégias revisionistas ou de *status quo*.²²

Contrariamente ao passado, na atualidade os interesses estatais poderão ser encontrados articulados, em diversos documentos autónomos vastamente proliferados, sendo os livros brancos, os conceitos e as diretrizes estratégicas, algumas das hipóteses.²³ Esta liberdade de acesso aos documentos referidos permite estabelecer publicamente e disseminar as intenções do Estado relativamente às áreas de segurança e defesa, assegurando a sua execução por parte dos intervenientes (como por exemplo as Forças Armadas), não obstante, em contextos democráticos estes documentos justificam a alocação de recursos nestes sectores, como por exemplo através do orçamento de Estado.²⁴ Apesar da importância que estes documentos representam para a análise estratégica dos Estados, não poderão ser interpretados de forma absoluta, pois como supracitado desempenham uma multiplicidade de funções, tornando a análise de setores complementares imprescindível, como será demonstrado no decorrer desta dissertação.²⁵

Em *Politics Among Nations: The Struggle for Power and Peace*, é possível verificar duas referências cruciais para a compreensão do poder, dos interesses e das relações interestaduais no sistema internacional, a primeira, de Tucídides, corrobora que a identidade dos interesses estabelece um dos laços mais fortes entre Estados ou

²⁰ Santayana, George (1980). *Reason in Common Sense*. Dover Publications. p. 172

²¹ Gaspar, Carlos (2021). *Teoria das Relações Internacionais*. Lisboa: Livros Horizonte. pp. 23-24

²² Rynning, Sten, e Ringsmose, Jens (2008). “Why Are Revisionist States Revisionist? Reviving Classical Realism as an Approach to Understanding International Change”. *International Politics*. nº 45, pp. 19-39. p. 27

²³ Seabra, Pedro (2021). “Introdução”. *IDN Cadernos – Documentos Estratégicos de Segurança e Defesa*, nº44, Instituto de Defesa Nacional, 11-16. p. 11

²⁴ *Ibidem*, p.12

²⁵ *Ibidem*.

indivíduos, e a segunda, de Lord Salisbury, ao afirmar que o laço entre nações poderá apenas prevalecer na ausência de interesses antagónicos²⁶, classificando o interesse como elemento basilar nas relações internacionais.

A escola realista defende que a segurança militar é um dos objetivos latentes aos Estados, afetando diversas questões (direta ou indiretamente), muito para além da defesa territorial e do poder militar, algo que permite a assunção de uma função crucial na política interna e externa por parte das Forças Armadas²⁷, tornando a sua análise um elemento decisivo no conflito sino-americano. Segundo Morgenthau, o Estado é o criador do direito e da moralidade, rejeitando a existência da mesma fora do Estado, contudo, defende também a ausência de consenso entre Estados relativamente aos princípios morais universais, ou seja, afirma que nenhum Estado poderá impor os seus valores como algo universal na política internacional.²⁸

Como notavelmente definido na obra, *Teoria das Relações Internacionais*, a teoria realista através de uma visão racional, interpela a imperfeição das relações internacionais como algo inato à condição humana, podendo advir conflitos na presença de interesses opostos por parte dos Estados²⁹, algo inerente à caracterização anárquica do sistema internacional por parte da fórmula hobbesiana.³⁰ Na obra de Thomas Hobbes, *Leviathan*, o autor evoca a criatura mítica fenícia, cuja força era incomensurável, para efetuar uma metáfora sobre o Estado e o sistema internacional, equiparando o poder do monstro à capacidade estatal para cessar o “estado da natureza” dos homens, algo que não se verifica no sistema internacional devido à ausência de um poder central, perpetuando a anarquia que o caracteriza, e criando um clima de insegurança e permanente agressão.³¹ Ao classificar o sistema internacional como anárquico, os teóricos realistas mantiveram uma abordagem racional, abstendo-se do uso de termos como “comunidade internacional”, que é utilizado maioritariamente por teóricos liberais (e em grande medida pelos *media* ocidentais) para efetuar uma projeção

²⁶ Morgenthau, Hans J. (1978). *Politics Among Nations: The Struggle for Power and Peace*, Fifth Edition, Revised, (New York: Alfred A. Knopf, pp. 4-15). p. 9

²⁷ Gaspar, Carlos (2021). *Teoria das Relações Internacionais*. Lisboa: Livros Horizonte. p. 179

²⁸ *Ibidem*, p. 23

²⁹ *Ibidem*, pp. 47-48

³⁰ Morgenthau, Hans J. (1978). *Politics Among Nations: The Struggle for Power and Peace*, Fifth Edition, Revised, (New York: Alfred A. Knopf, pp. 4-15). p. 5

³¹ Fernandes, José (2011). *Teorias das Relações Internacionais: Da Abordagem Clássica ao Debate Pós-positivista*. 2ª ed. Coimbra: Almedina. p. 47

antropomórfica de uma entidade que se considera ser consensual na abordagem a um determinado tema, uma mundivisão inspirada pela tradição kantiana.³²

Apesar da teoria realista não ter sido inicialmente desenvolvida para compreender o multilateralismo, é inegável a existência de uma “realidade multilateral”. como o próprio Morgenthau reconhece (em *Politics among Nations: The Struggle for Power and Peace*), limitando conflitos específicos e criando um espaço diplomático, inclusivo entre potências rivais, o que permite, de certa forma, conter a ameaça das armas nucleares.³³ Contudo, na maioria das vezes, organizações internacionais como as Nações Unidas são utilizadas para a projeção dos interesses individuais do Estado, invocando um interesse multilateral, que permite mascarar as medidas implementadas sob pretextos ideológicos.³⁴

Esta abordagem é conspícua em diversas intervenções, designadamente, na invasão do Iraque, durante a administração de George W. Bush, e, ao impor políticas unilaterais que os restantes Estados são praticamente obrigados aceitar, sem direito de decisão.³⁵ É igualmente possível constatar a manipulação das organizações por parte de grandes potências, através do poder de veto e de relações bilaterais vinculadas com os restantes Estados membro. Esta busca incessante de poder por parte dos Estados presente na teoria realista é originária na obra intemporal de Niccolò Machiavelli, *O Príncipe*, onde é estabelecida uma ligação entre a política e a natureza humana.³⁶

Concluindo, de acordo com a teoria realista, será apenas alcançável a compreensão do sistema internacional através da análise dos atos políticos e a inquirição das respetivas consequências, porém, a análise empírica deverá ser acompanhada pela indagação das circunstâncias que originaram o posicionamento político.³⁷ Todavia, apesar dos interesses dos Estados assumirem um papel lapidar na sua política externa, compreensível através da teoria realista, o sistema internacional atual (de crescente

³² Fernandes, José (2011). *Teorias das Relações Internacionais: Da Abordagem Clássica ao Debate Pós-positivista*. 2º ed. Coimbra: Almedina. pp. 86-87

³³ Fonseca Jr. Gelson, e Uziel, Eduardo (junho de 2018). “Hans Morgenthau Política entre as Nações e as Nações Unidas”. *Relações Internacionais*. N.º 58, pp.69-82. pp. 76-77

³⁴ Gaspar, Carlos (2021). *Teoria das Relações Internacionais*. Lisboa: Livros Horizonte. pp. 78-79

³⁵ Soller, Diana (2021). “Estados Unidos da América”. *Interim National Security Strategic Guidance, IDN Cadernos – Documentos Estratégicos de Segurança e Defesa*, nº44, Instituto de Defesa Nacional, 17-30. p. 18

³⁶ Fernandes, José (2011). *Teorias das Relações Internacionais: Da Abordagem Clássica ao Debate Pós-positivista*. 2º ed. Coimbra: Almedina. p. 45

³⁷ Morgenthau, Hans J. (1978). *Politics Among Nations: The Struggle for Power and Peace*, Fifth Edition, Revised, (New York: Alfred A. Knopf, pp. 4-15). p. 5

complexidade) é marcado pelo seu multilateralismo, sendo este fenómeno indubitável observando-o através da teoria neoliberal. A teoria neoliberal (particularmente de Ikenberry) contempla a possibilidade de institucionalização do sistema internacional, dando-lhe um forte pendor multilateral, não obstante, perpetua vários elementos da teoria realista, como será indagado no subcapítulo seguinte.

I. 2. Neoliberalismo

De acordo com a *Teoria das Relações Internacionais*, a teoria liberal, pós-Segunda Guerra Mundial, defendida por Martin Wight, mantém a sua filiação racional, dando alguma continuidade a ideais realistas, como por exemplo, a denominação de Estados como unidades cruciais e decisivas da política internacional, desse modo, o teórico recusa a divisão entre o idealismo e o realismo.³⁸ Wight, reconhece a possibilidade de uma sociedade internacional, que se baseia nos seguintes valores: a partilha de valores culturais por parte dos Estados constituintes, a sua liberdade, o direito de autodefesa por parte da sociedade internacional e o recurso à força (legitimada particularmente quando usada coletivamente) para restaurar a balança de poder e/ou valores.³⁹

No seguimento deste pensamento, Hedley Bull, reitera a teoria liberal centrando-se no reconhecimento recíproco dos Estados soberanos, na institucionalização do sistema internacional e na consolidação de uma sociedade internacional pluralista.⁴⁰ Apesar da teoria liberal das relações internacionais ser conspicuamente distinta dos seus antecessores realistas, diversos teóricos, particularmente da escola liberal britânica, vêem a sua teoria imbuída em elementos realistas, que por sua vez marcam a escola neoliberal, reiterada por John Ikenberry.

Os teóricos supramencionados perpetuam o conceito de que o sistema internacional é anárquico (tal como os realistas), porém, defendendo um reconhecimento entre Estados, que se aproxima à teoria anárquica lockeana (John Locke), e reiterando que a institucionalização do mesmo permite a sua domesticação ou tempero⁴¹, também conhecido como *dampening*. Este pensamento é defendido por John Ikenberry, particularmente na sua versão “fraca” (*weak*) como o autor refere, afirmando

³⁸ Gaspar, Carlos (2021). *Teoria das Relações Internacionais*. Lisboa: Livros Horizonte. p. 25

³⁹ *Ibidem*, pp. 25-26

⁴⁰ *Ibidem*, p. 26

⁴¹ *Ibidem*.

que elementos indissolúveis ao sistema internacional, como a anarquia e o império, são equilibrados através da implementação de instituições e da assunção de compromissos (dependentemente da região ou espectro poderão existir variações).⁴² Como os teóricos liberais ingleses, Ikenberry perpetua a ideia realista de que a política doméstica e a política internacional são ordens completamente distintas, sendo a primeira baseada em princípios hierárquicos e a segunda em princípios anárquicos, inclusivamente, o autor recorre a uma comparação feita por John Mearsheimer, equiparando o sistema internacional a uma arena onde os Estados se digladiam, procurando tirar proveito dos restantes Estados e evidentemente defender os seus interesses⁴³, perpetuando a sua política interna no sistema internacional.

Na escola neoliberal existe um nome incontestável, Robert Keohane, sendo que o teórico iniciou a defesa da autonomia dos modelos de ordenamento multilaterais e a capacidade de a ordem liberal internacional sobreviver após a decadência da potência criadora, sobrevivendo aos ciclos de poder⁴⁴, abordados pela teoria realista hegemónica. Esta perpetuação da ordem após câmbios de poder no sistema internacional é abordada na obra, *After Victory*, onde o autor utiliza os fundamentos reiterados no realismo hegemónico de Gilpin, considerando estas transições de poder cíclicas, e procura adicionar uma perspetiva evolucionária a esta teoria, defendendo a continuidade da ordem internacional moderna através da sua institucionalização.⁴⁵

I. 3. Transição de poder e construção de uma nova ordem

O sistema internacional é geralmente caracterizado por uma de três ordens, a ordem de balanço de poder, a hegemónica e a constitucional, que representam a forma de distribuição de poder entre Estados, a organização de relações de poder e autoridade. Apesar destas ordens serem distintas e a ordem hegemónica (objeto de estudo nesta dissertação) no seu estado mais puro ser baseada na hierarquia e na utilização coerciva do poder, a sua versão mais benevolente ou fraca (como definido por Ikenberry), assume contornos constitucionais, ou seja, a despeito do apogeu hegemónico do Estado criador da ordem, os Estados secundários são formalmente soberanos e os mecanismos

⁴² Ikenberry, John G. (2019). *After Victory: Institutions, Strategic Restraint, & The Rebuilding of Order After Major Wars*. Princeton, Princeton University Press. p. xiv

⁴³ *Ibidem*, pp. 21-22

⁴⁴ Gaspar, Carlos (2021). *Teoria das Relações Internacionais*. Lisboa: Livros Horizonte. p. 30

⁴⁵ Ikenberry, John G. (2019). *After Victory: Institutions, Strategic Restraint, & The Rebuilding of Order After Major Wars*. Princeton, Princeton University Press. p. xxv

de domínio são menos formais, baseados na institucionalização das relações.⁴⁶ Todavia, em ambos os casos a estabilidade e a coesão da ordem baseia-se na preponderância de poder da potência hegemónica (militar, económico, tecnológico), que eventualmente entrará em declínio, assumindo um cariz cíclico de transição de poder, que poderá ser mitigado através de regras e da institucionalização da ordem.⁴⁷

Tal como referido por Organski, na sua obra, *World Politics*, os Estados ascendem e decaem a velocidades distintas, dependendo fortemente do seu desenvolvimento interno, consequentemente, o sistema internacional é moldado fundamentalmente pelas capacidades da potência hegemónica, que procura defender os seus interesses no mesmo.⁴⁸ Quando a potência incumbente entra em declínio e a potência desafiante a ultrapassa, ocorre uma transição de poder no sistema internacional, um fenómeno constatável na actualidade. Portanto, apesar da estabilidade interna da potência incumbente revelar-se fundamental para a perpetuação da ordem mundial, a política externa da potência desafiante assume um papel crucial na transição de poder, possibilitando um incremento da sua presença no sistema internacional e consequentemente o seu poder diplomático, económico e militar, alcançando um nível de paridade face a potência hegemónica.⁴⁹

Na obra de Robert Gilpin, *The Theory of Hegemonic War*, o autor considera Tucídides um teórico basilar para a compreensão das relações internacionais e para as transições de poder, tendo sido responsável por estabelecer o primeiro conceito de dinâmicas das relações internacionais, criadas pelas disparidades de poder entre Estados.⁵⁰ De acordo com a teoria realista, a estrutura do sistema internacional é relevante para o câmbio sistémico da ordem⁵¹, mas somente as suas características não são suficientes para iniciar um conflito bélico, de acordo com o teórico, a guerra hegemónica é causada por alterações fundamentais no sistema internacional, nomeadamente, alterações políticas, estratégicas ou económicas.⁵²

⁴⁶ Ikenberry, John G. (2019). *After Victory: Institutions, Strategic Restraint, & The Rebuilding of Order After Major Wars*. Princeton, Princeton University Press. p. 49

⁴⁷ *Ibidem*, pp. 27-28

⁴⁸ Organski, A.F.K. (1968). *World Politics*. Second Edition. New York: Alfred A. Knopf.

⁴⁹ *Ibidem*.

⁵⁰ Gilpin, Robert (1988). "The Theory of Hegemonic War". *The Journal of Interdisciplinary History*, 18(4), 591–613. p. 591

⁵¹ *Ibidem*, pp. 595-596

⁵² *Ibidem*, pp. 591-592

Alguns teóricos, nomeadamente, Organski, afirmam que a transição de poder poderá ser acelerada com o início de uma guerra, tendo o Estado desafiante uma probabilidade superior de iniciar hostilidade, comparativamente com o Estado hegemónico, contudo, defendem igualmente a possibilidade da potência incumbente iniciar um confronto.⁵³ Como foi verificável, na actualidade, com a crescente hostilidade entre as duas principais potências mundiais (EUA e RPC), tendo Donald Trump utilizado mecanismos não-bélicos (*hard power* económico) para desacoplar as duas economias e iniciar uma “guerra” comercial com Pequim.⁵⁴

Em *After Victory*, é notório uma abordagem semelhante ao tema, sendo afirmado que os câmbios na distribuição de poder entre Estados e o reconhecimento dos interesses por parte da potência em ascensão levam-na a questionar o *status quo*, intentando criar uma ordem internacional que lhe seja favorável.⁵⁵ O objetivo do Estado revisionista, geralmente antagónico aos interesses da potência incumbente, colide com estes, criando uma rivalidade estratégica entre grandes potências e a bipolarização do sistema.⁵⁶

Não obstante, apesar do declínio da potência hegemónica, a tentativa de reformulação do sistema internacional nem sempre é imediata, o Estado desafiante acomodar-se-á à ordem vigente enquanto os benefícios excederem os custos da reconstrução da ordem⁵⁷, um fenómeno latente à rivalidade sino-americana. O atual confronto sino-americano, à imagem do conflito estudado por Tucídides, representa divergências ideológicas, porém, é principalmente caracterizado, como supracitado, por uma potência em conspícua ascensão (RPC) e por uma potência hegemónica em declínio (EUA), principalmente no setor económico, tal como Esparta, que se encontrava ultrapassada e cercada pelo crescente poder de Atenas, tendo ambas potências a pretensão de definir a estrutura e a liderança da ordem mundial.⁵⁸

⁵³ Organski, A.F.K. (1968). *World Politics*. Second Edition. New York: Alfred A. Knopf.

⁵⁴ Presidente dos EUA (2017). *National Security Strategy of the United States of America*. Washington D.C.: The White House. p. 25

⁵⁵ Ikenberry, John G. (2019). *After Victory: Institutions, Strategic Restraint, & The Rebuilding of Order After Major Wars*. Princeton, Princeton University Press. p. 47

⁵⁶ Gilpin, Robert (1988). “The Theory of Hegemonic War”. *The Journal of Interdisciplinary History*, 18(4), 591–613. pp. 594-595

⁵⁷ Ikenberry, John G. (2019). *After Victory: Institutions, Strategic Restraint, & The Rebuilding of Order After Major Wars*. Princeton, Princeton University Press. p. 47

⁵⁸ Gilpin, Robert (1988). “The Theory of Hegemonic War”. *The Journal of Interdisciplinary History*, 18(4), 591–613. pp. 598-601

As políticas externas e a insegurança que caracteriza o sistema internacional, fazem com que a guerra, mais concretamente a hegemónica, seja definida pela sua capacidade de reformular a ordem mundial, alterando o poder hegemónico e as relações com o sistema, tal como reiterado por Tucídides e postulado na teoria realista das relações internacionais.⁵⁹ A guerra, segundo o Major-General Carl von Clausewitz, é o ato de violência que tenciona compelir o nosso oponente a obedecer à nossa vontade⁶⁰, tornando-se um dos principais catalisadores de mudança no sistema internacional, como é possível identificar em diversos momentos da história.⁶¹ Apesar dos Estados em estudo nesta dissertação serem detentores de armamento nuclear, algo que desencoraja o recurso ao belicismo, obras como *Destined for War*⁶², e, *After Victory*, enumeram diversos exemplos deste fenómeno, designadamente, em 1815, 1919, 1945 e 1989.⁶³

John Ikenberry (tal como Organski) reitera que em momentos de crise e paridade de poder, uma das potências poderá tornar-se beligerante, originando uma guerra de transição de poder (potência revisionista) ou de contenção (potência *status quo*), tendo como repercussão um “terramoto”, expondo as subestruturas de poder e interesses.⁶⁴ Após a guerra entre as duas potências e a destruição da ordem prévia, surge inevitavelmente um vencedor e um vencido, criando um câmbio (por vezes colossal) de poder, que culmina, durante o pós-guerra, na negociação da reestruturação do sistema internacional e no surgimento de uma nova ordem.⁶⁵ Na sequência destes momentos de desordem ou de disparidade de poder, a disponibilidade de mecanismos que restrinjam e institucionalizem o poder determinam a sua transição e a tipologia da nova ordem mundial, possibilitando dois tipos de ordem, uma de equilíbrio de poder e outra de desequilíbrio, que levará a uma governação com desígnios imperialistas.⁶⁶ A ordem internacional poderá diferir de acordo com a sua era e área geográfica, sendo a sua

⁵⁹ Gilpin, Robert (1988). “The Theory of Hegemonic War”. *The Journal of Interdisciplinary History*, 18(4), 591–613. pp. 592-593

⁶⁰ Clausewitz, Carl von (2020). *Da Guerra*. Traduzido por Inês Busse, Clássica Editora. p. 23

⁶¹ Ikenberry, John G. (2019). *After Victory: Institutions, Strategic Restraint, & The Rebuilding of Order After Major Wars*. Princeton, Princeton University Press. p. 297

⁶² Allison, Graham (2017). *Destined for War*. London: Scribe Publications.

⁶³ Ikenberry, John G. (2019). *After Victory: Institutions, Strategic Restraint, & The Rebuilding of Order After Major Wars*. Princeton, Princeton University Press. p. xiii

⁶⁴ *Ibidem*, p. xi

⁶⁵ *Ibidem*, pp. xiii-xiv

⁶⁶ *Ibidem*, p. xiv

generalização errónea, uma vez que de acordo com estes elementos a ordem variará, tanto na sua duração, como regras, centralização ou carácter.⁶⁷

Em conjunturas que permitam restringir estrategicamente o poder, será exequível uma ordem de cariz hegemónico (numa versão benevolente) ou constitucional, devido ao seu multilateralismo e institucionalização, que permite atenuar características viscerais do sistema internacional, como a anarquia ou o império, efetuando o chamado *dampening* (defendido na versão “fraca” de Ikenberry).⁶⁸ Quando é referido que uma ordem tem um cariz constitucional, significa que foi vinculado num momento de fundação de uma nova ordem e que as suas regras de fundação permitem operar de uma forma complexa, limitando e moldando o poder exercido no sistema internacional, algo que poderá ocorrer igualmente na ordem hegemónica.⁶⁹

Portanto, Ikenberry corrobora os fundamentos reiterados na teoria realista e na guerra hegemónica de Gilpin, para posteriormente facultar uma perspetiva evolucionária a esta teoria. Como previamente mencionado, o autor defende que a ordem é criada por um Estado poderoso e quando esta potência hegemónica entra em declínio e o poder se dissipa, a ordem internacional entra igualmente em rutura, no entanto, através da sua abordagem evolucionária declara que será possível a perpetuação da ordem internacional moderna, alcançável devido à implementação de instituições e da ratificação de compromissos, criando profundas relações interestaduais, que tornam o abandono total da ordem algo prejudicial para os interesses dos Estados.⁷⁰

Embora as instituições estabeleçam restrições que permitam a criação de uma ordem institucional pós-guerra, estas restrições serão benéficas tanto para as grandes potências como para os Estados “secundários”.⁷¹ De acordo com Ian Hurd, os Estados não estabelecem vínculos e restrições por obrigação, fazem-no quando podem obter vantagens e defender os seus interesses através do multilateralismo, funcionando como instrumento de poder.⁷² Ao implementar restrições ao poder hegemónico, a potência responsável pela construção da ordem mundial, obtém uma redução de “custos de execução”, retém os restantes Estados em políticas previsíveis e projeta os seus

⁶⁷ Ikenberry, John G. (2019). *After Victory: Institutions, Strategic Restraint, & The Rebuilding of Order After Major Wars*. Princeton, Princeton University Press. p. xiii

⁶⁸ *Ibidem*, p. xiv

⁶⁹ *Ibidem*, pp. xvi-xvii

⁷⁰ *Ibidem*,

⁷¹ *Ibidem*, p. xvii

⁷² *Ibidem*, p. xxiii

interesses no sistema internacional, concedendo em contrapartida algumas vantagens a Estados “secundários”, efetuando uma espécie de barganha (*bargain*).⁷³ O vínculo estabelecido através das instituições, poderá tornar o sistema internacional mais favorável para os Estados envolvidos⁷⁴, como é notório em instituições como o FMI, que permitem ampliar a influência e o poder dos EUA através da sua economia.⁷⁵

Atualmente, a importância destes vínculos é cristalina no sistema internacional, particularmente na China. Apesar de ser etiquetada como um regime despótico, que pretende destruir a ordem liberal, Pequim abraçou diversas instituições ocidentais, sendo algumas responsáveis pela sua modernização, como por exemplo a Organização Mundial de Comércio, sendo o abandono precipitado destas instituições para além de dispendioso (devido aos compromissos estabelecidos), nefasto para a sua ascensão. Ao longo dos tempos as instituições internacionais foram ruindo de acordo com a sua conjuntura, seja devido a crises económicas ou conflitos políticos, criando oportunidades para a sua reestruturação ou substituição.⁷⁶ Consequentemente, o revisionismo da RPC, imbuído de um cariz “seletivo”, identificou as crescentes deficiências do sistema internacional e tem procedido apenas à alteração de elementos na ordem liberal que considere hostis para o seu regime, como será abordado detalhadamente no subcapítulo referente à sua política externa.

Apesar dos fundamentos constitucionais da ordem (liberal) afirmarem, que o abandono total ou uma breve rutura das instituições, revelar-se-ia prejudicial para os interesses dos Estados, levando à perda de legitimidade,⁷⁷ Donald Trump abandonou diversas instituições multilaterais. A sua visão perniciosa face a atual ordem mundial demonstrou que esta depende do vínculo entre Estados, mas maioritariamente do papel hegemónico de Washington, tendo o seu retraimento estratégico (baseado em interesses definidos em termos de poder) enfraquecido e desestabilizado a mesma⁷⁸, fortalecendo a presença chinesa no sistema internacional.

Concluindo, esta dissertação utilizará a teoria realista, de modo a compreender as relações entre Estados e particularmente a “teoria da guerra hegemónica” de Gilpin,

⁷³ Ikenberry, John G. (2019). *After Victory: Institutions, Strategic Restraint, & The Rebuilding of Order After Major Wars*. Princeton, Princeton University Press. p. xv

⁷⁴ *Ibidem*, p. xxii

⁷⁵ *Ibidem*, pp. xv-xvi

⁷⁶ *Ibidem*, p. 269

⁷⁷ *Ibidem*, p. xvii

⁷⁸ *Ibidem*, pp. xviii-xix

sendo que, como supracitado, esta teoria indica que a estabilidade do sistema internacional depende do Estado dominante e dos mecanismos implementados. A partir do momento em que a potência hegemónica entre em declínio (por vezes devido a uma sobre-extensão estratégica) e a potência desafiante adquira paridade de poder, iniciar-se-á uma transição de poder no sistema internacional (um fundamento igualmente defendido na teoria neoliberal de Ikenberry). Contudo, é relevante ter em consideração a “realidade multilateral”, uma vez que esta terá influência na velocidade da transição de poder.

Adicionalmente, a teoria em uso permitirá analisar as características do conflito vigente sino-americano, que opõe as duas maiores potências mundiais, um confronto particularmente exacerbado pela atual conjuntura no sistema internacional, ou seja, pela actividade disruptiva da Federação Russa. Para a compreensão deste processo serão analisadas diversas variáveis que permitem verificar estas alterações de poder, nomeadamente, a estabilidade da política interna dos Estados em estudo, sendo que a teoria realista, por definição estatocêntrica, defende que a política interna é responsável por delinear a política externa, efectuando a sua continuidade e uma competição por poder. Será igualmente analisada a política externa de ambos os Estados e o impacto que esta tem no sistema internacional, ademais, serão comparados indicadores económicos e as suas Forças Armadas, ou seja, a defesa do Estado.

II. Estados Unidos da América (de Obama a Biden)

II. 1. Clivagens sociais

Desde a sua fundação, os Estados Unidos da América, destacaram-se por ser um Estado que pautava pela diversidade, no entanto, o criador da atual ordem mundial encontra-se a passar por um dos momentos mais sombrios da sua história e demarca-se pelas suas acutilantes clivagens sociais. Tal como Charles Kupchan, refere na sua obra, *Isolationism – A history of America efforts to shield itself from the world*, a atual política externa de Washington representa a perpetuação de políticas inadequadas, que por sua vez criaram uma polarização social⁷⁹, contudo, é importante referir que este fenómeno foi mais notório nas administrações Trump e Obama. A divisão existente nos EUA, certamente terá sido exacerbada durante a administração Trump, contudo, fatores como o declínio do setor de manufatura, a desigualdade existente no país, políticas de imigração inadequadas e os vastos anos de guerra no Médio Oriente, desempenharam um papel fulcral na continuidade dos problemas vigentes.⁸⁰

A administração do presidente republicano (Donald Trump) representa a epitome do isolacionismo e da comoção interna, mas é apenas um sintoma do problema em que os EUA se encontram mergulhados, e não a doença, tendo os vastos anos de políticas internas e externas ineficazes (abordadas ao longo do subcapítulo seguinte) mapeado o caminho para ascensão da China e para a decadência norte-americana. Adicionalmente, a divisão social e a polarização ideológica que tem assolado uma das maiores potências do mundo, tem-se intensificado em grande medida devido às crescentes campanhas de desinformação inerentes à era digital, difundidas através das redes sociais, da comunicação social⁸¹ e da intrusão de organizações estatais externas, como verificado durante as eleições norte-americanas. Outro fator igualmente responsável pela exacerbação do isolacionismo americano e das suas clivagens sociais foi a atual pandemia de COVID-19.

A presença norte-americana no sistema internacional é caracterizada pela doutrina excecionalista, enraizada na sua cultura e identidade, um fenómeno que Charles Kupchan refere ter sido alicerçado por diversas obras literárias, realizadas por

⁷⁹ Kupchan, Charles A. (2020). *Isolationism – A History of America's Efforts to Shield Itself From The World*. New York, Oxford University Press. p. xi

⁸⁰ *Ibidem*.

⁸¹ Picciolini, Christian (2020). *Breaking Hate – Confronting the New Culture of Extremism*. New York: Hachette Books. pp. xviii - xix

autores como o John Winthrop ou Herman Melville⁸², ademais, Ralph Waldo Emerson, devido à sua teoria transcendentalista e F. Scott Fitzgerald, com a sua representação do “Sonho Americano”, em *Great Gatsby*, algo que revela uma intemporalidade do excecionalismo americano. O excecionalismo americano defende que os EUA têm como missão pioneira transmitir fundamentos de liberdade económica e política ao resto do mundo, utilizando a sua proeza para a partilha destes princípios.⁸³

Este sentimento é perpetuado na atualidade, caracterizando nesta doutrina, a sua função de líder da ordem mundial liberal e a manutenção da *Pax Americana*, com recurso ao isolacionismo e/ou ao internacionalismo. As duas principais abordagens face a política externa da Casa Branca, como referido, foram o internacionalismo e o isolacionismo, a primeira alicerça-se na perspetiva idealista de Wilson, que reitera a importância da multilateralidade, enquanto a segunda fundamenta-se na perspetiva realista de McKinley, reforçando um recuo no sistema internacional e intervenções unilaterais.⁸⁴

Apesar do seu papel fundador da ordem internacional, ao longo da sua história, os EUA, geralmente favoreceram uma política isolacionista, como foi visível no discurso proclamado por George Washington, em 1796, delineando diretrizes de governança focadas em relações comerciais e em relações políticas seletivas, evitando alianças permanentes, tal como ocorreu durante a era contemporânea, com a rejeição da Liga das Nações por parte do Senado.⁸⁵ O isolacionismo deveu-se ao reconhecimento de benefícios inerentes a este tipo de estratégia, particularmente possível devido à sua localização geográfica, demarcando-se por uma circundante área marítima e por países vizinhos relativamente pacíficos e mais fracos (a norte e sul).⁸⁶ Evidentemente, a rejeição de um estreitamento excessivo de relações, permitiu que Washington desenvolvesse a sua democracia, livre de encargos adicionais, e se resguardasse de guerras com outros Estados.⁸⁷

Todavia, Washington viu um câmbio progressivo na opinião pública e o favorecimento do internacionalismo, particularmente, após o ataque a Pearl Harbor, e,

⁸² Kupchan, Charles A. (2020). *Isolationism – A History of America’s Efforts to Shield Itself From The World*. New York, Oxford University Press. pp. 14-16

⁸³ *Ibidem*, p. 13

⁸⁴ *Ibidem*, p. 300

⁸⁵ *Ibidem*, pp. 5-9

⁸⁶ *Ibidem*, p. 10

⁸⁷ *Ibidem*.

mais recentemente, após os ataques terroristas orquestrados a 11 de setembro de 2001.⁸⁸ Esta alteração deve-se ao facto dos americanos terem constatado que a vantagem geográfica que outrora usufruíam tinha perdido a sua relevância, portanto, surgiu uma mescla de duas abordagens de política externa e uma coligação bipartidária, entre republicanos e democratas, em assuntos relacionados com o internacionalismo liberal e a defesa da ordem mundial, permitindo manter um determinado nível de multilateralidade, com a possibilidade de recorrer a medidas unilaterais sempre que necessário.⁸⁹

A coligação bipartidária relativamente à política externa americana, foi impulsionada pelo trabalho realizado pelo trigésimo-segundo presidente dos EUA, Franklin D. Roosevelt, responsável em grande medida pela liderança americana no sistema internacional e por orquestrar uma mistura entre as duas abordagens, com o intuito de garantir o poder internacional por parte de Washington, que até à data tinha sido rejeitado.⁹⁰ Esta combinação de abordagens, permitiu que fossem estabelecidas ligações com os restantes Estados (*binding*) em função de ideais e dos interesses de Washington definidos em termos de poder, resultando na denominada *Pax Americana*, uma ordem internacional com base em regras.⁹¹

A polarização de ideologias nos EUA e a divisão social, como já mencionado, não são algo inédito, previamente (principalmente durante o período entre as Guerras Mundiais) verificou-se a consolidação de um setor da sociedade americana com raízes nacionalistas conservadoras, fundamentado em princípios de preconceito racial e religioso.⁹² Apesar de uma elevada percentagem do eleitorado conservador ter feito uma transição para uma visão internacionalista anti-comunista, diversos elementos defenderam a perpetuação de ideais nacionalista, reiterando a necessidade de uma política externa isolacionista, designadamente, Rothbard, com o seu ensaio, *For a New Isolationism*, em 1959.⁹³

Independentemente da unanimidade que foi surgindo entre partidos relativamente ao excecionalismo americano, o apoio a uma maior intervenção

⁸⁸ Kupchan, Charles A. (2020). *Isolationism – A History of America's Efforts to Shield Itself From The World*. New York, Oxford University Press. p. xii

⁸⁹ *Ibidem*, p. 300

⁹⁰ *Ibidem*, pp. 307-308

⁹¹ *Ibidem*, pp. 299

⁹² *Ibidem*, p. 315

⁹³ *Ibidem*, p. 351

internacional foi-se dissipando com o decorrer da Guerra Fria, e, subsequentemente, rompendo de forma lacerante as duas abordagens durante o rescaldo da invasão do Iraque e com continuidade da guerra no Médio Oriente.⁹⁴ O ostensivo investimento no setor da defesa e a negligência da política interna, foram responsáveis por avassalar a estabilidade americana, revelando uma acutilante divisão social e um elevado descontentamento, que resultou no cessar da coligação bipartidária em matérias de política externa. O partido Republicano, tornou-se geralmente favorável a intervenções unilaterais e mais assertivas, enquanto o partido Democrata afirmou a sua preferência por participações multilaterais.⁹⁵ A dissonância ideológica entre os dois partidos intensificou-se particularmente após a Guerra Fria, uma vez que os EUA reconheceram a sua função cimeira no sistema internacional, consubstanciada no momento de unipolaridade.⁹⁶

Portanto, o descontentamento doméstico face a sua intervenção no sistema internacional remete além da administração Trump, tal como é conspícuo no discurso de Barack Obama, durante a campanha para o segundo mandato, afirmando ser necessário focarem-se na construção da nação americana (*nation-building*), dando início à mudança de paradigma político, diminuindo a sua participação na atual ordem mundial e focando-se nos assuntos internos dos EUA.⁹⁷ Em 2013, um estudo elaborado pelo Pew Research Center, revelou que o ressentimento público face o internacionalismo americano decorria há mais de 50 anos, tendo inclusive a mesma organização elaborado outro inquérito cujos resultados reiteram a continuidade deste desagrado, isto é, mais de 50% dos inquiridos revelaram ser contra a política externa americana e defensores de uma estratégia isolacionista.⁹⁸

A polarização ideológica, inicialmente verificada apenas em questões de política externa, tem-se alastrado à política interna, criando oscilações de poder e demonstrando ser um elemento catalisador da clivagem social americana. Estas divergências,

⁹⁴ Kupchan, Charles A. (2020). *Isolationism – A History of America's Efforts to Shield Itself From The World*. New York, Oxford University Press. pp. xii-xiii

⁹⁵ *Ibidem*, p. 27

⁹⁶ *Ibidem*, pp. 322-323

⁹⁷ Obama, Barack (6 de setembro de 2012). *Remarks by the President at the Democratic National Convention*. Washington D.C.: The White House. Disponível em: <https://obamawhitehouse.archives.gov/the-press-office/2012/09/07/remarks-president-democratic-national-convention>

⁹⁸ Kupchan, Charles A. (2020). *Isolationism – A History of America's Efforts to Shield Itself From The World*. New York, Oxford University Press. p. 12

exacerbadas pela incerteza económica e a crescente diversidade social do país, têm levado a sua população a exigir um realinhamento urgente de prioridades e fundos, focando-se em assuntos internos, como consta no estudo supracitado.

A transversalidade do isolacionismo nas administrações norte-americanas, até à eleição de Trump é notória, todavia, a eleição do republicano é um exemplo cristalino do retorno a uma abordagem isolacionista mais conservadora. A sua retórica, “Make America Great Again”, é um exemplo da ascensão do saudosismo do “America First”, que permanecia na penumbra do teatro político norte-americano. Enquanto os seus antecessores efectuavam um retraimento no sistema internacional, em simultâneo com a manutenção dos fundamentos da *Pax Americana*, o quadragésimo-quinto presidente norte-americano, procurou rejeitar por completo a ordem mundial vigente, reiterando que o propósito da política externa seria defender estritamente os interesses dos EUA.

Alguns teóricos, como Stephen Sestanovich, procuram comprovar estas oscilações de poder na política norte-americana, reiterando a dicotomia de abordagem das administrações.⁹⁹ A primeira, classificada de minimalista, procura acomodar-se e diminuir o nível de multilateralismo, e a segunda considerada maximalista, fundamenta-se no aumento de compromissos internacionais.¹⁰⁰ Portanto, apesar de existir uma opinião generalizada nos EUA, que a sua presença no sistema internacional (caracterizada pelo excessionismo), é benéfica para a manutenção dos interesses definidos em termos de poder (reiterado na teoria realista das relações internacionais¹⁰¹), as nuances políticas relativamente à abordagem utilizada tem-se acentuado, afetando a “*american way of live*”.

A filiação partidária tornou-se uma variável disseminada por um discurso político inflamável e pelas cadeias televisivas, que se infiltrou na génese norte-americana, rompendo com o sentimento identitário comum da sociedade. Porém, existe uma miríade de variáveis adicionais que têm contribuído para este fenómeno, como a religião, a etnia, a ideologia, e atualmente a localização, isto é, os EUA tem assistido a uma rutura da sua sociedade, onde o partidarismo (um elemento basilar da identidade de cada cidadão) tem-se revelado pela sua área de residência.

⁹⁹ Kupchan, Charles A. (2020). *Isolationism – A History of America’s Efforts to Shield Itself From The World*. New York, Oxford University Press. p. 321

¹⁰⁰ *Ibidem*.

¹⁰¹ Gaspar, Carlos (2021). *Teoria das Relações Internacionais*. Lisboa: Livros Horizonte. pp. 23-24

Como supracitado, a animosidade entre democratas e republicanos, e a respetiva polarização social, assumiram um cariz geográfico, sendo as cidades tendencialmente mais progressivas e defensoras de um maior internacionalismo, e as zonas rurais maioritariamente conservadores e isolacionistas.¹⁰² Por conseguinte, tal como afirmado por David Barker, da American University, é estabelecido um fosso geográfico que afeta transversalmente a sociedade norte-americana.¹⁰³

Segundo o Pew Research Center, em 2018, 62% dos eleitores cosmopolitas consideravam-se democratas e 31% afirmavam ser republicanos, demonstrando assim um aumento face aos anos anteriores, pois em 1997, somente 55% dos inquiridos diziam ser democratas, perante 37% que se declaravam republicanos.¹⁰⁴ Em regiões rurais foi possível verificar um fenómeno oposto, 54% dos eleitores (em 2018) reiteravam o seu apoio ao partido republicano e apenas 38% eram democratas, o que demonstra um câmbio no partidarismo, ganhando o partido republicano maior relevância, visto que, em 1997, 44% dos cidadãos rurais eram republicanos e 45% eram democratas.¹⁰⁵

Ao observar uma opinião pública defensora de um recuo estratégico (*retrenchment*) e uma nação que carecia de uma rápida recuperação económica, Donald Trump pautou a sua presidência por uma abordagem inspirada no conceito de *America First* (estabelecida em 1940), com o principal objetivo de recuperar a economia norte-americana e estabilizar a nação, através de políticas protecionistas, fundamentos nacionalistas e discriminatórios (como será analisado no subcapítulo *Política externa norte-americana*).¹⁰⁶ Para além de ter de lidar com abordagens distintas ao sistema internacional, acompanhadas de um desafio sistémico (o surgimento de uma potência desafiante, a RPC), Washington, tem igualmente a tarefa hercúlea de solucionar diversas questões internas.¹⁰⁷

Parte da sociedade americana, considera que o contrato social não esta a ser cumprido e reivindica a inexorável necessidade de construir uma política externa

¹⁰² MacDonald, Evan (dezembro 2020). “Mais polarizados do que nunca”. *Courrier Internacional*, nº298, Trust in News, 40-43. pp. 40-41

¹⁰³ *Ibidem*.

¹⁰⁴ *Ibidem*, pp. 41-42

¹⁰⁵ *Ibidem*, p. 42

¹⁰⁶ Kupchan, Charles A. (2020). *Isolationism – A History of America’s Efforts to Shield Itself From The World*. New York, Oxford University Press. p. xii

¹⁰⁷ *Ibidem*, p. xii

isolacionista, que permita focar problemas como a imigração ilegal e a proteção de postos de trabalho norte-americanos, verificável através de diversos estudos conduzidos por organizações, como o Council on Foreign Relations, a Gallup, o Center for American Progress e o National Geographic.¹⁰⁸ Porém, inquéritos elaborados pelo Chicago Council, em 2019, revelaram a prevalência de um setor na sociedade norte-americana que considera essencial a sua participação no sistema internacional, mas através da diplomacia e acordos comerciais, ou como geralmente referido, liderando pela retaguarda (*“leading from behind”*).

Apesar de Joe Biden procurar estabilizar o país e atenuar a polarização ideológica, as clivagens sociais têm-se perpetuado nos EUA, sendo as taxas de aprovação do primeiro ano de mandato demonstrativas deste fenómeno. Atualmente, 52% dos cidadãos norte-americanos desaprovam as políticas de Joe Biden, tendo este apenas uma taxa de aprovação de 42.9%,¹⁰⁹ um valor bastante próximo do seu antecessor, Donald Trump, que em igual período (primeiro ano de mandato) contava com uma taxa de aprovação de 40.4% e 54% de reprovação.¹¹⁰

No entanto, as duas últimas administrações dos EUA representaram um agudizar de divergências políticas e clivagens sociais, tal como é possível constatar em diversos momentos. Após a morte do afrodescendente George Floyd, em Minneapolis, intensificaram-se os confrontos na esfera política e social, liderados por movimentos como o *Black Lives Matter*, que se demarcaram por distúrbios, pilhagens e destruição de bens públicos e privados, em contraponto com uma visão nacionalista personificada em movimentos como o *America First*, que reivindicam um maior investimento nas forças policiais, criando uma enorme fricção social e consequentes confrontos, como por exemplo, durante a manifestação *Unite the Right* e os posteriores confrontos em Charlottesville (de 11 a 12 de agosto de 2017), e no caso mediático de Kyle Rittenhouse, em Kenosha (25 de agosto de 2020). Por fim, este extremar de posições ideológicas e a perpetuação de problemas sistémicos, culminaram na invasão do Capitólio, em Washington D.C., a 6 de janeiro de 2021.

¹⁰⁸ Kupchan, Charles A. (2020). *Isolationism – A History of America’s Efforts to Shield Itself From The World*. New York, Oxford University Press. pp. 348-349

¹⁰⁹ FiveThirtyEight (2022). *How popular is Joe Biden?*. [online] Disponível em: <https://projects.fivethirtyeight.com/biden-approval-rating/?cid=rrpromo>

¹¹⁰ *Idem* (2021). *How popular is Donald Trump?*. [online] Disponível em: <https://projects.fivethirtyeight.com/biden-approval-rating/?cid=rrpromo>

Para além das crescentes clivagens sociais nos EUA, a política externa e interna de Washington tem afectado igualmente a opinião pública internacional, permitindo à RPC demarcar-se por um crescimento progressivo de apoio no sistema internacional.¹¹¹ Dados fornecidos pelo Pew Research Center indicam que 49% das pessoas consideram que a China suplantará os EUA e assumirá um posto de liderança global (dados recolhidos de 44 países) e somente 34% defendem a continuidade da liderança norte-americana.¹¹² No momento deste estudo (2014), a Casa Branca contava com uma taxa de aprovação global média de 65%, apenas sete anos mais tarde (durante o primeiro semestre de 2021), o líder da ordem internacional liberal obteve uma média de aprovação global de 49%.¹¹³

Os crescentes problemas internos e a discórdia política, têm sido igualmente intensificados devido às políticas deficitárias de imigração, uma questão perpetuada desde a administração Obama, contudo, os problemas vividos no bastião da democracia (Washington) atingiram novos patamares por influência da pandemia de SARS-CoV-2, responsável por impactar negativamente a economia americana (analisado no subcapítulo, *Indicadores económicos*). Após o início da pandemia foi possível constatar um aumento nos níveis de desemprego, no número de cidadãos sem-abrigo, na quantidade de pessoas afetadas por transtornos do foro psíquico e no consumo de estupefacientes. De acordo com uma pesquisa conduzida pelo *Congressional Research Center*, após o surgimento da COVID-19, durante o período de fevereiro a abril de 2020, viu-se uma ascensão no número de desempregados, passando de 3,5% para 14,8%.¹¹⁴

Como referido, a sociedade civil americana tem-se destacado por um surgimento preocupante de transtornos psíquicos e de consumo de estupefacientes, principalmente opiáceos, um fenómeno cristalino nos diversos litígios contra companhias farmacêuticas americanas, como a Purdue Pharma (produtora do medicamento *OxyContin*).¹¹⁵ Estudos

¹¹¹ Pew Research Center (2014). *Global Opposition to U.S. Surveillance and Drones, but Limited Harm to America's Image*. Pew Research Center. pp. 26-27

¹¹² *Ibidem*, p. 33

¹¹³ Gallup (2021). *Rating World Leaders: The U.S. vs. Germany, China and Russia*. edited by Mohamed Younis, Gallup. p. 4

¹¹⁴ Falk, Gene et al. (2021). *Unemployment Rates During the COVID-19 Pandemic*. Congressional Research Service. p. 5

¹¹⁵ Hoffman, Jan (1 de setembro de 2021). *Purdue Pharma Is Dissolved and Sacklers Pay \$4.5 Billion to Settle Opioid Claims*. New York, The New York Times. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2021/09/01/health/purdue-sacklers-opioids-settlement.html>

conduzidos pela *American Psychological Association*, durante o período de 28 de agosto a 5 de outubro, revelaram que 74% dos psicólogos norte-americanos afirmavam ter observado um aumento de pacientes com ansiedade, dos quais 60% revelavam sinais de uma profunda depressão.¹¹⁶ Complementarmente, estes profissionais de saúde constatarem um aumento de 48% de pacientes com transtornos relacionados com trauma ou *stress*, e um incremento de 51% de utentes com transtornos do sono.¹¹⁷ Mandy Owens, psicóloga clínica e investigadora do *University of Washington Alcohol and Drug Abuse Institute*, afirma que em conjunto com a deterioração psíquica dos norte-americanos foi notório um aumento do abuso de substâncias, uma epidemia particularmente acentuado devido ao número de dependentes de opiáceos (como por exemplo *fentanyl*) e estimulantes, tal como corroborado por diversas organizações, como o *Centers for Disease Control and Prevention*, tendo este revelado, em junho de 2020, um aumento de 13% no número de cidadãos com dependência destas substâncias.¹¹⁸

Os problemas sistémicos que têm assolado o líder da ordem internacional liberal, ao longo dos anos, são também evidentes ao analisar a sua taxa de encarceramentos, isto é, em 2021 os EUA eram o país com o maior número de reclusos e a média mais alta *per capita* (com uma distância significativa do segundo colocado, El Salvador), aproximadamente 2.12 milhões, equivalente a 639 presos por cem mil habitantes.¹¹⁹ Em 2019, três cidades norte-americanas, Saint Louis, Baltimore e Detroit, foram a nona, décima-primeira e trigésima-quarta cidades (respetivamente), com a maior taxa de homicídios.¹²⁰ O criador da ordem internacional liberal destaca-se negativamente também pelo número de cidadãos sem-abrigo, um problema latente aos EUA, mas em ascensão desde o início da pandemia, portanto, em 2020, foram sinalizadas 567,715

¹¹⁶ Bethune, Sophie (17 de novembro de 2020). *Psychologists Report Large Increase In Demand For Anxiety, Depression Treatment*. American Psychological Association. Disponível em: <https://www.apa.org/news/press/releases/2020/11/anxiety-depression-treatment>

¹¹⁷ *Ibidem*.

¹¹⁸ Abramson, Ashley (1 de março de 2021). *Substance use during the pandemic*. American Psychological Association. Disponível em: <https://www.apa.org/monitor/2021/03/substance-use-pandemic>

¹¹⁹ Statista (2 de junho de 2021). *Countries with the largest number of prisoners per 100,000 of the national population, as of May 2021*. Statista Research [online] Department. Disponível em: <https://www.statista.com/statistics/262962/countries-with-the-most-prisoners-per-100-000-inhabitants/>

¹²⁰ Seguridad, Justicia y Paz (1 de junho de 2020). *Boletín Ranking 2019 de las 50 ciudades más violentas del mundo*. Ciudad de México: Consejo Ciudadano para la Seguridad Pública y la Justicia Penal A.C..

peessoas a viver nas ruas, o que representa um aumento de dois pontos percentuais comparativamente com o ano anterior.¹²¹

Resumindo, a perpetuação de diversos problemas sistêmicos e uma política externa ineficiente causaram um elevado nível de comoção na sociedade civil americana, que consequentemente destabiliza o governo norte-americano. Como defendido pela teoria realista das relações internacionais, a política interna é responsável por delinear a política externa, ou seja, as clivagens sociais nos EUA pressionam o governo a reajustar as suas políticas de modo a responder aos apelos da sua população, criando uma dicotomia de abordagens como defendido por Stephen Sestanovich. Esta clivagem social, em conjunto com a acentuada divisão ideológica e política que assola os EUA, levou a população americana a defender um recuo estratégico (*retrenchment*) no sistema internacional, focando-se nos crescentes problemas internos, uma abordagem responsável por criar uma alienação da sua função de líder da ordem mundial liberal, fragilizando a ordem liberal e a sua posição enquanto potência hegemónica.

II. 2. Política externa norte-americana

Desde 1992 a 2017, os EUA orquestraram um avassalador número de intervenções militares (188), em conjunto com a vasta expansão da OTAN, algo que levou a diversos confrontos com as restantes potências, como a Rússia¹²² e a China. Como Kupchan magnificamente refere, Washington viu na queda da União Soviética uma oportunidade de ouro para consolidar a ordem internacional liberal e alcançar o “fim da história” (termo de Fukuyama), contudo, a formulação da política externa americana procurou alcançar o impossível, demonstrando-se inconstante e questionável, criando uma enorme sobre-extensão estratégica (*overreach*) que apenas acelerou a decadência americana e legitimou regimes considerados autoritários.¹²³ Assim sendo, a política externa intervencionista foi responsável por dividir a sociedade e as forças políticas, amontoando encargos ao longo dos tempos que demonstraram ser prejudiciais para o país, um problema que as administrações seguintes têm vindo a procurar corrigir, com o intuito de minorar a fratura na paisagem política e social.

¹²¹ OECD - Social Policy Division (2021). *HC3.1. Homeless Population*. Organisation for Economic Cooperation and Development. p. 4

¹²² Kupchan, Charles A. (2020). *Isolationism – A History of America's Efforts to Shield Itself From The World*. New York, Oxford University Press. p. 323

¹²³ *Ibidem*, p. 323

Como plasmado na teoria realista das relações internacionais, a política é considerada estatocêntrica, coloca o Estado no centro do sistema internacional, estabelecendo que a política externa advém da política interna, efectuando a sua continuidade.¹²⁴ Este fenómeno é particularmente cristalino durante as administrações em estudo nesta dissertação, devido à utilização da política externa para a defesa dos interesses nacionais. Na atualidade, associa-se Donald Trump ao isolacionismo e ao confronto com o regime chinês, porém, como previamente citado, este retraimento estratégico no sistema internacional e a centralidade da China na política externa norte-americana, foram iniciados por Barack Obama, numa tentativa de reter a hegemonia dos EUA.

Com a dissipação de características do liberalismo internacionalista de Woodrow Wilson, no sistema internacional¹²⁵, Barack Obama reconheceu, desde o momento da sua campanha eleitoral, a necessidade de modificar o intervencionismo draconiano que tinha levado a anterior administração (George W. Bush) a desvirtuar o poder dos EUA e a colocar o Estado numa posição de sobre-extensão.¹²⁶ A Casa Branca, perante um impasse estratégico compreendeu ser necessário estabelecer um certo nível de isolacionismo, uma abordagem que permitiria responder aos apelos da sociedade civil (obtendo um maior nível de aprovação interna) e alocar os seus meios de modo a conter a ascensão de Pequim, uma abordagem consubstanciada no “*pivot asiático*”.

A canalização de esforços para confrontar a ameaça que se avizinhava, a ascensão do “Império do Meio”, foi aplicada em diversos sectores, nomeadamente, no sector da diplomacia. O então presidente dos EUA, Barack Obama, confrontou-se com a consolidação dos denominados BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), um conjunto de economias emergentes cujo a crescente influência em assuntos regionais representava uma clara ameaça à hegemonia norte-americana.¹²⁷

Ao longo dos oito anos de administração, Barack Obama, procurou reduzir paulatinamente os esforços empenhados no sistema internacional e reforçar relações

¹²⁴ Gaspar, Carlos (2021). *Teoria das Relações Internacionais*. Lisboa: Livros Horizonte. pp. 23-24

¹²⁵ Soller, Diana (dezembro de 2021). “Estados Unidos da América”. *Interim National Security Strategic Guidance, IDN Cadernos – Documentos Estratégicos de Segurança e Defesa*, nº44, Instituto de Defesa Nacional, 17-30. pp. 17-18

¹²⁶ Unger, David (2016). *The Foreign Policy Legacy of Barack Obama*. The International Spectator. 51(4), 1-16. p.1

¹²⁷ Soller, Diana (dezembro de 2021). “Estados Unidos da América”. *Interim National Security Strategic Guidance, IDN Cadernos – Documentos Estratégicos de Segurança e Defesa*, nº44, Instituto de Defesa Nacional, 17-30. p. 19

estratégicas, desse modo, considerou imperativo efetuar um estreitamento de relações com a Federação Russa, em 2010, uma aproximação que permitiria alcançar um acordo para a redução de armamento nuclear com a Rússia¹²⁸ e afastar os dois maiores Estados revisionistas, através do denominado *RESTART* (*perezagruzka* em russo).¹²⁹ Contudo, esta aproximação foi infrutífera devido à alegada interferência de Washington na Ucrânia, como será indagado ao longo do estudo de caso presente nesta dissertação.

Novamente a má execução da política externa norte-americana foi responsável pelo enfraquecimento da sua posição no sistema internacional, isto é, o colapso da aproximação consubstanciada no *RESTART*, resultou no aumento da hostilidade russa e no incentivo da criação de um eixo revisionista, entre a China e a Rússia (fundamental para a ascensão do “Império do Meio”). Posteriormente, a administração democrata de Joe Biden, ao lidar com a crescente volatilidade do conflito no Leste da Ucrânia, revelou fraqueza e foi incapaz de fazer frente às provações russas, tendo o conflito escalado para uma completa invasão militar da Ucrânia, enquanto Washington observava complacentemente (como será analisado detalhadamente no capítulo referente à guerra na Ucrânia).

A crescente hostilidade e capacidades da República Popular da China, revelaram-se unificadoras da sociedade política e civil norte-americana, gerando consenso e despertando a necessidade de uma mudança de paradigma na sua política externa, não obstante, como visto ao longo do subcapítulo anterior, existe uma dicotomia nas abordagens ao sistema internacional.

Ao analisar os interesses geoestratégicos dos EUA, o governo de Barack Obama, procurou reduzir os encargos no sector da defesa e retirar as Forças Armadas americanas do Iraque, uma medida que estava em consonância com a opinião pública, mas perante uma crescente ameaça terrorista (Al-Qaeda) e consenso entre os seus aliados, Barack Obama, viu-se obrigado a aumentar substancialmente as suas tropas no Afeganistão de 30.000 para 100.000 soldados.¹³⁰ No decorrer da sua campanha para um segundo mandato, Barack Obama, foi desenvolvendo uma narrativa política de cautela

¹²⁸ Unger, David (2016). *The Foreign Policy Legacy of Barack Obama*. The International Spectator. 51(4), 1-16. pp. 2-4

¹²⁹ Isikoff, Michael, e Corn, David (2018). *Roleta Russa – Os bastidores da guerra de Putin à América e a eleição de Donald Trump*. Trad. Marta Pinho, Alfragide: Casa das letras. pp.40-41

¹³⁰ Obama, Barack (23 de maio de 2013). *Remarks at National Defense University*. Office of the Federal Register: National Archives and Records Administration. Disponível em: <https://www.govinfo.gov/content/pkg/DCPD-201300361/pdf/DCPD-201300361.pdf>

face a conjuntura no Médio Oriente, aludindo à retirada de tropas em missões internacionais¹³¹ e anunciando que somente voltaria a intervir no Médio Oriente em última instância, isto é, caso fossem utilizadas armas químicas.¹³²

A 20 de agosto de 2012, o regime de Bashar al Assad, terá alegadamente utilizado armas químicas para dizimar civis sírios, mas o governo norte-americano absteve-se de intervir no país, em função da opinião pública americana, demonstrando inércia e uma enorme incongruência na sua política externa.¹³³ Segundo um estudo conduzido pela Gallup, em 2013, a opinião pública americana demonstrava-se relutante perante uma potencial intervenção em solo sírio, sendo que a esmagadora maioria dos inquiridos (68%) defendia a não-ingrerência no conflito e apenas 24% eram a favor de uma intervenção americana (8% dos inquiridos não tinham opinião formada).¹³⁴

Como Kupchan refere na sua obra, Washington demonstrou parcimónia na sua política externa ao abster-se de reivindicar o limite estabelecido, tendo apenas aprovado uma intervenção quando considerou os seus interesses ameaçados, ou seja, após a Rússia ter oferecido uma ação alternativa.¹³⁵ Diana Soller, define o reajuste das regras de intervenção militar, para momentos de estrito interesse nacional e após aprovação das organizações internacionais, como a “Doutrina Obama”.¹³⁶ Consequentemente, a hesitação norte-americana fragilizou, uma vez mais, a sua credibilidade e prestígio no sistema internacional, demonstrando-se incapaz de executar as suas promessas e alimentando o discurso acusatório das potências revisionistas.

O quadragésimo-quarto presidente dos EUA, durante o seu mandato, pautou por um retraimento, mas também por uma diplomacia bilateral, nomeadamente, com os

¹³¹ Obama, Barack (22 de junho de 2011). *Address to the Nation on the Drawdown of United States Military Personnel in Afghanistan*. Office of the Federal Register: National Archives and Records Administration. Disponível em: <https://www.govinfo.gov/content/pkg/DCPD-201100463/pdf/DCPD-201100463.pdf>

¹³² *Idem* (20 de agosto de 2012). *Remarks and an Exchange With Reporters Following a Press Briefing by White House Press Secretary James F. “Jay” Carney*. The White House, Washington D.C.. Disponível em: <https://www.govinfo.gov/content/pkg/PPP-2012-book2/pdf/PPP-2012-book2-doc-pg1244.pdf>

¹³³ Rhodes, Ben (3 de junho de 2018). *Inside the White House During the Syrian “Red Line” Crisis*. The Atlantic. [online] Disponível em: <https://www.theatlantic.com/international/archive/2018/06/inside-the-white-house-during-the-syrian-red-line-crisis/561887/>

¹³⁴ Jones, Jeffrey M. (31 de maio de 2013). *Americans Oppose U.S. Military Involvement in Syria*. Gallup. <https://news.gallup.com/poll/162854/americans-oppose-military-involvement-syria.aspx>

¹³⁵ Kupchan, Charles A. (2020). *Isolationism – A History of America’s Efforts to Shield Itself From The World*. New York, Oxford University Press. pp. 2-3

¹³⁶ Soller, Diana (dezembro de 2021). “Estados Unidos da América”. *Interim National Security Strategic Guidance, IDN Cadernos – Documentos Estratégicos de Segurança e Defesa*, nº44, Instituto de Defesa Nacional, 17-30. p. 20

regimes de Cuba, de Myanmar e do Irão. Em 2012, Barack Obama, aliviou as restrições impostas a Havana e decretou a visita de um embaixador americano ao país, em 2014, o presidente norte-americano visitou formalmente Myanmar, e por fim, em 2015, ratificou o acordo nuclear com Teerão.¹³⁷ Apesar do recuo diplomático com Cuba e a rutura do tratado nuclear, durante a administração republicana, Trump utilizou igualmente uma diplomacia bilateral para travar a potencial ameaça nuclear da Coreia do Norte, tendo-se deslocado ao país no dia 30 de junho de 2019, e, estabelecido uma relação histórica, numa tentativa de desnuclearização de Pyongyang, um aliado próximo da RPC.

Deste modo, a abordagem de Obama é demonstrativa de um crescente retraimento na política externa dos EUA, algo que foi perpetuado pelo seu sucessor, Donald Trump. O magnata do imobiliário americano exigiu uma maior participação por parte dos seus aliados e continuou o “*pivot asiático*”, para tal, cessou abruptamente a participação americana em diversas frentes do Médio Oriente. O chefe de Estado, demonstrou um expoente máximo de confronto com a China, como é notório nos documentos de segurança nacional (dos EUA), tendo designado a China (e a Rússia) como potência revisionista, e até mesmo, inimigo.¹³⁸ A administração Trump condenou publicamente a supressão dos protestos pró-democracia em Hong Kong, por parte do regime de Pequim,¹³⁹ e o desrespeito pelos direitos humanos na região de Xinjiang, com a repressão da população muçulmana, Uigur.¹⁴⁰

Apesar do sucesso obtido por parte da administração Trump na securitização da China, o quadragésimo-quarto presidente equivocou-se ao abandonar, em 2017, o acordo económico iniciado pelo seu antecessor, o *Trans-Pacific Partnership (TPP)*. Este projeto contava com doze Estados, responsáveis por aproximadamente 40% do PIB mundial, e permitia estabelecer um conjunto de normas e tarifas reguladoras de empresas estatais, em simultâneo com um avanço dos interesses estratégicos norte-

¹³⁷ Kupchan, Charles A. (2020). *Isolationism – A History of America’s Efforts to Shield Itself From The World*. New York, Oxford University Press. pp. 335-336

¹³⁸ Presidente dos EUA (2017). *National Security Strategy of the United States of America*. Washington D.C.: The White House. p. 25

¹³⁹ Pomfret, James, e Qiu, Stella (31 de maio de 2020). *China media, Hong Kong government bristle at Trump’s pledge of curbs, sanctions*. Reuters. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-us-canada-52856876>

¹⁴⁰ Zengerle, Patricia (17 de junho de 2020) *Trump signs bill pressuring China over Uighur Muslim crackdown*. Reuters. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/us-usa-china-xinjiang-idUSKBN23O3EW>

americanos na região do Indo-Pacífico.¹⁴¹ Deste modo, a administração Trump abandonou algum do legado deixado pelo seu antecessor, particularmente, instituições económicas desenvolvidas para a contenção da China, substituí-as por novas parcerias estratégicas defensivas, como o *QUAD* (*Security Quadrilateral Dialogue*).

O *QUAD*, retomado em 2017, apesar de não representar uma aliança formal, é uma iniciativa cujo objectivo prende-se na intensificação da cooperação económica e securitária dos seus membros, os EUA, o Japão, a Índia e a Austrália, permitindo garantir a liberdade de navegação no Indo-Pacífico, uma contestação clara das pretensões chinesas na região (Pequim construiu múltiplas ilhas artificiais¹⁴²). O *QUAD* e a colaboração estabelecida com alguns países vizinho do “Império do Meio”, como a Coreia do Sul, o Vietnam e a Nova Zelândia, no âmbito do *QUAD PLUS*, demonstraram um seguimento lógico da agenda política de Donald Trump, tendo este reduzido os gastos diplomáticos para aumentar significativamente as verbas disponíveis para a defesa e tecnologias.¹⁴³

A presença de Washington e dos seus parceiros, no Indo-Pacífico tem sido reforçada através de exercícios marítimos, conduzidos pelo *QUAD*, e pela criação de um pacto de defesa entre os EUA, a Austrália e o Reino Unido, o *AUKUS*.¹⁴⁴ Contudo, antes de sair do poder, Donald Trump, compreendeu a importância de digladiar-se com a RPC pela crescente influência nas regiões, em diversas frentes, tendo projetado a disponibilização de uma assistência financeira para países da Ásia, África e América do Sul.¹⁴⁵

Apesar do reforço da presença americana na zona estratégica do Indo-Pacífico, o abandono de diversas instituições durante a administração colocou o país numa posição precária no sistema internacional, uma vez que, tal como Ikenberry refere, estas instituições concediam alguma estabilidade à ordem internacional, mesmo após o

¹⁴¹ Allison, Graham (2020). *The New Spheres of Influence: Sharing the Globe with Other Great Powers*. Foreign Affairs. p. 3

¹⁴² Friedberg, Aaron L. (2017). *The Authoritarian Challenge: China, Russia and the Threat to the Liberal International Order*. Japão: The Sasakawa Peace Foundation. p. 32

¹⁴³ Soller, Diana (dezembro de 2021). “Estados Unidos da América”. *Interim National Security Strategic Guidance*, *IDN Cadernos – Documentos Estratégicos de Segurança e Defesa*, nº44, Instituto de Defesa Nacional, 17-30. p. 21

¹⁴⁴ *Ibidem*, p. 25

¹⁴⁵ O’Rourke, Ronald (2021). *U.S. Role in the World: Background and Issues for Congress*. Congressional Research Service. p. 7

declínio do Estado hegemónico.¹⁴⁶ O abandono destas instituições por parte do presidente republicano, para além de desvirtuar os fundamentos da ordem internacional liberal, deixou um vazio estratégico que tem vindo a ser ocupado pela RPC, como será demonstrado, no terceiro capítulo da dissertação, *O Império do Meio*.

Os EUA procuraram reforçar as suas relações estratégicas, de modo a contestar a crescente influência chinesa, porém, a valorização dos seus aliados foi colocada em questão. Em outubro de 2019, na sucessão da retirada das Forças Armadas americanas da Síria, colocou os seus parceiros estratégicos no combate ao ISIS (a milícia curda) à merce da obliteração, por parte do regime turco de Recep Erdoğan.¹⁴⁷ Posteriormente, em fevereiro de 2020, Donald Trump, foi novamente alvo de duras críticas por parte dos seus aliados Ocidentais, após ter estabelecido um acordo de paz com os Taliban, que culminou na caótica retirada de tropas americanas do Afeganistão, durante a administração Biden.

Trump pautou a sua presidência por uma abordagem unilateral mais assertiva, respondendo categoricamente a potenciais ameaças, como ocorreu após as diversas provocações iranianas (alegado financiamento dos ataques à embaixada americana em Bagdad e às instalações petrolíferas na Arábia Saudita, em 2019), retaliando com o assassinato do Tenente-General iraniano, Qassem Soleimani. No entanto, apesar das medidas “musculadas” da administração Trump, o chefe de Estado americano procurou sempre evitar a presença das suas tropas em solo estrangeiro, recorrendo geralmente à utilização de aeronaves não-tripuladas, como os *drones*.¹⁴⁸

A 14 de julho de 2020, na sequência da Lei de Segurança Nacional imposta por Pequim, o presidente republicano condenou a crescente interferência chinesa em Hong Kong e aprovou o, *Hong Kong Autonomy Act*, em conjunto com a ordem executiva para a normalização de Hong Kong (*Executive Order on Hong Kong Normalization*). A abordagem do governo de Washington demonstrou o seu claro descontentamento face a coacção chinesa em Hong Kong, portanto, a redução de autonomia da antiga colónia britânica, fez com que os EUA cessassem o especial tratamento da região, a exportação

¹⁴⁶ O'Rourke, Ronald (2021). *U.S. Role in the World: Background and Issues for Congress*. Congressional Research Service. p. xvii

¹⁴⁷ Kupchan, Charles A. (2020). *Isolationism – A History of America's Efforts to Shield Itself From The World*. New York, Oxford University Press. pp. 3-4

¹⁴⁸ *Ibidem*, p. 341

de tecnologias e sancionassem diversos oficiais.¹⁴⁹ Deparando-se com a crescente competição e intrusão da RPC, Donald Trump, através da Ordem Executiva 13959, aprovou um novo conjunto de sanções, a 12 de novembro de 2020, denominado de *Addressing the Threat From Securities Investments That Finance Communist Chinese Military Companies*, impossibilitando o investimento norte-americano em empresas de origem chinesa, uma vez que estas utilizam o seu sector privado para potenciar o Exército de Libertação Popular (Forças Armadas da RPC) e o regime, através de medidas como a *Fusão civil-militar* (abordada no capítulo seguinte).¹⁵⁰

À imagem das acusações russas, durante a administração Obama, de interferência americana e suplantação do governo ucraniano, e da desconsideração da integridade territorial dos Estados por parte de Washington, como por exemplo na Líbia e na Síria, a administração Trump foi acusada de intervir na Venezuela. O país sul-americano mergulhou numa profunda crise, após a alegada tentativa de interferência por parte da Casa Branca, através do apoio a Juan Guaidó¹⁵¹ e do reconhecimento deste como presidente da Venezuela.

Os Estados revisionistas têm tirado partido destes momentos para descredibilizar a política externa dos EUA e a sua posição cimeira no sistema internacional, possibilitando um paralelismo entre o último exemplo e a invasão da Baía dos Porcos, em Cuba.¹⁵² A magnitude dos equívocos perpetrados pela política externa americana tem providenciado os instrumentos necessários para a legitimação de Estados autoritários como a Rússia e a China, e para as suas intervenções hostis no sistema internacional, como foi notório na declaração de guerra à Ucrânia, por parte de Vladimir Putin.¹⁵³ Estes lapsos são igualmente responsáveis por acelerar a transição de poder no sistema internacional, consolidando a ascensão de um novo líder, a China, que utiliza os

¹⁴⁹ Presidente dos EUA (17 de julho de 2020). *The President's Executive Order on Hong Kong Normalization*. Executive Order 13936, vol.85, nº138. Washington D.C.: The White House.

¹⁵⁰ *Idem* (17 de novembro de 2020). *Addressing the Threat From Securities Investments That Finance Communist Chinese Military Companies*. Executive Order 13959, vol.85, nº222. Washington D.C.: The White House.

¹⁵¹ Houeix, Romain (15 de maio de 2020). *Los mercenários detrás de la intentona de golpe en Venezuela*. France24. Disponível em: <https://www.france24.com/es/20200514-silvercorp-intento-golpe-nicolas-maduro-venezuela-eeuu-guaido>

¹⁵² Anderson, Jon L. (13 de maio de 2020). *In Venezuela, Americans Attempt to Stage a "Bay of Pigs"*. The New Yorker. Disponível em: <https://www.newyorker.com/news/daily-comment/in-venezuela-americans-attempt-to-stage-a-bay-of-pigs>

¹⁵³ Putin, Vladimir (24 de fevereiro de 2022). *Address by the President of the Russian Federation*. Moscovo: Kremlin. Disponível em: <http://en.kremlin.ru/events/president/news/67843>

intransponíveis erros da Casa Branca para reivindicar uma visão alternativa do sistema internacional, baseada na “coexistência harmoniosa” dos Estados.¹⁵⁴

A política externa norte-americana, originou dois posicionamentos perante a sua liderança e perante a ordem internacional liberal. A habitual perspetiva dos países Ocidentais, alega que os benefícios desta ordem internacional ofuscam as desvantagens, uma vez que permitem a promoção da liberdade, da democracia e dos direitos humanos, através de uma liderança global não-coerciva.¹⁵⁵ No entanto, os Estados que se opõem à liderança de Washington e à ordem internacional liberal, encabeçados pela República Popular da China (e pela Rússia), afirmam que os princípios reiterados pelas potências Ocidentais não são respeitados, sendo que estes recorrem arbitrariamente à força, desrespeitando a integridade territorial dos Estados, para solucionar conflitos no sistema internacional, classificando a ordem de “razão feita pela força” (*might-makes-right*).¹⁵⁶

A percepção da ordem liberal internacional, criada no período pós-Segunda Guerra Mundial, sofreu alterações substanciais em diversas partes do globo, passando de algo essencial para os valores mundiais, da liberdade, dos direitos humanos e da paz, para algo meramente instrumental, que permite a manutenção da segurança, da economia e da política, por parte da potência hegemónica (os EUA), aspectos exacerbados pela actual competição de poder com as duas maiores potências revisionistas (China e Rússia).¹⁵⁷ Estudos elaborados pelo Pew Research Center, em 2014, demonstram que a aprovação internacional da política externa norte-americana tem estado em declínio nas últimas duas décadas, tanto em países rivais, como aliados.¹⁵⁸ Apesar dos atentados de 11 de setembro de 2001 terem desencadeado o estreitamento de relações multilaterais e o reforço da mundividência americana na comunidade internacional, as posteriores intervenções norte-americanas tiveram o efeito contrário, como é possível verificar em alguns momentos chave.

Em 2013, após o antigo agente de inteligência da *National Security Agency*, Edward Snowden, ter revelado a existência de um sistema norte-americano cuja missão era a espionagem à escala mundial (*Stellar Wind*), a reputação de Washington foi

¹⁵⁴ Allison, Graham (2017). *Destined for War*. London: Scribe Publications. p. 110

¹⁵⁵ O'Rourke, Ronald (2021). *U.S. Role in the World: Background and Issues for Congress*. Congressional Research Service. p. i

¹⁵⁶ *Ibidem*, p. 2

¹⁵⁷ *Ibidem*, p.3

¹⁵⁸ Pew Research Center (2014). *Global Opposition to U.S. Surveillance and Drones, but Limited Harm to America's Image*. Pew Research Center. pp. 13-16

seriamente manchada, afectando as relações com os restantes Estados. Segundo o Pew Research Center, na sequência deste evento, 22 de 36 países analisados, demonstraram uma queda superior a vinte pontos percentuais na confiança depositada no líder da actual ordem internacional, incluindo parceiros estratégicos, como a Espanha.¹⁵⁹ A utilização de *drones*, nas suas intervenções internacionais, causou do mesmo modo um tumulto e desagrado generalizado na comunidade internacional, tendo no seguimento da intervenção na Síria (em 2014), 37 de 44 países inquiridos, condenado a utilização destas tecnologias.

Ronald O'Rourke, do *Congressional Research Service*, determina que a abordagem céptica tomada pela administração Trump durante a pandemia de COVID-19, poderá assumir um cariz transformativo, afectando a longo prazo a presença norte-americana no sistema internacional.¹⁶⁰ As duras críticas e a desvalorização de instituições criadas pelos EUA, como a OMS na sequência da pandemia, por parte do governo de Donald Trump, colocaram em causa a liderança de Washington no sistema internacional e a ordem internacional liberal. De acordo com alguns especialistas, a pandemia representa a primeira crise mundial em que os EUA não assumiram um papel de liderança, deixando a China assumir um papel cimeiro na neutralização da crise.¹⁶¹

Joe Biden, apenas dois meses após a sua tomada de posse, reconheceu a necessidade de se distanciar de alguns aspetos presentes na política perpetrada pela administração Trump, de modo a apaziguar a polarização existente na sociedade norte-americana e reaproximar-se dos seus parceiros estratégicos, algo que foi notório na publicação de um documento interino, *Interim National Security Strategic Guidance*, por parte do atual chefe de Estado norte-americano.¹⁶² Como referido por Diana Soller, o presidente dos EUA iniciou um imediato afastamento das políticas de Donald Trump, colocando em marcha uma nova “doutrina” (“Doutrina Biden”), todavia, a sua abordagem política encontrava-se tingida pelas suas permanentes gafes, nomeadamente, ao assegurar que o maior adversário de Washington seria a Rússia, algo que retificou

¹⁵⁹ Pew Research Center (2014). *Global Opposition to U.S. Surveillance and Drones, but Limited Harm to America's Image*. Pew Research Center. pp. 24-25

¹⁶⁰ O'Rourke, Ronald (2021). *U.S. Role in the World: Background and Issues for Congress*. Congressional Research Service. p. 3

¹⁶¹ *Ibidem*, p. 3

¹⁶² Biden, Joseph (2021). *Interim National Security Strategic Guidance*. Washington D.C.: The White House. Disponível em: <https://www.whitehouse.gov/wp-content/uploads/2021/03/NSC-1v2.pdf>

pouco tempo depois, retomando uma retórica semelhante ao seu antecessor, definindo a RPC como o verdadeiro desafio sistêmico.¹⁶³

O documento em epígrafe, elaborado pela administração Biden, permitiu estabelecer diversas linhas de orientação relativamente à sua abordagem ao sistema internacional, representando uma continuidade do legado deixado por Donald Trump relativamente ao endurecimento de relações com a China, uma vez que o magnata do mercado imobiliário norte-americano, foi responsável pela aceitação generalizada de que os EUA se encontravam num confronto permanente pela transição de poder com o “Império do Meio”.¹⁶⁴ A abordagem de maior assertividade iniciada pela administração Trump permitiu a imprescindível alocação de capacidades norte-americanas na Ásia e congregar os seus aliados em alianças estratégicas para combater a crescente presença chinesa.

Independentemente das crescentes dificuldades que a presença americana enfrenta no sistema internacional, a atual administração norte-americana, como referido anteriormente, estabelece a sua política externa com um pendor cooperativo, procurando retomar o seu lugar cimeiro na manutenção da ordem internacional liberal, e utilizar a diplomacia para restaurar um maior nível de proximidade com os seus parceiros estratégicos e alianças (principalmente após o início de uma guerra total na Ucrânia).¹⁶⁵ Em contrapartida, Joe Biden, contrariamente ao seu antecessor, deparou-se com a deterioração das relações bilaterais com a Rússia, sendo incapaz de conter as atividades hostis russas. Pouco tempo após a sua tomada de posse, o atual presidente dos EUA, deparou-se com o crescimento exponencial de uma narrativa de confronto por parte do Kremlin, tendo Vladimir Putin declarado publicamente a sua admiração por Donald Trump e criticado Joe Biden, culpabilizando-o pela degradação das relações entre os dois países.¹⁶⁶

Outro exemplo da fragilidade diplomática e falta de assertividade do democrata, poderá ser constatado no posicionamento tomado relativamente ao homicídio de um

¹⁶³ Soller, Diana (dezembro de 2021). “Estados Unidos da América”. *Interim National Security Strategic Guidance*, IDN Cadernos – Documentos Estratégicos de Segurança e Defesa, nº44, Instituto de Defesa Nacional, 17-30. p. 17

¹⁶⁴ *Ibidem*, pp. 21-22

¹⁶⁵ *Ibidem*, p. 22

¹⁶⁶ Putin, Vladimir (11 de junho de 2021). *Exclusive Putin Interview with NBC News’ Keir Simmons* [video]. NBC News. Disponível em <https://www.nbcnews.com/news/world/transcript-nbc-news-exclusive-interview-russia-s-vladimir-putin-n1270649>

jornalista originário da Arábia Saudita, Jamal Khashoggi, morto a 2 de outubro de 2018. Durante a campanha eleitoral, Joe Biden, repetiu incessantemente que o príncipe herdeiro, Mohammed bin Salman, teria sido responsável por decretar o assassinato do jornalista (Khashoggi) e que a Arábia Saudita seria um Estado pária, porém, ao iniciar funções, celeremente mudou de retórica. Apesar de uma investigação, conduzida pelos serviços de inteligência dos EUA, ter concluído que existiu um envolvimento direto da realeza saudita no assassinato¹⁶⁷, o presidente democrata desconsiderou as provas providenciadas (tal como Donald Trump tinha feito) e mudou o seu posicionamento, sobrepondo os interesses económicos e comerciais americanos, aos direitos humanos, uma vez que a Arábia Saudita representa um dos maiores fornecedores de petróleo dos EUA, responsável por exportar, em 2021, uma média diária de 356.000 barris.¹⁶⁸ Complementarmente, o atual presidente dos EUA aprovou a venda denominada de “Riyadh”, ou seja, autorizou o fornecimento de armamento à Arábia Saudita, no valor de 650 milhões de dólares¹⁶⁹, um exemplo adicional da incongruência da Casa Branca e a utilização da política externa em função dos interesses nacionais.¹⁷⁰

Como reiterado pela teoria realista das relações internacionais, a política externa de um Estado tem como propósito assegurar os interesses da nação, portanto, desde a administração Obama, que os líderes dos EUA decidiram iniciar um retraimento do sistema internacional, focando-se somente nos problemas internos e no desafio sistémico que permanecia na penumbra do sistema internacional, a meteórica ascensão da China acelerada pela actividade disruptiva da Federação Russa. Não obstante, o intervencionismo conduzido ao longo dos anos, seguido pelo afastamento dos aliados de Washington (*retrenchment*), em resposta ao descontentamento dos cidadãos americanos, cimentou a descredibilização dos EUA e deixou um vazio estratégico no sistema internacional, que tem sido preenchido pela RPC, em busca de uma nova mundividência, a “comunidade de destino comum”.

¹⁶⁷ Office of the Director of National Intelligence (2021). *Assessing the Saudi Government's Role in the Killing of Jamal Khashoggi*. Washington D.C.: Office of the Director of National Intelligence.

¹⁶⁸ U.S. Energy Information Administration (28/02/2022). *U.S. Imports from Saudi Arabia of Crude Oil*. U.S. Energy Information Administration. [online] Disponível em: <https://www.eia.gov/dnav/pet/hist/LeafHandler.ashx?n=PET&s=MCRIMUSSA2&f=M>

¹⁶⁹ É importante referir, para que não surjam dúvidas, que a informação numérica presente ao longo desta dissertação segue a ordem numérica portuguesa (milhões, mil milhões, biliões, mil biliões, triliões).

¹⁷⁰ Al Jazeera (4 de novembro de 2021). *Biden administration approves \$650m weapon sale to Saudi Arabia*. Al Jazeera. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2021/11/4/biden-administration-approves-650m-weapon-sale-to-saudi-arabia>

Concluindo, apesar do isolacionismo se encontrar enraizado no pensamento norte-americano, este fenómeno consolidou-se após a invasão do Iraque, como foi notório no crescente descontentamento da população e na polarização ideológica, algo que se perpetuou até às últimas administrações. A incongruência na política externa norte-americana, cristalina em casos como a intervenção na Síria, levou o líder da atual ordem mundial a uma sobre-extensão e à negligência de uma panóplia de problemas internos, criando um clima de tensão no país e originando clivagens sociais, que atingiram a sua epítome durante a administração de Donald Trump. Contudo, os diversos erros perpetrados pelas administrações norte-americanas (desde George W. Bush até à atualidade) foram responsáveis por denegrir a imagem dos EUA no sistema internacional, afetando igualmente a sua relação com os restantes Estados, subsequentemente contribuindo para a sua decadência enquanto potência hegemónica.

Diante o crescimento de uma potência desafiante, a administração Obama iniciou o *pivot* asiático, uma tentativa de contenção do “Império do Meio” e de retenção da hegemonia norte-americana, porém, a posição cimeira de Washington no sistema internacional tem-se vindo a degradar, não só por questões políticas, mas também devido a questões económicas, sendo que os EUA têm revelado inabilidade de enfrentar as colossais capacidades chinesas, como será indagado no subcapítulo seguinte.

II. 3. Indicadores económicos (comparação com a R.P.C.)

Desde a fundação da atual ordem mundial, os EUA destacaram-se militarmente, porém, foi a sua preponderância económica que permitiu a construção de uma nova ordem mundial e a estabilização do sistema internacional, após a Segunda Guerra Mundial, designadamente através da implementação do Plano Marshall. Na actualidade a realidade é bastante distinta, o Estado pioneiro da ordem mundial liberal foi-se afundando paulatinamente devido à sua sobre-extensão estratégica. Segundo diversos economistas, Washington tem demonstrado indícios de “estagflação”¹⁷¹, em oposição o seu maior rival, a RPC, tem-se destacado economicamente, assumindo um papel fundamental no sistema internacional, através de medidas como o *BRI*, permitindo paralelismos com a política norte-americana pós-Segunda Guerra Mundial.

¹⁷¹ Klebnikov, Sergei (15 de março de 2022). *Most Wall Street Experts Now Predict Stagflation – Here’s What That Means for Investors and The U.S. Economy*. Forbes. Disponível em: <https://www.forbes.com/sites/sergeiklebnikov/2022/03/15/most-wall-street-experts-now-predict-stagflation-heres-what-that-means-for-investors-and-the-us-economy/>

O regime de Pequim corroborou, através da sua ideologia, um conceito de “ascensão pacífica”, todavia, Washington tem rotulado o crescente poder económico chinês como algo hostil e prejudicial para os interesses norte-americanos, o que tem levado a uma demonização entre as duas nações. O aumento gradativo de tensões no sistema internacional tem levado as duas maiores potências mundiais a digladiarem-se numa arena económica, um fenómeno que atingiu o seu auge durante a administração Trump, como verificado na securitização da economia chinesa.

Como referido por Graham Allison, desde a Grande Recessão, 40% do crescimento mundial ocorreu somente na China¹⁷², e em 2014, através de uma análise efetuada à paridade de poder de compra (PPP), o Fundo Monetário Internacional, concluiu que a RPC, tinha suplantado os EUA enquanto maior economia do mundo. De acordo com Stanley Fischer (antigo presidente do Banco de Israel e antigo presidente da Reserva Federal dos EUA), o PPP é um valor de referência não só para avaliar o poder económico de um país, mas também para analisar o seu potencial militar, pois permite calcular a capacidade de aquisição de material militar e o valor que terá de pagar com a sua moeda nacional, como por exemplo, navios, aeronaves, bases militares ou elementos das Forças Armadas.¹⁷³ Portanto, em 2014, a potência desafiante revelava um PIB no valor de 17.6 biliões de dólares, enquanto a potência incumbente somente tinha um PIB de 17.4 biliões de dólares.¹⁷⁴

Apesar do crescimento económico chinês, nos últimos anos, o aumento não foi tão acentuado quanto expectável (FMI previa que o PIB chinês fosse 20% superior ao americano em 2019), em grande medida devido ao surgimento da pandemia do SARS-CoV-2, em Wuhan. O “Império do Meio” conseguiu contornar a difícil conjuntura mundial e distanciar-se do seu rival, registando em 2020, um PIB (PPP) de 24,28 biliões e os EUA 20,95 biliões.¹⁷⁵

A despeito do sucesso obtido durante a administração Trump, ambas as economias sofreram fortemente durante a pandemia de COVID-19, tendo em 2020, os

¹⁷² Allison, Graham (2017). *Destined for War*. London: Scribe Publications. p. 12

¹⁷³ *Ibidem*, p. 11

¹⁷⁴ *Ibidem*. p. 10

¹⁷⁵ World Bank (2020). *GDP, PPP (current international \$) – China, United States / Data*. The World Bank Group. [online] Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.MKTP.PP.CD?locations=CN-US>

EUA registado um decréscimo de 3.82 pontos percentuais¹⁷⁶, no seu PIB *per capita*, enquanto a República Popular da China permaneceu em ascensão, contando com um crescimento de 1.98%.¹⁷⁷ Ao longo de 2022 será espectável que a diferença entre as duas maiores potências se acentue, de acordo com o documento publicado pelo World Bank, *Rebalancing Act – From Recovery to High-Quality Growth*, prevê-se que o PIB *per capita* do “Império do Meio” tenha um crescimento de 8 pontos percentuais¹⁷⁸, demonstrando uma revitalização económica pós-pandemia.

Segundo previsões elaboradas pelo FMI, durante o período entre 2022 e 2026, os Estados Unidos da América registarão um crescimento inicial de 2.8% (em 2022), mas a partir do ano seguinte terão um aumento máximo no seu PIB, de 1.8 pontos percentuais¹⁷⁹, enquanto a China verificará um crescimento do seu PIB entre 4.8% e 5.2%.¹⁸⁰ Para além do crescimento registado no PIB *per capita*, Pequim distancia-se fracamente em relação aos EUA devido às suas capacidades comerciais.

Em 2020, os EUA registaram exportações num valor total de 1,34 biliões de dólares face 2,24 biliões de dólares em importações, tendo somente registado, no ano seguinte, um aumento de 26,9 mil milhões nas exportações e 42,5 mil milhões nas importações.¹⁸¹ Contudo, em 2020, o seu maior rival (RPC) alcançou 2,65 biliões de dólares em exportações e 1,55 biliões em importações, revelando um rácio comercial positivo, de 1,10 biliões, superando o atual líder da ordem mundial, uma tendência que se tem acentuado, expandido o fosso entre os dois Estados, uma vez que no ano seguinte, o gigante asiático verificou um aumento de 59,3 mil milhões de dólares referentes às suas exportações (22.3%) e 61,8 mil milhões relativamente às importações (32,3%).¹⁸²

¹⁷⁶ Our World in Data (2021). *Annual growth of GDP per capita*. [online] Disponível em: <https://ourworldindata.org/grapher/gdp-per-capita-growth?tab=chart&country=CHN~USA>

¹⁷⁷ *Ibidem*.

¹⁷⁸ World Bank (2021). *China Economic Update: Rebalancing Act - From Recovery to High-Quality Growth*. Washington D.C.: World Bank. p. 6

¹⁷⁹ Fundo Monetário Internacional (2021). *United States: 2021 Article IV Consultation Press Release; Staff Report; and Statement by the Executive Director for the United States*. Washington D.C.: Fundo Monetário Internacional. p. 5

¹⁸⁰ *Idem* (2022). *People's Republic of China: 2021 Article IV Consultation Press Release; Staff Report; and Statement by the Executive Director for the People's Republic of China*. Washington D.C.: Fundo Monetário Internacional. p. 4

¹⁸¹ OEC - The Observatory of Economic Complexity (2022). *United States (USA) Exports, Imports, and Trade Partners* | OEC. [online] Disponível em: <https://oec.world/en/profile/country/usa>

¹⁸² *Idem* (2022). *China (CHN) Exports, Imports, and Trade Partners* | OEC. [online] Disponível em: <https://oec.world/en/profile/country/chn#latest-data>

Adicionalmente, como fundamentado pelo Gabinete do Representante Comercial dos EUA (*Office of the United States Trade Representative*), o comércio e a economia norte-americana encontra-se intrinsecamente ligada às capacidades chinesas, um fenómeno cristalino no valor referente à importação de bens oriundos da China. Por conseguinte, em 2020, Washington importou um total de 434,7 mil milhões de dólares em bens e serviços chineses, o que representa 18.6% de todas as suas importações.¹⁸³ A notória ascensão económica chinesa e a queda significativa da produção norte-americana têm sido facilitadas pela incongruente política externa de Washington, como referido previamente, nomeadamente na região do Indo-Pacífico.

Após a retirada dos EUA do *TPP*, um vazio estratégico foi verificado na região, permitindo que a RPC rapidamente ocupasse esse lugar, através da ratificação de uma medida semelhante, no dia 1 de janeiro de 2022, o *Regional Comprehensive Economic Partnership (RCEP)*. Este acordo comercial foi aprovado pelo ASEAN (Associação de Nações do Sudeste Asiático), e contou inicialmente com a participação do “Império do Meio” e mais nove Estados, nomeadamente, alguns rivais (Austrália e Japão), adicionalmente, no dia 1 de fevereiro de 2022, a República da Coreia tornou-se um dos Estados signatários deste acordo.¹⁸⁴ Deste modo, a implementação do *RCEP*, um dos maiores acordos comércio livre do mundo, excluiu a presença dos EUA e agregou aproximadamente 30% da população mundial e 30% do PIB global¹⁸⁵, reforçando a presença de Pequim no epicentro económico do mundo, a Ásia.

O reforço da influência chinesa em Estados rivais não ocorre somente na sua periferia, o Partido Comunista Chinês tem igualmente registado um enorme sucesso em zonas longínquas, que eram previamente dominadas por Washington, designadamente, em Estados membro da União Europeia. O estreitamento das relações sino-europeias foi alicerçado através dos substanciais investimentos no estrangeiro (*OFDI- Outward Foreign Direct Investment*), que serão analisados detalhadamente no capítulo III, “*O Império do Meio*”, através de um maior compromisso e regulamentação, reiterados na agenda Estratégica da União Europeia em relação à China, *The EU and China*:

¹⁸³ Office of the United States Trade Representative (2022). *The People's Republic of China*. Washington D.C.: Executive Office of the President. [online] Disponível em: <https://ustr.gov/countries-regions/china-mongolia-taiwan/peoples-republic-china>

¹⁸⁴ ASEAN (1 de janeiro de 2022). *RCEP Agreement enters into force*. Association of Southeast Asian Nation. Disponível em: <https://asean.org/rcep-agreement-enters-into-force/>

¹⁸⁵ *Ibidem*.

Addressing the Systemic Challenge – A comprehensive EU strategy to rebalance the relationship with China, e por fim, através de inúmeras trocas comerciais.¹⁸⁶

De acordo com o Gabinete do Representante Comercial dos EUA, a Casa Branca estabelece relações comerciais com mais de 200 Estados¹⁸⁷, contudo, Pequim somente com a implementação de uma medida, o *BRI*, reforçou as suas relações comerciais com 145 nações, o que demonstra que a economia mundial tem gravitado em torno do “Imperio do Meio”, tendo este recebido inclusivamente apoio por parte das organizações internacionais, como por exemplo a Organização Mundial do Comércio, após a aprovação de 645 milhões de dólares em tarifas compensatórias contra os EUA, em retaliação às sanções impostas durante a administração Obama.¹⁸⁸ Para além de representarem um vitória economia e comercial de Pequim sobre Washington, estas tarifas representam igualmente uma maior relevância política, infligindo uma forte derrota ao governo de Biden.

Outro sector da economia que os EUA foram ultrapassados, pelo regime de Xi Jinping, foi a utilização de criptomoedas, sendo que a RPC retém uma quantidade superior de capital em solo chinês, detendo uma posição pioneira neste sector que ainda se encontra numa fase embrionária. Em 2022, a RPC utilizou o maior palco desportivo do mundo, os Jogos Olímpicos (de Inverno), para lançar oficialmente o Yuan digital e tornar-se o primeiro Estado criador de uma criptomoeda. Para defender o investimento chinês e impulsionar a sua moeda, uns meses antes do lançamento, a 15 de setembro de 2021, o Banco da China (*People's Bank of China*) redigiu uma circular, a *Yin Fa [2021] N°237*, com o propósito de banir a circulação das restantes criptomoedas.¹⁸⁹

Por fim, o líder da ordem mundial liberal apenas se destaca positivamente num indicador, a taxa de desemprego, de acordo com o Gabinete de Estatísticas de Trabalho norte-americano, actualmente apenas 3.6% dos cidadãos norte-americanos encontram-se

¹⁸⁶ BusinessEurope (2020). *The EU and China: Addressing the Systemic Challenge – A comprehensive EU strategy to rebalance the relationship with China*. Bruxelas: BusinessEurope. p. 1

¹⁸⁷ Office of the United States Trade Representative (2022). *Countries & Regions*. Washington D.C.: Executive Office of the President. [online] Disponível em: <https://ustr.gov/countries-regions>

¹⁸⁸ Blenkinsop, Philip et al. (27 de janeiro de 2022). *WTO lets China impose tariffs on U.S. in Obama-era case*. Reuters. Disponível em: <https://www.reuters.com/business/wto-gives-china-right-impose-tariffs-645-mln-us-goods-2022-01-26/>

¹⁸⁹ People's Bank of China (2021). *Circular on Further Preventing and Disposing of Speculative Risks in Virtual Currency Trading*. People's Bank of China. Disponível em: <https://perma.cc/DC7U-MSDF>

desempregados¹⁹⁰, enquanto a China registra uma taxa de desemprego de 5.5 pontos percentuais.¹⁹¹ Apesar do número de desempregados ser superior na RPC, a potência desafiante tem demonstrado uma maior estabilidade, tendo este indicador flutuado aproximadamente em 1% (5.3% - 6%)¹⁹², entre 2020 e 2022, enquanto os EUA demonstraram uma enorme volatilidade em igual período, registrando flutuações de 11 pontos percentuais (3.5% - 14.7%)¹⁹³, uma característica dos mercados norte-americanos. A preponderância econômica americana, responsável pela criação e estabilidade da atual ordem mundial, tem-se dissipado, obrigando a um retraimento estratégico que contribui para o fosso econômico entre as duas maiores potências mundiais, deste modo a China tem assumido uma posição de maior relevância no sistema internacional, suplantando a presença americana em diversas partes do globo, através da criação de instituições como o *RCEP*, acelerando a atual transição de poder.

¹⁹⁰ Bureau of Labor Statistics (1 de abril de 2022). *The Employment Situation – March 2022*. Washington D.C.: U.S. Department of Labor. Disponível em: <https://www.bls.gov/news.release/pdf/empst.pdf> p. 1

¹⁹¹ State Council Information Office of the People's Republic of China (18 de abril de 2022). *China's surveyed urban unemployment rate at 5.5% in Q1*. Beijing: Xinhua. [online] Disponível em: http://english.www.gov.cn/archive/statistics/202204/18/content_WS625cfaadc6d02e533532983f.html

¹⁹² *Ibidem*.

¹⁹³ Bureau of Labor Statistics (1 de abril de 2022). *The Employment Situation – March 2022*. Washington D.C.: U.S. Department of Labor. Disponível em: <https://www.bls.gov/news.release/pdf/empst.pdf> p. 1

III. “O Império do Meio” (República Popular da China)

III. 1. Bases ideológicas

Para compreender a política chinesa, tanto a nível doméstico como externo, é necessário ter em consideração o conhecimento histórico que existe sobre a China, pois como Vasco Rato brilhantemente menciona na sua obra, a ausência desta análise causará conclusões erróneas, desse modo, é particularmente pertinente analisar o passado histórico e as tragédias políticas da RPC para entender as atitudes revisionistas do “Império do Meio” e particularmente a abordagem de Xi Jinping, sendo este responsável por uma revitalização da ideologia na política chinesa.¹⁹⁴

Como referido no início desta dissertação, a teoria realista das relações internacionais, utiliza fundamentos introduzidos por Max Weber, em particular a afirmação de que os interesses dominam as ações humanas e a formulação da política externa, encontrando-se inevitavelmente relacionados com o contexto cultural e ideológico.¹⁹⁵ Apesar da modernização da RPC atual ser distinta da China maoista, a ideologia permanece no cerne da política chinesa, principalmente, após a ascensão do novo “Timoneiro”. Xi Jinping atribuiu uma nova importância à ideologia, procurando alcançar a conformidade e unidade ideológica na China, que servirá para erradicar um comportamento que considera latente à existência do Partido Comunista Chinês, o “nihilismo histórico”, por conseguinte, pretende superar o chamado “século de humilhação” e a interferência de forças hostis, revigorar o orgulho nacional e recuperar o poder que o “Império do Meio” detinha outrora.¹⁹⁶

Na obra, *Destined for War*, podemos observar a utilização de uma alcunha para descrever os EUA e a sua política, os Estados Unidos da Amnésia, devido à ausência de contemplação histórica por parte dos norte-americanos (um problema generalizado no ocidente), sendo que qualquer crise é considerada inédita¹⁹⁷, contudo, a China procede de uma forma exatamente oposta e recorre pragmaticamente ao seu passado histórico para moldar a sua política atual e futura, como iremos constatar ao longo deste capítulo.

¹⁹⁴ Rato, Vasco (2020). *De Mao a Xi: o ressurgimento da China*. Óbidos: Alêtheia Editores. p. 14

¹⁹⁵ Morgenthau, Hans J. (1978). *Politics Among Nations: The Struggle for Power and Peace*, Fifth Edition, Revised, (New York: Alfred A. Knopf, pp. 4-15). pp. 9-10

¹⁹⁶ Xi, Jinping (1 de julho de 2021). *Speech at a Ceremony Marking the Centenary of the Communist Party of China*. Beijing: Xinhua. Disponível em: <http://www.npc.gov.cn/englishnpc/c23934/202107/ce62fd23a2f24be7bb96c30b56c0c111.shtml> pp. 7-8

¹⁹⁷ Allison, Graham. (2017). *Destined For War*. London: Scribe Publications. p. 146

Apesar das visões antitéticas dos EUA e da RPC, são perceptíveis algumas semelhanças, nomeadamente, no seu sentido de excecionalidade, todavia, como mencionado por Graham Allison, este sentimento de superioridade aparenta ser mais acutilante na cultura chinesa, algo que é particularmente notório na utilização do termo *zhong guo*, o “Império do Meio”, e no facto de uma grande maioria chinesa se considerar *Han* e as restantes civilizações representarem a barbárie.¹⁹⁸ O termo *zhong guo* encontra-se no cerne da política e dos objetivos da RPC, tendo a crença de centralidade do universo, sendo a China a divisão entre o céu e a terra, por conseguinte, a China é considerada a única civilização nobre, o ápice da existência humana, enquanto as restantes desempenham a função de meros vassalos.¹⁹⁹

Tal como interpelado em *Destined for War*, de acordo com John King Fairbank (professor na universidade de Harvard, diretor de estudos da China moderna), existe uma relação simbiótica entre a política interna e externa chinesa, uma vez que as diretrizes da política externa do Partido Comunista Chinês, tal como a política interna, alicerçam-se no pensamento de Confúcio, que estabelece o uso da força militar somente como última opção.²⁰⁰ De acordo com a definição de “Sonho Chinês”, Pequim procura assumir uma função dominante, mas orquestrando uma “coexistência harmoniosa”.²⁰¹ Devido à presença de conceitos inerentes à sua política interna, a política externa de Pequim é fortemente marcado pela hierarquização das suas relações com outros Estados, procurando estabelecer a ordem e a harmonia no sistema internacional através da hierarquia, evitando a escalada de conflitos ao plano bélico.²⁰²

Como referido, desde uma fase embrionária, a ideologia foi um elemento central na legitimação do regime chinês, tendo sido introduzida nos anos trinta por Mao Zedong, responsável por elaborar as diretrizes de como os líderes chineses viam o mundo, portanto, a ideologia do Partido Comunista Chinês encontra-se indissoluvelmente ligada à República Popular da China.²⁰³

O passado histórico revela-se uma variável de extrema importância para Pequim, tendo um conceito que molda a política externa chinesa, e, por conseguinte, primordial

¹⁹⁸ Allison, Graham. (2017). *Destined For War*. London: Scribe Publications. p. 140-141

¹⁹⁹ *Ibidem*, p. 109-110

²⁰⁰ *Ibidem*, p. 110

²⁰¹ *Ibidem*.

²⁰² *Ibidem*, pp. 110-111

²⁰³ Rato, Vasco (2020). *De Mao a Xi: o ressurgimento da China*. Óbidos: Alêtheia Editores. pp. 16-17

para a análise comportamental do PCC, o conceito do “século da humilhação nacional”, que faz alusão ao período desde a Primeira Guerra do Ópio, em 1839, até ao momento da vitória do Partido Comunista sobre o Guomindang, cimentada pelo discurso solene de Mao Zedong, a 1 de outubro de 1949, no Portão da Paz Celestial na Praça Tiananmen, anunciando o surgimento de uma “nova China”.²⁰⁴

A agressão das potências Ocidentais e do Japão, durante o “século da humilhação nacional”, intensificaram os problemas vigentes na China, no entanto, não são unicamente responsáveis pelo declínio do país, existindo diversos motivos que justificam a crise vivida à data dos acontecimentos na China. O atrasado tecnológico de Pequim, não se deve somente às invasões, mas sim às guerras imperiais de expansão chinesa, manifestando no início do século XIX, algo que Vasco Rato refere como uma “sobre-extensão imperial”²⁰⁵ (um fenómeno que tem afetado atualmente os EUA).

Outra variável relevante para a decadência do império chinês foi a corrupção generalizada das suas elites, responsável pela paralisação do aparelho administrativo e da criação de enormes debilidades no país, que culminou no seu atraso significativo face as potências Ocidentais.²⁰⁶ Portanto, o conflito hostil com o império britânico, em 1839, apenas evidenciou os problemas existentes na política chinesa, particularmente, na dinastia Qing. Por fim, os desastrosos confrontos militares, devem-se à ausência de conhecimento dos povos para além do império *Han*, ignorância essa causada por um elevado desdém e até mesmo xenofobia por parte da China perante as restantes civilizações, prendendo a comitiva inglesa numa série de eventos protocolares, mas sem seriedade, tal como é possível constatar na correspondência entre o Imperador Qianlong e o Rei George III.²⁰⁷

A supremacia militar ocidental, notória no relatório de Macartney (que comparou o Império Chinês a um velho navio à deriva)²⁰⁸, foi responsável por derrotar a China durante a Primeira Guerra do Ópio (1839-1842), algo que forçou a dinastia Qing, em 29 de agosto de 1842, a assinar o Tratado de Nanquim (*Nanjing*), a bordo do navio britânico HMS Cornwallis, e obrigou a China a conceder à Grã-Bretanha um estatuto

²⁰⁴ Wood, Michael (2021). *A História da China – Um Retrato de Uma Civilização e do Seu Povo*. Traduzido por Artur Lopes Cardoso. Lisboa: Temas e Debates – Círculo de Leitores. pp. 491-492

²⁰⁵ Rato, Vasco (2020). *De Mao a Xi: o ressurgimento da China*. Óbidos: Alêtheia Editores. p. 30

²⁰⁶ *Ibidem*, p. 30-31

²⁰⁷ Wood, Michael (2021). *A História da China – Um Retrato de Uma Civilização e do Seu Povo*. Traduzido por Artur Lopes Cardoso. Lisboa: Temas e Debates – Círculo de Leitores. pp. 395-400

²⁰⁸ *Ibidem*, p. 402

comercial de nação favorecida e saldar diversas indenizações (21 milhões de dólares).²⁰⁹ Após um ano foram reforçados os termos através do denominado Tratado complementar de Bogue, onde constavam diversas reparações financeiras impostas à China e a cessão de Hong Kong (entre outras ilhas), ao Império Britânico, contudo, para compreensão do pensamento atual chinês é relevante referir, que os EUA receberam concessões similares às europeias, através do Tratado de Wanghia, ratificado em julho de 1844.²¹⁰

Os nipônicos, após a chegada de tropas norte-americanas, foram obrigados a efetuar uma modernização do Estado e da sociedade, algo que lhes concedeu a capacidade para incutir uma nova derrota a Pequim, durante a Primeira Guerra Sino-Japonesa de 1894-1895, que resultou na celebração do Tratado de Shimonoseki (17 de abril de 1895), algo considerado como uma humilhação superior à sofrida às mãos do ocidente, durante a Guerra do Ópio.²¹¹

Devido à crescente tensão entre os impérios ocidentais e o “Império do Meio”, novos confrontos bélicos surgiram, a Segunda Guerra do Ópio (1856-1860), que em conjunto com o gasto de recursos para suprimir a Rebelião Taiping, o surgimento do Taiping Tianguo, a intervenção francesa em conjunto com a Grã-Bretanha (consequência da decapitação de um missionário francês), foram responsáveis por desferir uma nova descomunal derrota ao gigante asiático e impor o Tratado de Tianjing, em outubro de 1860 (e posteriormente na usurpação da Indochina por parte da França).²¹² Durante o período de guerra, o Palácio Yuanming Yuan, foi destruído e pilhado por militares anglo-franceses, um ato considerado como um aviltamento, sendo as ruínas dos edifícios preservadas até a atualidade, de modo a recordar a agressão e a humilhação causada pelos invasores.²¹³

Mao Zedong, com a criação da RPC, em outubro de 1949, traça um percurso que permitisse garantir a autossuficiência da China, através da modernização do país, sendo um dos pontos de vulnerabilidade do país como foi evidente durante o “século de humilhação”, modernizando a China tanto a nível industrial, como da coletivização da

²⁰⁹ Rato, Vasco (2020). *De Mao a Xi: o ressurgimento da China*. Óbidos: Alêtheia Editores. p. 416

²¹⁰ *Ibidem*, pp. 34-35

²¹¹ *Ibidem*, p.40

²¹² *Ibidem*, p. 38

²¹³ *Ibidem*.

agricultura.²¹⁴ A agressão sofrida, em conjunto com a ideologia enraizada na cultura chinesa, *zhong guo*, determinam que o pensamento chinês seja xenófobo e de desconfiança.

Ao se deparar com a sublevação de Wuchang, o consequente desmoronamento do império e a ascensão dos bolcheviques ao poder (em 1917), o “Grande Timoneiro”, considerou os movimentos camponeses cruciais para a evolução da China, implementando diversas reivindicações sociopolíticas, que permitissem a retenção do poder, dando destaque à guerra civil de Taiping, algo que diverge do modelo marxista-leninista.²¹⁵ O PCC estabelece uma fusão entre os movimentos camponeses e o materialismo histórico marxista-leninista, como Vasco Rato refere, a ideologia do Partido Comunista Chinês, apesar de ter fundamentos doutrinários marxistas, forjou-se principalmente devido à sua história e ao Movimento Quatro de Maio.²¹⁶

Os fundamentos doutrinários marxistas, surgiram na China apenas após a Grande Revolução de Outubro, sendo desconhecidos até ao momento, Marx, Engels, Lenine ou Estaline, por conseguinte, estando o movimento comunista chinês numa fase inicial, recebeu o auxílio do Comintern (Internacional Comunista).²¹⁷ Com o degenerar das relações russo-americanas e a aproximação de Washington a Chiang Kai-shek (algo que colocava em risco o Tratado Sino-Soviético de Amizade e Aliança), Estaline decide retomar o fornecimento de armamento e auxílio ao PCC, estabelecendo relações preferenciais com Mao Zedong, na expectativa de que “O Grande Timoneiro” se sacrificasse em prol do socialismo.²¹⁸ Neste sentido, surgiu a visão dos partidos comunistas fraternos e apesar dos sacrifícios necessários por parte da China, Mao acreditava que a transformação revolucionária da sociedade e do Estado chinês, era crucial para a recuperação da grandeza chinesa, portanto, o “Grande Timoneiro” iniciou uma política externa anti-imperialista, reformulando as relações com as potências ocidentais, e tornou a política externa e interna indissociáveis.²¹⁹

Apesar das divergências entre os comunistas chineses e a União Soviética, Mao Zedong considerava essencial o apoio russo para a modernização do seu país,

²¹⁴ Rato, Vasco (2020). *De Mao a Xi: o ressurgimento da China*. Óbidos: Alêtheia Editores. p. 48

²¹⁵ *Ibidem*, pp. 50-51

²¹⁶ *Ibidem*, p. 52

²¹⁷ *Ibidem*, p. 53

²¹⁸ *Ibidem*, pp. 62-63

²¹⁹ *Ibidem*.

permitindo acesso a ajudas económica, técnica e militar, e garantindo a inserção da China no “guarda-chuva nuclear” soviético, adicionalmente, como supracitado a manutenção das relações sino-russas deve-se à forte presença militar dos EUA na Ásia, levando o líder chinês e o líder soviético a ratificarem, a 14 de fevereiro de 1950, o Tratado Sino-Soviético de Amizade, Aliança e Assistência Mútua²²⁰, numa tentativa de contenção americana e impulsionar os dois regimes, algo que é igualmente possível observar na atualidade com a parceria estratégica pragmática sino-russa.

Após a morte de Estaline o seu conceito de comunismo internacional começou a desmoronar-se, particularmente com ascensão de Nikita Khrushchev ao poder, devido à crítica efetuada ao estalinismo e consequentemente o culto da personalidade.²²¹ Perante o sucedido, Mao Zedong receava que estas questões fossem igualmente levantadas na China, o que levou a uma fratura entre os dois modelos comunistas (chinês e soviético), acelerando exponencialmente a construção socialista, através de uma medida denominada como o Grande Salto Em Frente (1958-1962), cujo objectivo era utilizar a vasta mão de obra existente na China, para progredir o nível de industrialização e da coletivização da terra, no entanto, esta medida teve consequências nefastas para o país, tendo Deng Xiaoping sido um dos principais defensores de um crescimento mais estável e de um melhor planeamento industrial.²²²

Consequentemente, a medida implementada pelo Grande Timoneiro, apenas logrou um aumento de dificuldades económicas, levando Mao a abdicar do seu posto enquanto Presidente da RPC, em 1959, cedendo o mesmo ao número dois do partido, Liu Shaoqi, não obstante, como supracitado, Deng Xiaoping, defensor de uma abordagem mais prudente e estável, sai desta situação com o seu poder reforçado, sendo nomeado Secretário-Geral do PCC e Zhou Enlai, nomeado Primeiro-Ministro.²²³ Apesar do afastamento de Mao da Presidência, o antigo líder reteve algum poder, permanecendo como Presidente do Comité Central, todavia, sendo considerado o autor do Grande Salto em Frente, foi diretamente criticado pelos soviéticos, particularmente, Khrushchev, exacerbando a tensão entre os dois partidos comunistas e os respectivos Estados.²²⁴ Para evitar uma escalada do conflito e o aumento do seu isolamento, o PCC

²²⁰ Rato, Vasco (2020). *De Mao a Xi: o ressurgimento da China*. Óbidos: Alêtheia Editores. p. 64

²²¹ *Ibidem*, p. 67

²²² *Ibidem*, p. 70

²²³ *Ibidem*, pp. 71-72

²²⁴ *Ibidem*, pp. 73-74

foi obrigado a aceitar os objetivos traçados na reunião geral, em Moscovo, 1957, no entanto, as divergências sino-soviéticas foram-se acentuando, advindo duas visões distintas da construção socialista, o modelo “revisionista”, associado aos soviéticos, e o modelo radicalista, maoísta, indissociável do PCC.²²⁵

Em 1963, Zhou Enlai, enquanto desempenhava a função de Primeiro-Ministro, consciente das fragilidades existentes em sectores estratégicos da RPC, solicitou durante a Conferência de Trabalho Científico e Tecnológico de Xangai, a implementação das célebres “Quatro Modernizações”²²⁶, algo que remetia à doutrina desenvolvida por Wei Yuan (autor da ideia de “auto-fortalecimento”).²²⁷ Todavia, a reabilitação de diversos sectores no país e a reversão da Revolução Cultural, foi apenas iniciada posteriormente, por Deng Xiaoping, que assumiu o poder no Verão de 1974, até o Outono de 1975, tendo o novo líder chinês sido responsável pelo ressurgimento da sociedade chinesa, através da implementação das “Quatro Modernizações”, uma reforma que fortaleceu sectores estratégicos da China, legitimada pelo seu sucesso económico.²²⁸

Em maio de 1966, dois anos após retomar o poder, Mao Zedong, analisou erradamente a conjuntura política chinesa e iniciou a Grande Revolução Cultural Proletária, algo que continua a assolar o PCC atualmente, causando uma luta de facções ao tentar purgar o elitismo no Estado e recuperar valores revolucionários.²²⁹ Como é possível verificar, a constante intrusão de Mao, na política chinesa e as sucessivas tentativas de usurpação de poder, criaram uma enorme instabilidade não só na vida política e social, mas também económica, fenómeno demonstrado nas diversas purgas de Zhou Enlai e Deng Xiaoping, retirando-os múltiplas vezes do exercício de funções.²³⁰

Em 9 de setembro de 1976, após a morte do Grande Timoneiro, foi notório um incremento substancial na luta de facções chinesas no Partido Comunista Chinês, culminando novamente com a ascensão de Deng Xiaoping ao poder, tendo o político astutamente defendido a abertura do país em conjunto com a autossuficiência maoísta,

²²⁵ Rato, Vasco (2020). *De Mao a Xi: o ressurgimento da China*. Óbidos: Alêtheia Editores. pp. 74-75

²²⁶ *Ibidem*, p. 93

²²⁷ Wood, Michael (2021). *A História da China – Um Retrato de Uma Civilização e do Seu Povo*. Traduzido por Artur Lopes Cardoso. Lisboa: Temas e Debates – Círculo de Leitores. pp. 414-415

²²⁸ Rato, Vasco (2020). *De Mao a Xi: o ressurgimento da China*. Óbidos: Alêtheia Editores. pp. 83-92

²²⁹ Wood, Michael (2021). *A História da China – Um Retrato de Uma Civilização e do Seu Povo*. Traduzido por Artur Lopes Cardoso. Lisboa: Temas e Debates – Círculo de Leitores. p. 502

²³⁰ Rato, Vasco (2020). *De Mao a Xi: o ressurgimento da China*. Óbidos: Alêtheia Editores. p. 77

corrigindo apenas os “erros que se fossem revelando”.²³¹ A ascensão de Deng não foi imediata, o estadista demitiu-se em janeiro de 1976 e foi posteriormente afastado da vida política, após o primeiro incidente em Tiananmen, a 5 de abril de 1976.²³² Na sequência de um longo período em exílio, em dezembro de 1978, retomou o poder e iniciou a importante “abertura” do país e a transição do dogmatismo maoista, para o capitalismo (“socialismo com características chinesas”), algo que foi postulado durante o Terceiro Plenário do XI Comité Central do PCC.²³³

A ascensão do líder político, Deng Xiaoping, marca um ponto de viragem na economia e na sociedade chinesa, delineando o socialismo chinês e focando-se na modernização do Estado. Esta modernização centrou-se na agricultura, um sector onde eram imperativos diversos câmbios, mas também na indústria, na ciência e na tecnologia, consequência de várias décadas de isolamento internacionalmente, abrindo assim a China à tecnologia e capital estrangeiro, permitindo explorar a vasta mão-de-obra chinesa e tornar o país na maior plataforma de manufatura e exportação, algo que prevalece na atualidade.²³⁴ Um dos eventos documentados, mais reveladores da vontade dengista de “abertura” do país, como referido na obra, *De Mao a Xi*, é conspícuo na deslocação do líder chinês aos EUA, mais concretamente em Simonton, Houston, Texas, isto é, o Deng Xiaoping visitou um evento tradicional americano, um *rodeo*, com as vestimentas tradicionais “maoistas” e um chapéu de *cowboy*, marcando assim uma normalização das relações sino-americanas e demonstrando uma aceitação da cultura americana, e indubitavelmente a aproximação económica.²³⁵

Apesar das adaptações teóricas efetuadas por Deng Xiaoping, os “Quatro Princípios Cardeais” defendiam, o marxismo-leninismo, a continuação do pensamento maoista no cerne ideológico chinês, o monopólio do poder do PCC e a manutenção do socialismo, sendo considerados pontos basilares para a estabilidade, união e crescimento do país, sendo o controlo do partido sancionado pelo Terceiro Plenário (em dezembro de 1978), onde o líder da RPC solicitou sacrifício e resistência a todas as classes sociais, civis e militares, do seu país, de modo a concretizarem novamente uma

²³¹ Rato, Vasco (2020). *De Mao a Xi: o ressurgimento da China*. Óbidos: Alêtheia Editores. pp. 85-89

²³² *Ibidem*, pp. 86-87

²³³ *Ibidem*, pp. 86-92

²³⁴ Friedberg, Aaron L. (2017). *The Authoritarian Challenge: China, Russia and the Threat to the Liberal International Order*. Japão: The Sasakawa Peace Foundation. p. 14

²³⁵ Rato, Vasco (2020). *De Mao a Xi: o ressurgimento da China*. Óbidos: Alêtheia Editores. p. 85

“Longa Marcha”, um termo que remete à “Longa Marcha” de Mao Zedong e se encontra latente à política de Xi Jinping.²³⁶

Através da abordagem de tentativa em erro na abertura dos mercados chineses, durante o processo de modernização da RPC, o país albergou exorbitantes investimentos do estrangeiro, algo que acompanhado com a ausência de reformas estruturais, levou a uma exacerbação da corrupção.²³⁷ Em resposta à corrupção vivida no país, o antigo ministro, Bo Xilai, liderou uma campanha anticorrupção em Chongqing, posteriormente designada como “Modelo Chongqin” e consistia em três pontos: *changhong* (“cantar canções vermelhas”), *dahei* (esmagar a corrupção e as organizações criminosas), *minsheng* (políticas sociais distributivas).²³⁸

Com as referidas reformas dos fundamentos teóricos de Pequim, foi elaborado um socialismo com características chinesas, tendo como base alguns dos legados ideológicos (Marxismo-Leninismo; “Pensamento Mao Zedong”; “Teoria Deng Xiaoping”; e atualmente o “Pensamento Xi Jinping”), porém, também conta com algo que Hu Jintao refere como “Perspetiva de Desenvolvimento Científico” (durante o XVII Congresso Nacional do PCC), almejando um desenvolvimento sustentável da economia chinesa.²³⁹

Xi Jinping, considera a ideologia um elemento fulcral do regime, como foi notório no seu discurso para o Comité Central do PCC em 2013, por conseguinte, em outubro de 2017, durante o XIX Congresso Nacional do PCC²⁴⁰, conseguiu a aprovação para a consagração na constituição do PCC, do “Pensamento Xi Jinping sobre o socialismo de características chinesas para uma nova era” e apenas meses mais tarde, a 11 de março de 2018, o “Pensamento Xi Jinping” fora implementado na Lei Fundamental da República Popular, tornando-se assim um dos poucos líderes da RPC (Mao e Deng) a conseguir consagrar as suas ideias na constituição.²⁴¹ Após a sua ascensão ao poder, o atual líder chinês, iniciou uma campanha anticorrupção, um dos

²³⁶ Office of the Secretary of Defense (2020). *Annual Report to Congress: Military and Security Developments Involving the People's Republic of China 2020*. U.S. Department of Defense. p. 5

²³⁷ Rato, Vasco (2020). *De Mao a Xi: o ressurgimento da China*. Óbidos: Alêtheia Editores. p. 101

²³⁸ *Ibidem*, p. 129

²³⁹ Hu, Jintao (15 de outubro de 2007). *Hold High the Great Banner of Socialism with Chinese Characteristics and Strive for New Victories in Building a Moderately Prosperous Society in all Respects*. Xinhua. Disponível em: <http://www.china.org.cn/english/congress/229611.htm>

²⁴⁰ Office of the Secretary of Defense (2020). *Annual Report to Congress: Military and Security Developments Involving the People's Republic of China 2020*. U.S. Department of Defense. p. 5

²⁴¹ Rato, Vasco (2020). *De Mao a Xi: o ressurgimento da China*. Óbidos: Alêtheia Editores. p. 125

grandes problemas da China desde o momento da sua “abertura”, tal como foi anteriormente abordado por Hu Jintao, não obstante, existem dois motivos latentes a esta enorme purga do PCC realizada por Xi Jinping, o primeiro deve-se a uma tentativa de apaziguar o povo e de melhoria da reputação partidária, reduzindo a corrupção, e o segundo (de cariz essencial) foi a remoção de opositores.²⁴²

Para combater a corrupção, Xi utiliza as “canções vermelhas” (*changhong*), de Bo Xilai, em conjunto com o “Modelo Guangdong” (introduzido por Deng Xiaoping), porém, utiliza igualmente elementos do populismo neo-maoista de Bo, para procurar um rejuvenescimento ideológico e reforçar o poder estatal no desenvolvimento económico.²⁴³ Após a sua nomeação, Xi Jinping, reiterou a relevância das “Três Confianças”, que reivindicam a confiança no comunismo, a confiança na direção e a confiança no fundamento teórico do partido, tendo em dezembro de 2014, introduzido uma “quarta confiança”, a confiança na cultura chinesa.²⁴⁴

As “Quatro Confianças” são conjugadas com o “Sonho Chinês”, e servem de base para as “Quatro Abrangentes”, delimitando o debate e acção política, ou seja, as “Quatro Abrangentes” defendem a obrigatoriedade de construir uma sociedade moderadamente próspera, aprofundar a reforma, governar o país com base na lei e liderar o partido com rigidez, o que representa uma continuidade ideológica do passado, uma exaltação do povo chinês e uma defesa da consolidação do poder da China, seguindo o “caminho chinês”.²⁴⁵

Tal como verificado na época de Deng, Xi Jinping, utiliza o fim do Partido Comunista da União Soviética para definir os limites das reformas, afirmando deste modo que a retenção do poder absoluto por parte do PCC é insubstituível, uma vez que representaria o fim do regime.²⁴⁶ Assim sendo, garantir a estabilidade do regime, tem procurado incessantemente reduzir o pluralismo dentro do partido e tomar o controlo absoluto do poder, evitando o sucedido após a Revolução Cultural, ademais, o líder supremo da China tem procurado igualmente alcançar o mesmo nível de coesão na

²⁴² Quah, Jon S.T. (2015). *Hunting the Corrupt “Tigers” and “Flies” in China: An Evaluation of Xi Jinping’s Anti-Corruption Campaign (November 2012 to March 2015)*. Carey School of Law: University of Maryland.

²⁴³ Rato, Vasco (2020). *De Mao a Xi: o ressurgimento da China*. Óbidos: Alêtheia Editores. p. 132

²⁴⁴ Jin, Hui (2020). “Research on the Development of Socialism with Chinese Characteristics from the Perspective of Four Self-Confidence”. *Open Journal of Political Science*, 10, 41-49. pp. 47-48

²⁴⁵ Rato, Vasco (2020). *De Mao a Xi: o ressurgimento da China*. Óbidos: Alêtheia Editores. p. 133

²⁴⁶ *Ibidem*, p. 109-110

relação com Taiwan, conspícuo na sua “Mensagem aos Compatriotas em Taiwan” (2 de janeiro de 2019), onde semelhantemente a Deng (que discursou uma mensagem com o mesmo nome, em 1979), afirmou a necessidade de uma reunificação pacífica.²⁴⁷ Porém, na eminência de interferência externa ou da ascensão do Movimento pela Independência de Taiwan, o “Novo Timoneiro” não hesitará em utilizar uma abordagem mais “musculada”, tal como constatado após a visita de Nancy Pelosi (em agosto de 2022).

O movimento de Tiananmen deixou igualmente marcas na atualidade, isto é, com a tentativa de modernização a nível político por parte de Deng Xiaoping, a maior abertura do sistema político causou um crescimento de movimentos pró-democracia, culminando num dos acontecimentos mais marcantes na transição chinesa, o “incidente” da Praça de Tiananmen, em junho de 1989, onde as autoridades recorreram ao uso de força letal para dispersar protestos.²⁴⁸ Portanto, em consideração o sucedido em Tiananmen e vivendo numa era fortemente digital, o PCC utiliza regularmente o Departamento Central de Propaganda para monitorizar a sua população através dos meios de comunicação, como os telefones e a internet, implementar a utilização da vigilância em massa e a criação de um sistema de crédito social (um sistema “orwelliano”, implementado em 2014, permitindo a recolha de uma multitude de informações dos cidadãos e empresas²⁴⁹), reduzindo a possibilidade de sublevações populares.

Como observado, a ideologia encontra-se indissolúvelmente ligada à ascensão chinesa, e serve para legitimar as políticas de Pequim, portanto, um dos principais objectivos do PCC pode ser definido através do termo, *fxing*, que significa o “renascimento” da nação. Esta meta será somente tangível após cessarem o “século de humilhação nacional”, ou seja, requer um ressurgimento do orgulho nacional e uma modernização em diversos sectores estratégicos que possibilitem a sua ascensão a potência hegemónica, como a economia, a defesa e a diplomacia, prossequindo o “Sonho Chinês” e retomando um lugar equiparável à era dourada (*shengshi*).

²⁴⁷ Rato, Vasco (2021). “China”. *National Defense in the New Era*, IDN Cadernos – Documentos Estratégicos de Segurança e Defesa, nº44, Instituto de Defesa Nacional, 111-120. pp. 114-115

²⁴⁸ Friedberg, Aaron L. (2017). *The Authoritarian Challenge: China, Russia and the Threat to the Liberal International Order*. Japão: The Sasakawa Peace Foundation. pp. 14-15

²⁴⁹ Koty, Alexander (5 de novembro de 2019). *China’s Corporate Social Credit System: What Businesses Need to Know*. China Briefing. Disponível em: <https://www.china-briefing.com/news/chinas-corporate-social-credit-system-how-it-works/>

Apesar da RPC tencionar cessar o “século de humilhação nacional”, este permanece enraizado na mente dos chineses, de modo a fomentar o patriotismo dos seus cidadãos o PCC implementou um meio de instrução das elites e das massas chinesas, em 1991, conhecido como “Campanha de Educação Patriótica”, isto é, um programa que utiliza materiais educacionais, como livros, filmes, monumentos e museus, para difundir uma noção de nacionalismo concebida pelo Estado.²⁵⁰ Este programa foi ampliado por Xi Jinping, de modo a englobar todos os alunos chineses, inclusive os que se encontram a estudar no estrangeiro, de modo a lacrar estas noções no imaginário chinês. A “Campanha de Educação Patriótica” tem como principal instrumento a utilização da memória histórica, para difundir um sentimento de humilhação sofrida pela China ao longo dos últimos séculos, numa janela temporal balizada pelo “século de humilhação nacional”, momentos em que o seu território foi invadido, ocupado e usurpado por potências estrangeiras, fomentando um constante receio e aversão, a algo que Friedberg refere como, o “Outro Externo” (os EUA).²⁵¹

Podemos assim concluir, que três líderes foram cruciais para a construção ideológica da China e para a sua ascensão, sendo o primeiro Mao Zedong, responsável pela destruição do feudalismo na China e pela superação do “século de humilhação nacional”, o segundo líder crucial para o crescimento chinês é Deng Xiaoping, que iniciou a reforma e “abertura” da RPC, colocando-a no caminho da modernização, e, por fim, Xi Jinping, que tem como objetivo alcançar a modernização da China e retomar o seu papel hegemónico no sistema internacional.²⁵²

No dia 1 de outubro de 2019, durante o momento em que a RPC celebrava o 70º aniversário, o Presidente Xi Jinping efetuou um discurso no Portão da Paz Celestial, na Praça de Tiananmen (tal como o Grande Timoneiro, Mao Zedong), exaltando o povo chinês, afirmando que este conseguiu superar o “século de humilhação nacional” e embarcar numa jornada, em direção ao “renascimento” e ao “Sonho Chines”.²⁵³

Por fim, o PCC acredita que para alcançar o “renascimento” da China, terá de efetuar a “reunificação” da nação, isto é, a integração de Taiwan, Hong Kong e Macau,

²⁵⁰ Friedberg, Aaron L. (2017). *The Authoritarian Challenge: China, Russia and the Threat to the Liberal International Order*. Japão: The Sasakawa Peace Foundation. p. 16

²⁵¹ *Ibidem*.

²⁵² Rato, Vasco (2020). *De Mao a Xi: o ressurgimento da China*. Óbidos: Alêtheia Editores. pp. 135-136

²⁵³ Office of the Secretary of Defense (2020). *Annual Report to Congress: Military and Security Developments Involving the People's Republic of China 2020*. U.S. Department of Defense. p. 2

algo que segundo a liderança chinesa é expectável que suceda em 2049.²⁵⁴ Independentemente da abordagem pacifista de Hu Jintao face Taipei, com base nas diretrizes delineadas no *Consenso de 1992*, a inequívoca ligação estabelecida entre as duas economias sofreu severas alterações, após a ascensão do atual líder chinês e do *pivot* norte-americano para a Ásia, verificou-se um câmbio de abordagem exclusivamente económica para política, com o intuito de suplantar a ideia de melhoria das relações bilateral e consolidar a ideia de reunificação dos territórios.²⁵⁵

Numa fase inicial, entre 2021 e 2035, o PCC pretende transformar a China num “grande país socialista moderno”, sendo prioritário o desenvolvimento económico, em particular, corrigir as clivagens existentes na sociedade chinesa, sendo previsto que se torne o líder mundial no sector da inovação e que complete a sua modernização militar.²⁵⁶ Durante a segunda fase, entre 2035 e 2049, a RPC completará, segundo o PCC, a transição para um exército de “classe mundial” e finalizará o seu desenvolvimento e “renascimento”, tornando-se uma potência hegemónica.²⁵⁷ Em suma, é possível afirmar que a elaboração ideológica chinesa garante a continuidade da política do Partido Comunista Chinês, fundamental para a estabilidade do regime e para a sua ascensão a potência hegemónica.

III. 2. Política externa chinesa

A compreensão da política externa, de acordo com a teoria realista clássica das relações internacionais, só é alcançável através da análise dos atos políticos e a inquirição das respetivas consequências, porém, a análise empírica deverá ser igualmente acompanhada pela indagação das circunstâncias que originaram o posicionamento político.²⁵⁸ Como referido no capítulo anterior, a ideologia é um dos pilares do Estado chinês, sendo as suas diretrizes definidas pelo Partido Comunista Chinês, não obstante, a economia encontra-se no cerne da sua política externa, seguindo uma abordagem política defendida por Sun Tzu em, *Arte da Guerra*, isto é, a crença de

²⁵⁴ Office of the Secretary of Defense (2020). *Annual Report to Congress: Military and Security Developments Involving the People's Republic of China 2020*. U.S. Department of Defense. p. 3

²⁵⁵ Huang, Jing (2017). “Xi Jinping’s Taiwan Policy: Boxing Taiwan In with the One-China Framework.”, *Taiwan and China: Fitful Embrace*, edited by Lowell Dittmer, 1st ed., University of California Press, pp. 239–48. pp. 243-245

²⁵⁶ *Ibidem*, p. 4

²⁵⁷ Office of the Secretary of Defense (2020). *Annual Report to Congress: Military and Security Developments Involving the People's Republic of China 2020*. U.S. Department of Defense. p. 4

²⁵⁸ Morgenthau, Hans J. (1978). *Politics Among Nations: The Struggle for Power and Peace*, Fifth Edition, Revised, (New York: Alfred A. Knopf, pp. 4-15). p. 5

que a excelência militar não consistia em ganhar todas as batalhas, mas sim em derrotar o adversário sem combater.²⁵⁹

A política externa de Pequim fundamentou-se igualmente, até a atualidade, numa abordagem consubstanciada no pensamento de Tucídides, o crescimento deve ser antecedido pelo silêncio²⁶⁰, assim sendo, até ao momento da sua ascensão o “Império do Meio” manteve uma abordagem cautelosa perante o sistema internacional, usufruindo das vantagens obtidas com a sua adesão à Organização Mundial de Comércio, em 2001, somente iniciando medidas revisionista após alcançar um nível de paridade em diversos setores fundamentais. Com a ascensão de Xi Jinping ao poder, a tácita política chinesa assumiu um cariz mais assertivo e ideológico, rompendo com a tradição dengista de não reivindicar a liderança, em grande medida devido ao reconhecimento de um momento histórico no sistema internacional, afirmando o surgimento de “tendências irreversíveis” e de uma “Nova Era”.²⁶¹ O líder supremo da RPC reconhece que o país se encontra em clara ascensão e em busca do “Sonho Chinês”, num sistema internacional que aspira alcançar paz e estabilidade, mas carece de uma urgente reforma, devido à sobre-extensão norte-americana, atribuindo a Washington a responsabilidade pela crescente competição sino-americana, pela insegurança e desestabilização do sistema internacional.²⁶²

Pequim, com as suas pretensões de reformular o sistema internacional, iniciou uma política externa pautada pelo revisionismo, algo que é erroneamente definido como algo sem precedentes. Ao longo da história é possível observar diversas situações de competição entre grandes potências, criando assim confrontos ideológicos ou de interesses, sendo este confronto capaz de reformular o sistema internacional, portanto, o recatado nível de rivalidade entre potências nos últimos anos é anômalo e deve-se apenas à hegemonia dos Estados Unidos da América, ao momento de unipolaridade no sistema internacional pós-Guerra Fria e à aparente convergência ideológica da época.²⁶³

²⁵⁹ Sun, Tzu. *A arte da guerra*. Trazido por Miguel Conde, Bertrand Editora, 2009. p. 21

²⁶⁰ Gilpin, Robert (1988). “The Theory of Hegemonic War”. *The Journal of Interdisciplinary History*, 18(4), 591–613. p. 597

²⁶¹ State Council Information Office of the People’s Republic of China (2019). *China’s National Defense in the New Era*, 1st ed., Beijing: China. Foreign Languages Press Co. Ltd. pp. 1-2

²⁶² *Ibidem*.

²⁶³ Brands, Hal (2017). *Six Propositions about Great Power Competition and Revisionism in the 21st Century*. Perry World House: University of Pennsylvania. p. 1

Nesse sentido, o crescimento de poder atual por parte da China e a sua parceria estratégica com a Rússia, em combinação com o seu desagrado para com o sistema internacional vigente, possibilita a ambos os Estados tomarem medidas consideradas revisionistas, culminando na atual transição de poder no sistema internacional. A China ambiciona reafirmar-se enquanto potência dominante no Indo-Pacífico, uma área onde outrora os EUA detinham uma preponderância de poder, permitindo posteriormente uma maior projeção de poder e a sua ascensão a potência hegemónica, concretizando o “renascimento” da nação (*fluxing*).

O crescente revisionismo chinês deve-se ao interesse definido em termos de poder, porém, fundamenta as suas medidas em razões ideológicas, exaltadas por um crescente discurso patriótico e inflamatório, acompanhado por um notório aumento de controlo e supressão de direitos da sociedade civil, criando um imaginário de uma ameaça externa, o Ocidente, mais precisamente os EUA, que inevitavelmente colocará a soberania do seu país em risco.

Estas alterações a nível doméstico, acompanhadas pelo aumento de poder, permitiram que o país alterasse a sua política externa e concretizasse medidas revisionistas, contudo, estas medidas, ocorrem apenas em locais onde os interesses vitais do poder rival não se encontram em risco²⁶⁴, evitando uma escalada de tensões para um conflito bélico. É possível observar que as intervenções das potências revisionistas, nunca contemplam uma imediata anexação ou invasão de um território considerado vital para os EUA, portanto, apenas intervêm em territórios de baixo valor estratégico para a potência rival, tornando o custo aparente de uma possível retaliação extraordinariamente desproporcional ao valor do território em disputa.²⁶⁵

Pequim recorre frequentemente a uma diplomacia de coação e por vezes a uma abordagem mais “musculada”, particularmente, na sua “zona de influência”, como é evidente no Tibete, Hong Kong, Xinjiang e nos mares do Sul da China e da China Oriental, todavia, no que concerne aos restantes países foca-se maioritariamente no uso da sua primazia económica. Com o declínio dos EUA no sistema internacional, a China tem tomado posições mais assertivas, nomeadamente, em Taiwan, um território que o

²⁶⁴ Wright, Tom (2015). *Deterrence and Great Power Revisionism*. German Marshall Fund of the United States. p. 1

²⁶⁵ *Ibidem*, p. 2

“Império do Meio” tem demonstrado uma incessante pretensão em retomar, algo que anteriormente era desencorajado devido à hegemonia militar dos EUA na região.²⁶⁶

A assertividade da sua política externa na região reflete-se em medidas como a *Air Defense Identification Zone* (implementada em 2013), uma zona de identificação aérea defensiva com o objetivo de controlar o espaço aéreo do Mar da China Oriental e dominar a região do Indo-Pacífico, uma área onde não detém legalmente a soberania total.²⁶⁷ Em 2014, o gigante asiático iniciou a construção de diversas ilhas artificiais no Mar da China Meridional, povoando-as de acordo com a estratégia “*cabbage*”, que tem como principal objetivo criar diversas camadas habitacionais, desde civis (pescadores), a um forte dispositivo armado, composto por paramilitares (*People’s Armed Forces Maritime Militia*) e membros das Forças Armadas.²⁶⁸ Esta abordagem cria um efeito dissuasor perante qualquer tentativa de intervenção externa, algo que é acompanhado por um crescente poderio naval, capaz de enfrentar qualquer Marinha.

A crescente securitização da área circundante da China tem possibilitado comparações com as medidas implementadas pelos EUA durante a denominada “Doutrina de Monroe”, no entanto, apesar das medidas chinesas terem crescentes semelhanças com uma doutrina de exclusão regional, tal comparação poderá ser demasiado precipitada, uma vez que necessitaria de ser anunciada explicitamente e articulada formalmente, contrariamente às esferas de influência que tendem a não ser explícitas e/ou legalmente definidas.²⁶⁹

Autores como o John Mearsheimer definem o comportamento da RPC como algo normal face a presença norte-americana, isto é, sugere que grandes potências têm tendência a reagir duramente a tentativas de projeção militar de potências rivais na sua área circundante, tal como ocorreu quando Washington procurou interferir nos países fronteiriços da Federação Russa, nomeadamente, a Geórgia, que originou uma intervenção militar em 2008, e na Ucrânia, como será verificado no estudo de caso presente no Capítulo IV. A política chinesa não será equiparável à Doutrina de Monroe,

²⁶⁶ Huang, Jing (2017). “Xi Jinping’s Taiwan Policy: Boxing Taiwan In with the One-China Framework.”, *Taiwan and China: Fitful Embrace*, edited by Lowell Dittmer, 1st ed., University of California Press, pp. 239–48. pp. 240-241

²⁶⁷ Friedberg, Aaron L. (2017). *The Authoritarian Challenge: China, Russia and the Threat to the Liberal International Order*. Japão: The Sasakawa Peace Foundation. p. 32

²⁶⁸ Konishi, Weston S. (2018). *China’s Maritime Challenge in the South China Sea: Options for US Responses*. Chicago Council on Global Affairs p. 1

²⁶⁹ Jackson, Steven (2016). “Does China Have a Monroe Doctrine? Evidence for Regional Exclusion”. *Strategic Studies Quarterly*, 10(4), 64-89. pp. 65-67

no entanto, as crescentes medidas impostas assumem contornos de exclusão regional, designadamente, através do “cinturão de estratégia periférica” (*zhoubian zhanlüe yituo dai* - 周边战略依托带) e das declarações de Xi Jinping ao defender a criação de uma “Nova Diplomacia Asiática”, reiterando que os assuntos referentes à Ásia deverão ser geridos pelos asiáticos, algo que será crucial para afastar a presença norte-americana e facilitar a sua ascensão a potência hegemónica.²⁷⁰

Apesar da crescente militarização da área circundante ao território chinês, é notório, como supracitado, que o PCC evita utilizar uma política externa excessivamente “musculada” ao abordar questões fora da sua esfera de influência, norteando-se principalmente através do seu *soft power* (particularmente investimentos no estrangeiro), contudo, a economia chinesa representa também uma “arma” fulcral no arsenal chinês, suprimindo conflitos e tensões políticas através da coação económica. O PCC procura igualmente utilizar uma abordagem diplomática, fundamentada em princípios presentes na Carta das Nações Unidas, e reitera a necessidade de uma nova mundividência, através da alusão à “comunidade de destino comum”.²⁷¹

A “comunidade de destino comum”, consubstanciada na política externa de Xi Jinping, demonstra uma perpetuação da política externa e dos fundamentos defendidos previamente, nomeadamente por Zhou Enlai, portanto, reitera a imperatividade da cooperação entre Estados, de acordo com os Cinco Princípios da Coexistência Pacífica.²⁷² Esta definição demonstra um novo paradigma das relações internacionais e da geopolítica, reestruturando a ordem mundial, cessando a predominância norte-americana e promovendo a não ingerência de assuntos internos dos Estados, como foi observável durante o discurso do supremo líder chinês, a 18 de janeiro de 2017, em Genebra, durante uma reunião da ONU.²⁷³

Com a ascensão de Deng Xiaoping ao poder preconizou-se um câmbio de mentalidades, passando a economia a ser considerada um instrumento fulcral na política externa chinesa e na modernização política e social da China. Atualmente, o PCC delineou igualmente a sua abordagem ao sistema internacional em função do seu poder

²⁷⁰ Jackson, Steven (2016). “Does China Have a Monroe Doctrine? Evidence for Regional Exclusion”. *Strategic Studies Quarterly*, 10(4), 64-89. pp. 73-74

²⁷¹ State Council Information Office of the People’s Republic of China (2019). *China’s National Defense in the New Era*, 1st ed., Beijing: China. Foreign Languages Press Co. Ltd. p. 10

²⁷² Rato, Vasco (2020). *De Mao a Xi: o ressurgimento da China*. Óbidos: Alêtheia Editores. pp. 193-194

²⁷³ *Ibidem*, p. 194

económico, estabelecendo diversas iniciativas e estratégias que permitiram projetar o seu poder e defender a “comunidade de destino comum”. O seu poder económico permitiu que a RPC colmatasse as deficiências existentes nas Forças Armadas, iniciando uma reestruturação e modernização militar e tecnológica (temática analisada no subcapítulo seguinte, *Reforma Militar*).

Nos últimos tempos, podemos verificar variadíssimas situações onde a China utilizou a sua economia como instrumento de política externa, designadamente em 2016, tendo Pequim recorrido à implementação de sanções económicas através da suspensão da assistência financeira prestada à Mongólia e aumentando os impostos sobre produtos oriundos desse Estado, em retaliação à presença do Dalai Lama em território mongol, e, em 2017, pressionou a Coreia do Sul a não aceitar o sistema de defesa norte-americano (*THAAD*).²⁷⁴ Em 2019, fez novamente uso do seu imenso poder económico, quando a Alemanha ponderou banir a Huawei do solo alemão, tendo a RPC alertado que retaliaria nas vendas de automóveis alemães em solo chinês.²⁷⁵

A China, incentivada pelo retraimento americano e a sua política externa incongruente, iniciou medidas que permitam suplantar a presença do líder da ordem mundial em diversas regiões, a nível político, económico e tecnológico, como é notório nas seguintes medidas, a iniciativa *Belt and Road* e *Made in China 2025* (que tem como objetivo aumentar a relevância internacional da tecnologia chinesa e garantir a sua subsistência).²⁷⁶ A presença do regime chinês no sistema internacional acentuou-se principalmente após a administração Trump, apesar do presidente americano ter conseguido conter a economia chinesa, a sua negligência e o abandono de diversas instituições estratégicas (*TPP*), permitiu que Pequim estabelecesse instituições e iniciativas paralelas, como é notório na criação do Banco Asiático de Investimento em Infraestruturas e o *RCEP*.²⁷⁷

A iniciativa *Belt and Road* (previamente denominada de *OBOR – One Belt One Road*), criada pelo “Novo Timoneiro” chinês, Xi Jinping, retira a sua inspiração da histórica Rota da Seda, da Dinastia Han, e cria ligações bilateral com diversos Estados,

²⁷⁴ Office of the Secretary of Defense (2020). *Annual Report to Congress: Military and Security Developments Involving the People's Republic of China 2020*. U.S. Department of Defense. p. 17

²⁷⁵ *Ibidem*.

²⁷⁶ Tunsjø, Øystein (2020). *The new US-China superpower rivalry*. East Asia Forum. p. 2

²⁷⁷ *Ibidem*.

permitindo que o país impulse trocas comerciais, reforce a presença do *renminbi*²⁷⁸ na economia global e projete o seu poder no sistema internacional. O *BRI* tornou-se o maior projecto comercial do mundo, reforçando os laços comerciais com a China e financiando a construção de diversas infra-estruturas nos países signatários, contando (de acordo com o *Asian Development Bank*), com um investimento que atingirá o valor de 26 biliões de dólares em 2030, permitindo que fossem estabelecidas três “rotas da seda” transcontinentais, a rota marítima, a rota continental e a mais recente (2018), possibilitada devido à parceria estratégica sino-russa (analisada no capítulo seguinte), a rota polar, estabelecendo, actualmente, contacto com 145 Estados.²⁷⁹ Como contemplado no 13º Plano de Cinco Anos (*13th Five-Year Plan*), esta iniciativa é acompanhada pela criação de 6 corredores económicos, o corredor China – Mongólia – Rússia, China – Ásia Central – Ásia Ocidental, China – Península Indochina, China – Paquistão, Bangladesh – China – Índia – Myanmar e a Ponte Continental Euroasiática.²⁸⁰

Apesar da dimensão colossal da iniciativa *Belt&Road*, a sua análise possibilitará um paralelismo à abordagem perpetrada pelos EUA durante o período pós-Segunda Guerra Mundial, designadamente, através do Plano Marshall, um marco da política externa norte-americana (fundamental para a criação de uma nova ordem mundial), baseado em estímulos económicos para a obtenção de ganhos futuros. A crescente presença naval chinesa tem como propósito projetar o poder do “Império do Meio” em diversas regiões, contudo, é o aumento de poder militar que assegura o funcionamento de algumas das iniciativas referidas, defendendo os portentosos investimentos efetuados e o funcionamento do setor energético, salvaguardando também a importação regular de matérias-primas necessárias para a sua modernização, como por exemplo minerais ou combustíveis fósseis.²⁸¹

²⁷⁸ *Renminbi (RMB)* é a moeda oficial da República Popular da China, utilizada em trocas comerciais com o estrangeiro.

²⁷⁹ Nedopil, Christoph (2022). *Countries of the Belt and Road Initiative*. Shanghai, Green Finance & Development Center: FISF Fudan University.

²⁸⁰ Zhongguo gong chan dang, issuing body (2017). *China: the 13th five-year plan for economic and social development of the people's republic of China (2016-2020)*/ [formulated on the basis of the recommendations of Central Committee of the Communist Party of China (CPC)] Longer River Press; Central Compilations & Translation Press San Francisco, CA: Beijing, China. pp. 147-148

²⁸¹ Defense Intelligence Agency (2019). *China Military Power: Modernizing a Force to Fight and Win*. Washington D.C.: Defense Intelligence Agency. p. 66

A utilização da economia enquanto *soft power* (investimentos e ajudas no estrangeiro) é fundamental para a ascensão da China, sendo somente possível devido ao seu sistema económico básico, de propriedade pública e/ou múltipla. Nesse sentido, o Estado domina o mercado, supervisionando o funcionamento e administração, de empresas públicas e privadas, tornando-as praticamente indissociáveis (colocando os seus rivais estrangeiros em desvantagem), de acordo com os objetivos definidos no 13º Plano de Cinco Anos, anunciado por Xi Jinping durante o XIX Congresso Nacional do PCC em 2017.²⁸² Diversas estratégias inerentes à política externa chinesa encorajam a utilização de empresas estatais (conhecidas como *SOE - State-Owned Enterprises*)²⁸³, como a Chinalco, a adquirir diversos recursos estratégicos, facilitando o seu desenvolvimento e mitigando a dependência de importações, algo que é reiterado no Artigo 7 da Constituição chinesa, demonstrando o papel dominante do regime no setor económico.²⁸⁴

A estratégia *Going Out* (*zou chu qu*), ratificada em 1999, estabelece um incentivo económico e político para o incremento de investimento direto no estrangeiro (*OFDI*), tanto a nível de recursos naturais como tecnológicos, reduzindo a dependência chinesa face fornecedores externos e integrando o país na economia global. Entre 2005 e 2015, foi observado um incremento de investimento de 3 mil milhões de dólares para 123 mil milhões de dólares²⁸⁵, sendo a compra do monte Toromocho (Peru), em 2007, um marco histórico nesta arrebatadora busca de domínio do mercado de recursos naturais²⁸⁶ e da abertura da RPC ao mundo. De acordo com fontes governamentais da China, o “Império do Meio” tornou-se o líder no investimento externo (*OFDI*), utilizando a iniciativa *Going Out* paralelamente ao *BRI*, portanto, em 2020, Pequim

²⁸² Office of the Secretary of Defense (2020). *Annual Report to Congress: Military and Security Developments Involving the People’s Republic of China 2020*. U.S. Department of Defense. p. 12

²⁸³ Office of the United States Trade Representative (2018). *Findings of the Investigation into China’s Acts, Policies, and Practices Related to Technology Transfer, Intellectual Property, and Innovation Under Section 301 of the Trade Act of 1974*. Washington D.C.: Executive Office of the President of the United States. pp. 80-81

²⁸⁴ People’s Republic of China (1983). *The Constitution of the People’s Republic of China: (adopted on December 4, 1982 by the Fifth National People’s Congress of the People’s Republic of China at its fifth session*. The State Council: The People’s Republic of China.

²⁸⁵ Thilo Hanneman, e H. Rosen, Daniel (2016). *Chinese Investment in the United States Recent Trends and the Policy Agenda*. Rhodium Group. p. 6

²⁸⁶ Moyo, Dambisa (2013). *A China e a Corrida aos Recursos*. Trad. Nuno Fernandes, Lisboa: Bertrand Editora. p. 9

injetou 153.7 mil milhões de dólares em solo estrangeiros, o que representa 20.2% da quota mundial neste tipo de investimentos.²⁸⁷

O processo de investimento e aquisição de bens no estrangeiro é atualmente subsidiado e legislado pela Política de Orientação de Investimento Industrial no Estrangeiro (*Overseas Investment Industrial Guiding Policy*), posteriormente ampliado pelo *2017 Investment Opinion*.²⁸⁸ Um documento responsável pela categorização prioritária da aquisição de recursos, reiterando primeiramente, a imperatividade de adquirir recursos escassos em território nacional e/ou que permitam o desenvolvimento social e económico da nação.²⁸⁹ De seguida, o *2017 Investment Opinion*, considerou fundamental efectuar investimentos que catapultem as exportações de produtos chineses, e por fim, empregar fundos e meios no setor de investigação e desenvolvimento tecnológico, de modo a modernizar o mesmo e adquirir conhecimento necessário para a formação de profissionais autóctones.²⁹⁰

Como referido, a exploração do monte Toromocho, considerado um dos maiores depósitos de cobre do mundo, contendo aproximadamente dois mil milhões de toneladas de cobre, foi adquirido por 3 mil milhões de dólares, algo que simboliza o colossal investimento chinês, tendo a mesma empresa inclusivo, em 2018, utilizado 13 mil milhões de dólares para assumir um papel de enorme relevo no sector australiano do alumínio.²⁹¹ Apesar da elevada importância da aquisição de materiais necessários para a produção tecnológica, como o cobre, Pequim, devido à sua enorme indústria, tornou-se um dos maiores consumidores de combustíveis fósseis do mundo, sendo que em 2013 eram necessários aproximadamente 10.7 milhões de barris de petróleo diários, para

²⁸⁷ State Council Information Office of the People's Republic of China (29 de setembro de 2021). *Report: China ranks first globally in ODI in 2020*. Beijing: Xinhua. Disponível em: http://english.www.gov.cn/statecouncil/ministries/202109/29/content_WS61541ec1c6d0df57f98e10be.html

²⁸⁸ Office of the United States Trade Representative (2018). *Findings of the Investigation into China's Acts, Policies, and Practices Related to Technology Transfer, Intellectual Property, and Innovation Under Section 301 of the Trade Act of 1974*. Washington D.C.: Executive Office of the President of the United States. pp. 77-78

²⁸⁹ *Ibidem*.

²⁹⁰ *Ibidem*.

²⁹¹ Moyo, Dambisa (2013). *A China e a Corrida aos Recursos*. Trad. Nuno Fernandes, Lisboa: Bertrand Editora. p. 9

satisfazer as necessidades do “Império do Meio”, dos quais 5.6 milhões eram importados.²⁹²

Em resposta a esta necessidade, o gigante asiático procurou diversificar as suas fontes de petróleo, de modo a garantir o seu funcionamento e segurança energética. Dambisa Moyo, declara que em 2009, a empresa chinesa, Sinopec, comprou a Addax Petroleum, uma empresa petrolífera responsável pela exploração na Nigéria e no Iraque, no valor de 7,2 mil milhões de dólares, tendo igualmente adquirido em 2010, 40% da filial brasileira da Repsol (por 7 mil milhões de dólares), e em 2006, 97% da empresa Rosneft, considerada a empresa russa líder no sector do gás e petróleo. O poder do regime chinês, no sector energético intensificou-se com o crescimento de empresas como, a China Petrochemical Corporation, China National Petroleum Corporation e a China National Offshore Oil Corporation²⁹³, mais concretamente após o estreitamento da relação sino-russa.

A dependência de Moscovo face Pequim, concedeu à China acesso a mercados previamente dominados pelos soviéticos, conseguindo, em (2013), expandir o seu investimento na área dos hidrocarbonetos para o Uzbequistão, o Turquestão e o Cazaquistão, estabelecendo um contrato com o último de 30 mil milhões de dólares para a aquisição de petróleo, contando com a participação ativa da China National Petroleum Corporation na exploração dos oleodutos no Mar Cáspio.²⁹⁴ Não obstante, a busca de supremacia chinesa no mercado petrolífero não ocorre apenas nesta região, tendo nos últimos anos catapultado o montante investido e creditado a países africanos, facilitando contratos de fornecimento e a participação direta na exploração de petróleo, algo que é efetuado em simultâneo com a estratégia *Going Out*.²⁹⁵

Esta busca de hegemonia económica por parte da RPC, fez com que se tornasse uma das maiores fontes de injeção de capital do mundo, tendo diversos países procurado ativamente o investimento chinês, incluindo os EUA (em 2011, a China

²⁹² Aaltola, Mika, e Käpylä, Juha (2016). “U.S. and Chinese Silk Road Initiatives: Towards a Geopolitics of Flows in Central Asia and Beyond”. *The Regional Security Puzzle around Afghanistan: Bordering Practices in Central Asia and Beyond*. (1st ed.). Barbara Budrich Publishers, pp. 207–242. p. 233

²⁹³ Moyo, Dambisa (2013). *A China e a Corrida aos Recursos*. Trad. Nuno Fernandes, Lisboa: Bertrand Editora. pp. 9-17

²⁹⁴ Aaltola, Mika, e Käpylä, Juha (2016). “U.S. and Chinese Silk Road Initiatives: Towards a Geopolitics of Flows in Central Asia and Beyond”. *The Regional Security Puzzle around Afghanistan: Bordering Practices in Central Asia and Beyond*. (1st ed.). Barbara Budrich Publishers, pp. 207–242, pp. 232-233

²⁹⁵ Fernandes, Sofia (dezembro de 2018). “A “política da China para África” e as ambições globais da China”. *Relações Internacionais*. N.º 60, pp.101-111. pp. 101-102

detinha 26% de todas as obrigações do tesouro norte-americano, detidas por estrangeiros²⁹⁶), estabelecendo assim um papel lapidar nas dinâmicas dos mercados globais e alterando a geopolítica mundial. Tal como os seus antecessores, devido ao impacte causado pelo “século de humilhação”, Xi Jinping delineou a atual política externa chinesa em função do seu poder económico (e militar), obtendo uma maior influência em organizações como as Nações Unidas, a Organização Mundial de Saúde e a Organização Mundial do Comércio (esferas que eram tipicamente dominadas por Washington) e assegurando a perpetuação do regime e a soberania da RPC.

Para além do estreitamento de relações com diversos Estados, através de avultados investimentos em infraestruturas ao abrigo do *BRI*, os corredores comerciais construídos permitem o escoamento de bens e serviços chineses, e efetuar financiamentos a diversos Estados, definidos por alguns autores como “predatórios”, sendo que posteriormente poderão servir de instrumento de coação e obter concessões internacionais. Segundo o antigo Secretario de Estado Mike Pompeo, o cariz transformador do *BRI*, anula a capacidade de competição norte-americana na região, uma vez que a China tem capacidade de gastar 1,3 biliões de dólares em infraestruturas que liguem a Eurásia ao seu território e os EUA apenas 113 milhões de dólares.²⁹⁷ Adicionalmente, a medida *Made in China 2025*, baseia-se numa miríade de políticas de mercado, proteccionistas, estabelecendo barreiras legais com o intuito de obter transferências tecnológicas estrangeiras em troca de acesso ao lucrativo mercado chinês.

De acordo com a investigação conduzida pelo Gabinete do Representante Comercial dos EUA, a demanda chinesa por inovação e as transferências tecnológicas contempladas no projeto *Made in China 2025*, têm lesado anualmente os EUA, em 50 mil milhões de dólares²⁹⁸. Recorrendo igualmente à contrafação de produtos e tecnologias, o regime de Pequim é considerado um dos maiores usurpadores de Propriedade Intelectual a nível mundial.²⁹⁹ Para além destes métodos ilícitos ou

²⁹⁶ Fernandes, Sofia (dezembro de 2018). “A “política da China para África” e as ambições globais da China”. *Relações Internacionais*. N.º 60, pp.101-111. p. 14

²⁹⁷ Allison, Graham (2020). *The New Spheres of Influence: Sharing the Globe with Other Great Powers*. Foreign Affairs. p. 2

²⁹⁸ Office of the Secretary of Defense (2020). *Annual Report to Congress: Military and Security Developments Involving the People’s Republic of China 2020*. U.S. Department of Defense. p. 13

²⁹⁹ Office of the United States Trade Representative (2020). *2020 Special 301 Report*. Washington D.C.: Executive Office of the President of the United States. pp. 41-44

discriminatórios, veemente condenados pelo governo norte-americano³⁰⁰, as tecnologias, maioritariamente de uso duplo (contempladas na estratégia de desenvolvimento fusão civil-militar (MCF))³⁰¹, são igualmente obtidas através de um forte investimento governamental no estrangeiro, na criação de centros de pesquisa e desenvolvimento, e na aquisição de empresas ou efetuando *joint venture*.

Um dos métodos providenciais para o incremento da competitividade do regime chinês no setor científico e tecnológico (S&D) deve-se à restrição de investimento estrangeiro, concedendo apenas acesso aos mercados chineses a investidores estrangeiros que possam efetuar transferências tecnológicas úteis para o regime ou estejam dispostos a efetuar um *joint venture* (concedendo uma percentagem do negócio ao regime).³⁰² Para além, do referido acordo entre o regime chinês e os investidores estrangeiros, a RPC, exige de forma expressa ou insinuada, a formação de técnicos chineses e a partilha de informações vitais para a condução da atividade comercial, como a transferência de tecnologias por parte das empresas estrangeiras em troca do acesso aos seus mercados, funcionando como um *quid pro quo*, situação essa que foi analisada pelo Conselho de Negócios EUA-China (USCBC), concluindo que 19% das abordagens são efetuadas diretamente pelo regime chinês.³⁰³

O escrutínio e definição de importância do investimento estrangeiro é efetuado de acordo com os parâmetros reiterados no Catálogo de Investimento Estrangeiro (*Foreign Investment Catalogue*), estabelecendo a relevância das empresas estrangeiras para o regime através das seguintes categorias, “permitida”, “encorajada”, “restrita” e “proibida”.³⁰⁴ De acordo com relatos prestados por companhias estrangeiras, a China, após alcançar um elevado nível de autossuficiência numa determinada indústria ou paridade tecnológica, incrementa as suas exigências e/ou restrições face as empresas estrangeiras, por conseguinte, vai controlando o mercado nacional e concedendo um

³⁰⁰ Presidente dos EUA (17 de agosto de 2017). *Addressing China's Laws, Policies, Practices, and Actions Related to Intellectual Property, Innovation, and Technology*. Washington D.C.: The White House. pp. 1-2

³⁰¹ Office of the Secretary of Defense (2020). *Annual Report to Congress: Military and Security Developments Involving the People's Republic of China 2020*. U.S. Department of Defense. pp. v-vi

³⁰² Office of the United States Trade Representative (2018). *Findings of the Investigation into China's Acts, Policies, and Practices Related to Technology Transfer, Intellectual Property, and Innovation Under Section 301 of the Trade Act of 1974*. Washington D.C.: Executive Office of the President of the United States. p. 19

³⁰³ *Ibidem*, pp. 19-20

³⁰⁴ *Ibidem*, pp. 24-25

ambiente favorável para o crescimento das suas empresas, que por sua vez adquirem fundos e tecnologias necessários para conquistar os mercados internacionais.³⁰⁵

Para concretizar a sua modernização e a aquisição de novas tecnologias, Pequim, tem explorado algo que pode ser definido como um novo teatro de guerra, o ciberespaço, recorrendo avidamente a intrusões informáticas, efetuando diversos cibercrimes como fraudes de telecomunicações (*wire fraud*) e roubo de identidade. Estas atividades são efetuadas por alguns grupos financiados pelo regime chinês, como o *Advanced Persistent Threat 10 (APT10)* e o *APT41*, cada um com alvos e sectores específicos, contudo, é evidente também a utilização de cidadãos chineses a desempenhar funções em empresas estrangeiras para a aquisição de informação privilegiada, efectuando espionagem industrial e económica, como é possível constatar com a acusação do júri Federal dos EUA, em novembro de 2019, a um cientista chinês que laborava na empresa Monsanto e na sua subsidiária, The Climate Corporation.³⁰⁶

Estas intrusões poderão ser utilizadas igualmente como “arma”, que permitirá paralisar ou destruir um setor vital de um Estado, designadamente o seu sistema financeiro, gerando um efeito domino (após um ataque cibernético) com consequências para inúmeras instituições e empresas, como ocorreu no denominado “flash crash”, em 2010. Para além da capacidade ofensiva do ciberespaço, estas abordagens têm permitido a aproximação de paridade tecnológica da China face os EUA, consequentemente facilitando a modernização das suas Forças Armadas, o desenvolvimento do setor tecnológico e científico, e o fortalecimento da economia, sendo atualmente responsável por 27% da produção global de alta-tecnologia e os EUA por 29%.³⁰⁷

Outro indicador que revela a eficiência dos métodos utilizados pelo regime comunista de Xi Jinping, no mercado científico e tecnológico (S&D), é o número de patentes e *trademarks* registadas, ocupando a China, em 2020, o primeiro lugar do

³⁰⁵ Office of the United States Trade Representative (2018). *Findings of the Investigation into China's Acts, Policies, and Practices Related to Technology Transfer, Intellectual Property, and Innovation Under Section 301 of the Trade Act of 1974*. Washington D.C.: Executive Office of the President of the United States. pp. 25-27

³⁰⁶ Office of the Secretary of Defense (2020). *Annual Report to Congress: Military and Security Developments Involving the People's Republic of China 2020*. U.S. Department of Defense. p. 14

³⁰⁷ Office of the United States Trade Representative (2018). *Findings of the Investigation into China's Acts, Policies, and Practices Related to Technology Transfer, Intellectual Property, and Innovation Under Section 301 of the Trade Act of 1974*. Washington D.C.: Executive Office of the President of the United States. p. 6

ranking, de acordo com o *World Intellectual Property Indicators*.³⁰⁸ Ao longo do ano antecedente (2019), o regime chinês (*National Intellectual Property Administration of the People's Republic of China*) tinha recebido 1.4 milhões de aplicações referentes a novas patentes, enquanto o governo norte-americano (*United States Patent and Trademark Office*), apenas recebeu, em igual período, 621,453 aplicações.³⁰⁹

No relatório elaborado por Washington, *Findings of the Investigation Into China's Acts, Policies, and Practices Related to Technology Transfer, Intellectual Property, and Innovation Under Section 301 of the Trade Act of 1974*, são consideradas práticas comerciais discriminatórias, quaisquer ações por parte de um país estrangeiro que neguem através de atos, políticas ou práticas, o tratamento de forma justa dos EUA e dos seus bens e serviços, legislada através do acordo *MFN (Most-favoured-nation treatment)*.³¹⁰ Adicionalmente, podemos interpelar a definição de práticas comerciais “insensatas”, isto é, todas as práticas que apesar de não infringirem necessariamente os direitos legais internacionais dos EUA sejam consideradas injustas ou desiguais.³¹¹

Segundo Washington, as políticas de mercado chinesas, indissociáveis da sua política externa, são consideradas discriminatórias, não obstante, apesar da atual definição ser marcada pelas práticas comerciais utilizadas e pela respetiva transição de uma economia definida pela manufatura de baixo custo para uma economia de vanguarda (líder no setor tecnológico), a abordagem chinesa remete a planos anteriores, como o *National Medium- and Long- Term Science and Technology Development Plan Outline (2006-2020)* ou o *Made in China 2025 Notice*.³¹² A atual abordagem, plasmada nas diretrizes das medidas supracitadas, representa um incremento de assertividade por parte da RPC. De acordo com o documento estratégico da China, 13º Plano de Cinco Anos, Pequim pretende utilizar o comércio como elemento catalisador da sua ascensão, promovendo a exportação de bens e serviços relacionados com tecnologias avançadas, nomeadamente na indústria aeronáutica, aeroespacial, energética, entre outras,

³⁰⁸ WIPO (2020). *World Intellectual Property Indicators 2020*. Geneva: World Intellectual Property Organization. p. 7

³⁰⁹ *Ibidem*, p. 12

³¹⁰ Office of the United States Trade Representative (2018). *Findings of the Investigation into China's Acts, Policies, and Practices Related to Technology Transfer, Intellectual Property, and Innovation Under Section 301 of the Trade Act of 1974*. Washington D.C.: Executive Office of the President of the United States. p. 3

³¹¹ *Ibidem*.

³¹² *Ibidem*, p. 10

possibilitando a maximização dos seus lucros, competir com as restantes potências e alcançar, pelo menos, 16% de todas as trocas comerciais mundiais.³¹³

A abordagem do regime chinês ao sector tecnológico poderá ser definida através de uma sigla introduzida pelo *Made in China 2025, IDAR*, cujo significado é, introduzir (*yinjin*), digerir (*xiaohua*), absorver (*xishou*) e reinventar (*zai chuangxin*) a propriedade intelectual e a tecnologia estrangeira, por conseguinte, a indústria encontra-se intrinsecamente ligada ao Partido Comunista Chinês, assumindo um papel central e permitindo a aquisição tecnológica em áreas e setores considerados deficitários (11 setores e 68 áreas prioritárias).³¹⁴

Em 2019, para facilitar o seu “renascimento” e a criação de uma “comunidade de destino comum”, a RPC adotou uma nova estrutura diplomática, referida como “Diplomacia de Grande Potência com Características Chinesas na Nova Era” (*Major Power Diplomacy with Chinese Characteristics in the New Era*) estabelecendo uma interligação entre as políticas domésticas e internacionais, algo que permitirá a defesa dos seus interesses.³¹⁵ De acordo com Yang Jiechi, a RPC prioriza as relações bilaterais com os restantes Estados, todavia, as suas relações são diferenciadas de acordo com quatro categorias, grandes potências, nações periféricas, nações em vias de desenvolvimento e organizações internacionais.³¹⁶ O regime chinês procura estabelecer uma relação estável e equilibrada com as grandes potências, uma relação tendencialmente forte com as nações periféricas, obtendo vantagens nas suas fronteiras terrestres e marítimas, e por fim, reitera a solidariedade e a cooperação com países em desenvolvimento, tal como uma diplomacia multilateral obtendo o seu apoio nas organizações internacionais.

Neste sentido, o *BRI*, como previamente mencionado, para além de representar um projeto económico, deverá ser considerado um projeto transformador, que assume

³¹³ Zhongguo gong chan dang, issuing body (2017). *China: the 13th five-year plan for economic and social development of the people's republic of China (2016-2020)*/ [formulated on the basis of the recommendations of Central Committee of the Communist Party of China (CPC)] Longer River Press; Central Compilations & Translation Press San Francisco, CA; Beijing, China. p. 143

³¹⁴ Office of the United States Trade Representative (2018). *Findings of the Investigation into China's Acts, Policies, and Practices Related to Technology Transfer, Intellectual Property, and Innovation Under Section 301 of the Trade Act of 1974*. Washington D.C.: Executive Office of the President of the United States. pp. 11-14

³¹⁵ Office of the Secretary of Defense (2020). *Annual Report to Congress: Military and Security Developments Involving the People's Republic of China 2020*. U.S. Department of Defense. pp. 4-5

³¹⁶ *Ibidem*, pp. 5-6

uma função vital na política externa de Pequim, expandindo o seu poder diplomático em 145 países e facilitando a criação de uma “comunidade de destino comum”, em particular com os países periféricos. Como anteriormente demonstrado, a China tem alcançado um elevado nível de parcerias, expandindo a sua influência para territórios inesperados, como por exemplo as Ilhas Salomão, através de um pacto de segurança³¹⁷, e inclusivamente com Estados considerados rivais, como a Austrália, Filipinas, Vietnam e Japão, através do acordo comercial de Parceria Económica Compreensiva Regional (RCEP)³¹⁸. Somando ao seu poder político e económico, o BRI, permitirá a criação de diversas vantagens militares para a RPC, dando acesso a portos estrangeiros, que por sua vez facilitará uma maior logística para o desempenho de missões marítimas por parte do ELP e consequentemente projetar o seu poderio militar em zonas mais distantes, como o Oceano Índico, o Mar Mediterrâneo e o Oceano Atlântico.³¹⁹

A coordenação das Forças Armadas no seu sector logístico é apenas alcançável devido à criação da Força Conjunta de Apoio Logístico do ELP (*PLA Strategic Support Force*), responsável pela modernização do setor e da sua respetiva autossuficiência e eficiência.³²⁰ Esta instituição estabeleceu uma sinergia entre o setor militar e civil (público e privado), de modo a garantir os serviços básicos como a alimentação, infraestruturas e o sistema de saúde.³²¹ Foi também cimentada uma instituição que permite uma maior facilidade e celeridade de mobilização de milícias e Forças Armadas (em reserva e no ativo), o Departamento de Mobilização de Defesa Nacional.³²² Este sistema coordena dois “sub-sistemas”, o sistema de defesa nacional e o sistema de gestão de emergências, reportando diretamente à Comissão Militar Central, o que permite assegurar um elevado nível de prontidão civil e militar, de acordo com as necessidades estratégicas do Estado.³²³

A eficiência destas medidas é apenas alcançada devido à ratificação de leis que concedam um maior controlo ao PCC, como por exemplo, a Lei de Segurança Nacional,

³¹⁷ Lyons, Kate, e Wickham, Dorothy (20 de abril de 2022). *The deal that shocked the world: inside the China-Solomons security pact*. The Guardian. Disponível em: www.theguardian.com/world/2022/apr/20/the-deal-that-shocked-the-world-inside-the-china-solomons-security-pact

³¹⁸ Office of the Secretary of Defense (2020). *Annual Report to Congress: Military and Security Developments Involving the People's Republic of China 2020*. U.S. Department of Defense. pp. 6-7

³¹⁹ *Ibidem*, p. 15

³²⁰ *Ibidem*, pp. 20-21

³²¹ *Ibidem*.

³²² *Ibidem*, p. 21

³²³ *Ibidem*.

adotada em julho de 2015, restringindo o acesso externo ao sector das tecnologias de informação na RPC, e em dezembro do mesmo ano a Lei do Contraterrorismo, que obriga as empresas de telecomunicações a facultarem e descodificarem informação para o Estado, para alegados fins de prevenção e investigação de atividade terroristas.³²⁴

Em junho de 2017, foi igualmente ratificada a Lei da Ciber-Segurança, promovendo o desenvolvimento de tecnologias nacionais ou como referido “indígenas”, e restringindo a venda de tecnologias estrangeiras, obrigando as empresas a uma avaliação de segurança por parte do governo e armazenar toda a informação em território chinês.³²⁵ Suplementarmente, no mesmo mês, o regime de Xi aprovou a Lei de Inteligência, facultando a autoridade necessária para as suas forças de segurança e de inteligência monitorizarem e investigarem pessoas e/ou organizações, estrangeiras e/ou nacionais, por questões de alegada segurança nacional.³²⁶

O crescimento económico e tecnológico, alcançado através das medidas em análise no decorrer deste capítulo, permitiu que a potência asiática se transformasse num dos maiores competidores políticos e militares à escala global, tendo sido verificado um incremento no PIB, de 300 mil milhões de dólares (1980) para 11 biliões (2015) e um aumento notório do montante referente a trocas comerciais, de 40 mil milhões (1980) para 4 biliões (2015), tornando-se (de acordo com estes dados), a segunda maior economia do mundo.³²⁷ Não obstante, apesar de alguns economistas considerem a RPC a segunda maior economia do mundo, já ultrapassou o seu competidor direto (os EUA) em diversos sectores, designadamente, na manufatura, sendo o maior produtor de navios, automóveis, telemóveis, computadores, têxteis, aço, entre outros produtos, e sendo igualmente o maior consumidor de produtos à escala global.³²⁸ Além disso, Pequim é o ator mais importante no sector energético, tendo importado mais petróleo, consumido mais energia e instalado mais painéis solares que qualquer outro Estado.³²⁹

Apesar do PIB chinês determinar que o “Império do Meio” se encontra no segundo lugar do *ranking* das maiores potências do mundo, o crescimento astronómico

³²⁴ Office of the Secretary of Defense (2020). *Annual Report to Congress: Military and Security Developments Involving the People's Republic of China 2020*. U.S. Department of Defense. pp. p. 16

³²⁵ *Ibidem*.

³²⁶ *Ibidem*.

³²⁷ Allison, Graham (2017). *Destined For War*. London: Scribe Publications. p. 6

³²⁸ *Ibidem*, p. 9

³²⁹ *Ibidem*, p. 6

da China, verificado através da medição da *PPP*, em conjunto com a crescente participação no comércio mundial e no desenvolvimento tecnológico, tornam irrefutável não só a integração da RPC no sistema internacional, mas também a sua ascensão a maior economia do mundo. Devido à crescente relevância do “Império do Meio”, será inclusivamente possível considerar o gigante asiático como uma potência revisionista “seletiva” (como definido por Bonnie Glaser).³³⁰

Independentemente de Pequim tencionar suplantat o papel hegemónico dos EUA no sistema internacional, o gigante asiático não objetiva destruir a atual ordem mundial, mas sim reestruturá-la, como referido por um oficial chinês³³¹, uma vez que o desmoronamento da atual ordem mundial provocaria mais malefícios do que vantagens.³³² Deste modo, o PCC tem-se demonstrado um ávido apoiante de instituições como o BRICS e estabelecido *binding* através da elevação de novas organizações como a Conference on Interaction & Confidence Building Measure in Asia (*CICA*) e a Shanghai Cooperation Organisation (*SCO*), organizações paralelas cujo intuito é facultar alternativas às instituições dominadas pelos Estados Unidos e reforçar a mundividência da “comunidade de destino comum”.

A mundividência defendida, encabeçada pelo regime de Xi Jinping, tem-se fortalecido nos últimos tempos, algo que é particularmente visível na sequência da guerra na Ucrânia. Durante a votação que ocorreu na sede das Nações Unidas, para expulsar a Rússia do Conselho de Direitos Humanos, em 175 Estados presentes, foram registados 24 votos contra e 58 abstenções, o que revela uma fadiga generalizada da “mundividência ocidental” e uma maior centralidade do eixo-revisionista liderado por Pequim.³³³

Através destas instituições, a China tem conseguido implementar algumas modificações no sistema de governança, designadamente através do *ASEAN*, tendo o PCC proposto duas cláusulas para o Código de Conduta no Mar do Sul da China, que proíbem a cooperação de empresas energéticas com países fora da região, tal como a

³³⁰ Glaser, Bonnie (2019). *China as a Selective Revisionist Power in the International Order*. Singapura, Yusof Ishak Institute. p. 1

³³¹ Stent, Angela (2020). *Russia and China. Axis of Revisionists?*. Washington, D.C.: The Brookings Institution. p. 8

³³² Ikenberry, John G. (2018). “The end of liberal international order?”, *International Affairs*, Volume 94, Issue 1, pp. 7–23. p. 23

³³³ Macias, Amanda (7 de abril de 2022). *UN votes to remove Russia from Human Rights Council*. CNBC. Disponível em: <https://www.cnbc.com/2022/04/07/un-votes-to-remove-russia-from-human-rights-council.html>

condução de exercícios militares, negando qualquer possibilidade de intervenção norte-americana e estabelecendo uma esfera de influência.³³⁴ Para além da importância que estas medidas têm na política externa chinesa, devido à securitização da região e ao fortalecimento de relações com os países vizinhos, iniciativas como o Shanghai Cooperation Organization (SCO), o BRI e a respetiva “Marcha para Oeste”³³⁵, têm igual importância na sua política interna, pois permitem combater as disparidades regionais, através de uma evolução socioeconómica de territórios a Oeste da China, fora das Zonas Económicas Especiais (SEZs), designadamente, Xinjiang.³³⁶ Ademais, a implementação destas medidas, tem permitido ao regime chinês, combater de forma consistente a enorme desigualdade que existe no país, conseguindo, segundo o *World Bank*, retirar anualmente cerca de 24 milhões de cidadãos do limiar da pobreza.³³⁷

Algumas instituições estabelecidas por Washington, como a OMC e Conselho de Segurança das Nações Unidas, são fortemente defendidas por Pequim, confessos apoiantes do multilateralismo. A primeira foi essencial para a modernização económica da China e a segunda concede-lhe lugares que permitem vetar qualquer proposta em análise, dando assim margem de manobra para alcançar os seus objetivos revisionistas, mas também para proteger e legitimar os seus aliados, como a Rússia, a Coreia do Norte e o Irão³³⁸. As Nações Unidas têm assumido um papel preponderante na política externa chinesa, funcionando como instrumento de reformulação da governança global, que permite projetar a sua política interna e defender os seus interesses, como por exemplo na tentativa de ratificação do direito à ciber-soberania, uma medida de elevada importância para a RPC devido à sua procura de institucionalização da *splinternet*, um instrumento significativamente limitador do acesso e liberdade de circulação na internet.³³⁹ Pequim e os seus aliados têm reiterado o direito dos Estados, em aplicar o controlo que acharem necessário sobre toda a internet do seu país, algo que representa

³³⁴ Stent, Angela (2020). *Russia and China. Axis of Revisionists?*. Washington, D.C.: The Brookings Institution. p. 6

³³⁵ Wang, Jisi (2012). ‘*Marching Westwards*’: *The Rebalancing of China’s Geostrategy*. International and Strategic Studies Report, nº 73.

³³⁶ Aaltola, Mika, e Kämpylä, Juha (2016). “U.S. and Chinese Silk Road Initiatives: Towards a Geopolitics of Flows in Central Asia and Beyond”. *The Regional Security Puzzle around Afghanistan: Bordering Practices in Central Asia and Beyond*. (1st ed.). Barbara Budrich Publishers, pp. 207–242. pp. 229-230

³³⁷ International Bank for Reconstruction and Development (2022). *Four Decades of Poverty Reduction in China: Drivers, Insights for the World and the Way Ahead*. Washington D.C.: The World Bank. pp.1-3

³³⁸ Glaser, Bonnie (2019). *China as a Selective Revisionist Power in the International Order*. Singapura, Yusof Ishak Institute. pp. 3-7

³³⁹ Wishnick, Elizabeth (2020). *Sino-Russian Consolidation at a Time of Geopolitical Rivalry*. China Leadership Monitor. p. 2

um alargamento da importância da soberania, de física para digital, defendendo a não ingerência nas políticas internas dos Estados.³⁴⁰

Concluindo, a centralidade que a Organização das Nações Unidas tem assumido na política externa chinesa, particularmente acrescida devido à posição que ocupa na organização (membro permanente do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas) concedeu um papel fulcral ao Exército de Libertação Popular na política chinesa. Através desta participação, além de obter informações necessárias para a sua modernização estrutural e incrementar o *know-how* no setor da defesa, a China alcança uma maior projeção diplomática com a presença de entidades militares no estrangeiro com funções de adidos.³⁴¹ Estes militares concedem um maior apoio ao embaixador e ao Ministério de Negócios Estrangeiros³⁴², potenciando um estreitamento das relações bilaterais, que por sua vez permitirá um aumento de visitas militares recíprocas e o desenvolvimento de planos de defesa e segurança conjuntos com outros Estados.³⁴³

A crescente participação das Forças Armadas chinesas na sua política externa, está consubstanciada no documento estratégico referente ao período de 2016 a 2020, o 13º Plano de Cinco Anos, onde o regime chinês menciona a importância da participação ativa do ELP no sistema internacional, designadamente, através de missões de paz.³⁴⁴ A modernização das Forças Armadas chinesas tornou exequível a sua crescente participação em missões de manutenção de paz (*PKO*), uma actividade que remete a 2008, porém, tem assumido maior relevância na política chinesa atual, sendo verificado um incremento de militares disponibilizados.³⁴⁵

Em 2016, Pequim contava com mais de 3.000 elementos presentes (e 8.000 de reserva) em 10 missões de manutenção de paz, coordenadas pelas Nações Unidas, e operações de assistência humanitária e auxílio em catástrofes (*HA/DR*),

³⁴⁰ Glaser, Bonnie (2019). *China as a Selective Revisionist Power in the International Order*. Singapura, Yusof Ishak Institute. p. 6

³⁴¹ Defense Intelligence Agency (2019). *China Military Power: Modernizing a Force to Fight and Win*. Washington D.C.: Defense Intelligence Agency. p. 19

³⁴² *Ibidem*.

³⁴³ *Ibidem*. p. 7

³⁴⁴ Zhongguo gong chan dang, issuing body (2017). *China: the 13th five-year plan for economic and social development of the people's republic of China (2016-2020)*/ [formulated on the basis of the recommendations of Central Committee of the Communist Party of China (CPC)] Longer River Press; Central Compilations & Translation Press San Francisco, CA; Beijing, China. p. 214

³⁴⁵ Defense Intelligence Agency (2019). *China Military Power: Modernizing a Force to Fight and Win*. Washington D.C.: Defense Intelligence Agency. pp. 50-51

contraterrorismo, contrapirataria e proteção dos seus direitos marítimos.³⁴⁶ A gradativa participação em operações combinadas, faculta uma maior relevância e projeção internacional ao “Império do Meio”, disseminando os seus ideais e reforçando as suas relações (bilaterais e multilaterais), tendo inclusive erguido a primeira base militar do ELP no estrangeiro, em Djibouti.³⁴⁷

Portanto, o “Império do Meio” tem estabelecido inúmeras relações bilaterais e multilaterais anulando a presença norte-americana no sistema internacional, nomeadamente, em África, na América do Sul e na Ásia. Para além dos colossais investimentos efetuados, este reforço da política externa chinesa deve-se à relação simbiótica entre o seu poder económico, diplomático e militar, tornando o ELP uma peça fundamental para a defesa dos seus vastos investimentos e presença no sistema internacional, alcançando um nível de paridade face a potência incumbente e alicerçando a transição de poder no sistema internacional

III. 3. Reforma militar (comparação com os E.U.A.)

O longo período vigente de “paz” no sistema internacional (ausente de conflitos bélicos entre grandes potências), deve-se à predominância dos EUA no setor económico e de defesa, representando assim um dos setores essenciais para a ascensão da China a potência hegemónica. No decorrer do subcapítulo anterior foi analisada a política externa e diversas políticas de mercado chinesas, responsáveis pela sua modernização económica e projeção de poder, tornando a aparente tarefa hercúlea de reestruturar e renovar as suas Forças Armadas numa meta palpável.

A modernização do Exército de Libertação Popular concede ao “Império do Meio” uma forte capacidade defensiva e paridade face as restantes potências mundiais, um elemento essencial face a crescente conflitualidade entre Pequim e Washington, como é visível no *Livro Branco* de 2019. A modernização das Forças Armadas chinesas possibilitará também o seu uso para fins de política externa, assumindo uma maior participação em missões globais e alicerçando as suas pretensões de construção de uma “comunidade de destino comum”. A potência incumbente reconhece igualmente a

³⁴⁶ Defense Intelligence Agency (2019). *China Military Power: Modernizing a Force to Fight and Win*. Washington D.C.: Defense Intelligence Agency. pp. 50-51

³⁴⁷ *Ibidem*.

importância do processo de modernização militar chinês, afirmando que representa uma ameaça vital à hegemonia americana e à ordem internacional liberal.³⁴⁸

O *Livro Branco* da RPC, a nomenclatura utilizada para referir o seu documento estratégico, publicado em 2019, proclama como principal objetivo da sua política de defesa na “Nova Era”, a proteção da sua soberania, interesses e segurança, sendo necessário suprimir movimentos independentistas (considerados grupos terroristas regionais³⁴⁹), do Turquestão Oriental (Xinjiang), de Taiwan e do Tibete, portanto, estabelecer a soberania nacional, a integridade territorial, e garantir a segurança do espaço sideral, do espaço eletromagnético e do ciberespaço.³⁵⁰ O *5 Year-Plan* da RPC, é igualmente demonstrativo da importância do Exército de Libertação Popular na política chinesa, reiterando que as suas Forças Armadas terão um papel estratégico na defesa dos interesses da China e serão dotadas de um cariz revolucionário, contando com a formação de novos Oficiais, de acordo com os princípios políticos do PCC.³⁵¹

Ademais, este documento revela o desejo de modernização das Forças Armadas, defendendo a necessidade de integrar as capacidades da sociedade civil no desenvolvimento militar, mesclando diversos sectores, uma abordagem que segundo o regime chinês, permitirá modernizar as suas Forças Armadas, reformular a sua antiquada estrutura e contribuir para o fortalecimento do sector logístico, científico e tecnológico da China.³⁵² Para além do real investimento no setor da defesa ser astronómico³⁵³, é essencial ter em consideração algumas das medidas anteriormente abordadas, uma vez que a participação da RPC, em múltiplos setores chave e a aquisição de novas tecnologias civis (legítima e ilegítimamente), permitem a sua aplicação para fins militares (as denominadas tecnologias de uso duplo, *dual-use*), camuflando o verdadeiro montante injetado nas Forças Armadas.

³⁴⁸ Office of the Secretary of Defense (2020). *Annual Report to Congress: Military and Security Developments Involving the People's Republic of China 2020*. U.S. Department of Defense, p. i

³⁴⁹ State Council Information Office of the People's Republic of China (2015). *China's Military Strategy*, Beijing: Xinhua.

³⁵⁰ *Ibidem*. pp. 25-26

³⁵¹ Zhongguo gong chan dang, issuing body (2017). *China: the 13th five-year plan for economic and social development of the people's republic of China (2016-2020)*/ [formulated on the basis of the recommendations of Central Committee of the Communist Party of China (CPC)] Longer River Press; Central Compilations & Translation Press San Francisco, CA: Beijing, China. p. 213

³⁵² *Ibidem*.

³⁵³ Rato, Vasco (2021). “China”. *National Defense in the New Era, IDN Cadernos – Documentos Estratégicos de Segurança e Defesa*, nº44, Instituto de Defesa Nacional, 111-120. pp. 118-119

A modernização da defesa e das Forças Armadas da RPC, conta com três metas, estipuladas no *Livro Branco*, sendo elas as seguintes: em 2020, seria espectável alcançar a mecanização do ELP, a melhoria dos sistemas de informação e o incremento de capacidades estratégicas (algo que permanece por concretizar³⁵⁴), em 2035, pretende-se alcançar uma modernização da teoria militar, da sua estrutura e equipamentos, completando o seu processo de modernização, e como referido anteriormente, em 2049, será expectável a transformação total das Forças Armadas chinesas para um “nível-mundial”³⁵⁵, um feito exaltado pelo líder supremo, Xi Jinping, em 2017.

Ao analisar o investimento de Washington na defesa, em 2020, é possível verificar que o orçamento norte-americano (778 mil milhões de dólares) é superior à soma do valor investido pela China, Índia, Rússia, Arábia Saudita, França, Alemanha, Reino Unido, Japão, Coreia do Sul e Brasil (708 mil milhões de dólares)³⁵⁶. De acordo com o Stockholm International Peace Research Institute, a RPC terá investido directamente na sua defesa, ao longo de 2020, cerca de 252 mil milhões de dólares.³⁵⁷

No entanto, apesar da despesa na defesa mencionada no *Livro Branco* chinês, de 2019, ser diminuta, a realidade é bastante distinta, como demonstrado no estudo elaborado pelo *Center for Strategic & International Studies*.³⁵⁸ Alguns autores defendem igualmente, que apesar do montante investido por Pequim na defesa ser inferior a Washington, a China tem beneficiado de algo referido como “vantagem de chegada tardia” (“*latecomer advantage*”), que sumamente defende que o atraso tecnológico chinês facilitou a aquisição de novas tecnologias por um valor que representa uma fração do capital investido pelo seu principal rival (EUA).³⁵⁹

Outro fator que permitirá a compreensão da modernização do Exército de Libertação Popular (as Forças Armadas da RPC) será a análise criteriosa ao seu poderio militar, dessa forma, ao longo deste subcapítulo analisar-se-á a sua reestruturação e o material bélico presente nos três ramos das Forças Armadas. A mudança de paradigma

³⁵⁴ AmCham China (2012). *2013 WHITE PAPER*. Information Office of the State Council: The People's Republic of China. p. 4

³⁵⁵ *Ibidem*. p. 8-9

³⁵⁶ Silva, Diego et al. (2021). *Trends in World Military Expenditure, 2020*. Stockholm International Peace Research Institute. pp. 1-3

³⁵⁷ *Ibidem*.

³⁵⁸ Funairole, Mathew et al. (5 de março de 2021). *Understanding China's 2021 Defense Budget*. Center for Strategic & International Studies.

³⁵⁹ Defense Intelligence Agency (2019). *China Military Power: Modernizing a Force to Fight and Win*. Washington D.C.: Defense Intelligence Agency. p. 21

na defesa da RPC é conspícua devido à publicação de novas diretrizes de estratégia militar, algo que apenas ocorreu três vezes desde o final da Guerra Fria, sendo a primeira em 1993, por Jiang Zemin, decretando a preparação do ELP para vencer guerras locais num clima altamente tecnológico, em retaliação às operações realizadas pelos EUA na Guerra do Golfo.³⁶⁰ A segunda alteração de diretrizes ocorreu em 2004, por Hu Jintao, reiterando a necessidade de foco em ganhar guerras informatizadas, e por fim, a terceira foi em 2014, por Xi Jinping, que enfatizou a importância dos conflitos marítimos e do combate a guerras informatizadas locais.³⁶¹

Os parâmetros de funcionamento da entidade responsável pela segurança da RPC, a Comissão Central de Segurança Nacional (CNSC), são definidos pelo “Conceito Geral de Segurança Nacional” (*Overall National Security Concept*), um conceito introduzido por Xi Jinping, em 2014.³⁶² O líder chinês considera primordial o domínio do poder por parte do PCC, e reitera que a securitização da China depende primeiramente da sua segurança política e da supremacia dos interesses nacionais.³⁶³ A segurança interna do Estado foi atribuída à sua força paramilitar, *People’s Armed Police (PAP)*, que se encontra sob o comando da Comissão Militar Central (CMC), tendo no seu cerne o objetivo estratégico de manter a segurança política e a estabilidade social nacional, tal como é notório no Plano Estratégico Chinês (*China’s Military Strategy*), onde é reforçada a possível interferência de grandes potências em assuntos internos e a sua ambição em instigar “revoluções de cor” (revoluções anti-regime).³⁶⁴

A criação de um órgão de segurança central, como a CNSC, permite o englobamento de diversos sectores relacionados com a segurança nacional, sob o controlo de apenas uma entidade, gerindo de forma centralizada e autoritária sectores como a segurança política, militar, económica, cultural, tecnológica, entre outras.³⁶⁵ Para além da criação de um órgão central para gerir questões de segurança, o PCC procurou exacerbar um sentido de responsabilidade cívica na defesa da segurança nacional, através da atribuição de recompensas a cidadãos que reportem suspeitas de

³⁶⁰ U.S. Department of Defense (21 de agosto de 2020). *Annual Report to Congress: Military and Security Developments Involving the People’s Republic of China 2020*. p. 27

³⁶¹ *Ibidem*.

³⁶² *Ibidem*, p. 2

³⁶³ *Ibidem*.

³⁶⁴ State Council Information Office of the People’s Republic of China (27 de maio de 2015). *China’s Military Strategy*. Beijing: China.

³⁶⁵ Office of the Secretary of Defense (2020). *Annual Report to Congress: Military and Security Developments Involving the People’s Republic of China 2020*. U.S. Department of Defense. p. 3

espionagem e através da implementação da Lei de Segurança Nacional de 2015, que estabelece o dia 15 de abril como o “Dia Nacional de Educação de Segurança”.³⁶⁶

O Exército de Libertação Popular é o principal braço armado do Partido Comunista Chinês, à imagem do que ocorre com a PAP, tem como entidade responsável pela sua gestão a Comissão Militar Central do PCC, liderada por Xi Jinping, deste modo, enquanto constituinte do partido, o ELP participa na política e no sistema de governança. Conscientes da atual intensificação de competição global e da inexperiência das Forças Armadas chinesas em combate moderno (chegando a definir a sua obsoleta proficiência militar como uma “doença dos tempos de paz”), o ELP atualizou as suas diretrizes de treino militar (*Outline of Military Training and Evaluation*) em janeiro de 2019, adaptando-as a cenários bélicos modernos.³⁶⁷

De acordo com as atuais características dos confrontos bélicos e com as suas crescentes capacidades, Pequim tem efetuado melhorias particularmente na utilização de tecnologias de informação, comunicação, reconhecimento e controlo (C4ISR), e na sua aptidão de desempenho conjunto e combinado, isto é, operações conjuntas entre ramos das forças militares e paramilitares, e combinadas com os seus parceiros estratégicos, como por exemplo a Rússia.³⁶⁸ Tem-se verificado igualmente a instrumentalização do ELP para facilitar o estreitamento de relações entre Pequim e os restantes Estados, não só pela sua presença diplomática no estrangeiro (como constatado no subcapítulo referente à política externa), mas também facultando a formação estratégica de diversos Oficiais oriundos da América Latina e das Caraíbas, na Universidade de Defesa Nacional.³⁶⁹

Como foi possível constatar no subcapítulo “*Bases ideológicas*”, o PCC procura elaborar uma política indissociável da sua ideologia, inclusivo no setor da defesa. A atual reformulação das arcaicas Forças Armadas chinesas é fundamentada de acordo com princípios ideológicos, isto é, o regime de Xi Jinping enaltece o percurso de um dos seus maiores comandantes, o Almirante Zheng He, que personifica a epitome da

³⁶⁶ Office of the Secretary of Defense (2020). *Annual Report to Congress: Military and Security Developments Involving the People's Republic of China 2020*. U.S. Department of Defense. p. 3

³⁶⁷ *Ibidem*, p. 33

³⁶⁸ *Ibidem*, p. 38

³⁶⁹ Defense Intelligence Agency (2019). *China Military Power: Modernizing a Force to Fight and Win*. Washington D.C.: Defense Intelligence Agency. pp. 19-20

expansão marítima e o início da “abertura pacífica” ao mundo.³⁷⁰ Através da exaltação das sete célebres viagens marítimas de Zheng He, que terá no seu auge mobilizado uma portentosa armada, composta por 62 navios, Pequim rejeita o isolamento (que ocorreu após a exploração marítima do almirante chinês) e incentiva uma mudança de paradigma, justificando o forte investimento no seu poderio naval.³⁷¹

Esta medida marca um câmbio estratégico por parte de Pequim, contemplado no *China's Military Strategy – 2015*, uma abordagem fundamental para a defesa da sua orla costeira e para garantir as suas iniciativas económicas e diplomáticas. Em 2020, calcula-se que a China detinha 350 navios e submarinos, enquanto a Marinha dos EUA apenas detinha 293, superando o criador da atual ordem mundial, num ramo do qual a sua primazia é fundamental para a manutenção da hegemonia.

Apesar da superioridade naval face os EUA, a consolidação do ELP foi somente possível após solucionar alguns elementos que careciam de uma urgente modernização. Foram efetuados investimentos significativos no Exército da RPC, o maior exército do mundo³⁷², contando com 965,000 militares no ativo (face 485,400 militares norte-americanos)³⁷³, designadamente no setor da artilharia, tendo a China sido o primeiro país detentor de um míssil balístico rodoviário antinavio, desenvolvido com o propósito de direcionar ataques a porta-aviões inimigos³⁷⁴, uma embarcação primordial na projecção de poder norte-americano em mares circundantes da China.

A condução de missões relacionadas com artilharia compete a um sector do ELP, o *PLA Rocket Force*, que detém 2350 mísseis balísticos com um alcance compreendido entre 500 e 5500 quilómetros³⁷⁵, enquanto, alegadamente, os EUA apenas detêm um total de 1023.³⁷⁶ Adicionalmente, alguns dos mísseis manufaturados em solo chinês têm um alcance baste superior, como por exemplo o míssil

³⁷⁰ Office of the Secretary of Defense (2020). *Annual Report to Congress: Military and Security Developments Involving the People's Republic of China 2020*. U.S. Department of Defense. pp. 3-4

³⁷¹ *Ibidem*, pp. 3-4

³⁷² *Ibidem*, p. vii

³⁷³ The International Institute for Strategic Studies (2021). *The Military Balance 2021*. London: Routledge. p.249

³⁷⁴ Defense Intelligence Agency (2019). *China Military Power: Modernizing a Force to Fight and Win*. Washington D.C.: Defense Intelligence Agency. p. 65

³⁷⁵ Office of the Secretary of Defense (2021). *Annual Report to Congress: Military and Security Developments Involving the People's Republic of China 2021*. U.S. Department of Defense. p. 163

³⁷⁶ The International Institute for Strategic Studies (2021). *The Military Balance 2021*. London: Routledge. p.50

intercontinental *DF-31A*, cujo alegado alcance é de 11200 quilómetros.³⁷⁷ Para além da vasta capacidade de ataque concedida pelos mísseis fabricados em solo chinês, Pequim conta com mais sistemas de defesa aérea que o seu competidor direto (os EUA), adquiridos em grande medida devido à parceria sino-russa, designadamente, os avançados sistemas soviéticos, S-300s e S-400s.³⁷⁸ Adicionalmente, o Exército do ELP tem-se modernizado rapidamente, nomeadamente no número existente de viaturas blindadas, ou seja, segundo a obra *Military Balance*, o ELP já actualizou entre 66% a 75% do seu inventário.³⁷⁹

A assunção de um papel providencial na reforma da segurança global, por parte das Forças Armadas chinesas, conferiu uma maior importância ao poderoso exército chinês e permitiu a aquisição de *know-how* e tecnologias militares, não obstante, a modernização do ELP deve-se em grande medida à *MCF* (elevada a nível nacional em 2015), responsável por uma enorme mobilização de recursos para o desenvolvimento científico e tecnológico, através da fusão da indústria de defesa com o sector tecnológico civil.³⁸⁰ Ao mesclar as estratégias de desenvolvimento económico e social com as estratégias de segurança, o “Império do Meio” alcança uma inovação simultânea em diversas áreas da nação.³⁸¹ Adicionalmente, a estratégia de desenvolvimento “fusão civil-militar”, permite gerir o serviço civil e as capacidades logísticas para fins militares, que por sua vez permitirão a expansão do sistema de mobilização de defesa, incluindo diversos setores da economia e da sociedade, para alocar em caso de competição ou guerra, particularmente relevante após a criação da Comissão Central para o Desenvolvimento, em 2017.³⁸²

Em conjunto com o incremento de proficiência tecnológica do Exército de Libertação Popular, a RPC tem efetuado uma modernização estrutural das suas Forças Armadas, assumindo uma maior flexibilidade operacional, de modo a executar missões em diferentes cenários, através da transição organizacional de sete “regiões militares”

³⁷⁷ Office of the Secretary of Defense (2020). *Annual Report to Congress: Military and Security Developments Involving the People's Republic of China 2020*. U.S. Department of Defense. pp. 55-56

³⁷⁸ *Idem* (2020). *Annual Report to Congress: Military and Security Developments Involving the People's Republic of China 2020*. U.S. Department of Defense. p. ii

³⁷⁹ The International Institute for Strategic Studies (2021). *The Military Balance 2021*. London: Routledge. pp.229-230

³⁸⁰ Office of the Secretary of Defense (2020). *Annual Report to Congress: Military and Security Developments Involving the People's Republic of China 2020*. U.S. Department of Defense. pp. v - vi

³⁸¹ *Ibidem*.

³⁸² *Ibidem*, p. 18

para cinco “teatros de comando do Exército” (Ocidental, Oriental, Sul, Norte e Central) e dois comandos militares, Xinjiang e Tibete.³⁸³ O Exército do ELP conta com um ativo composto por aproximadamente 915 mil militares, o que equivale a 78 brigadas altamente versáteis, compostas por três tipos de tropas, pesada (veículos blindados com lagartas), média (veículos blindados com rodas) e leve (alta mobilidade, motorizada, de montanha ou aéreo).³⁸⁴ A estrutura da Marinha chinesa sofreu igualmente alterações, assumindo um formato composto por três frotas, a Frota do Mar do Norte, a Frota do Mar Oriental e a Frota do Mar do Sul, que por sua vez são subordinadas aos “Teatros” onde operam.³⁸⁵

A crescente ênfase dada ao domínio marítimo por parte do PCC e a procura de uma maior projeção internacional, fez com que a Marinha do ELP expandisse a sua frota de navios anfíbios de assalto e de transporte (*LHA* e *LHD*), tendo em 2019, lançado o seu primeiro navio de assalto anfíbio de classe *Yushen*, o *Type 075 LHA*, e contando atualmente com oito navios de classe *Yuzhao*, *Type 071*, que facultam uma maior capacidade de transporte e distância operacional, capacidades fundamentais para a sua crescente presença no sistema internacional.³⁸⁶

Adicionalmente a China tem incrementado exponencialmente a sua frota de submarinos, calcula-se que detenha aproximadamente 71 embarcações, sendo que nove são submarinos com mísseis balísticos, seis submarinos nucleares de ataque e cinquenta e sete submarinos de ataque movidos a *diesel*.³⁸⁷ Aproximadamente doze submarinos são originários da Rússia (classe *Kilo*) e os restantes produzidos em solo chinês (*Type 039*, *Type 039A/B*, *Type 093*, *Type 093A*, *Type 094* e *Type 096 SSBN*), posteriormente, é espectável um aumento de vinte e cinco submarinos de classe *Yuan* (*Type 039A/B*) em 2025.³⁸⁸ Este reforço foi igualmente notório em embarcações de superfície, como o

³⁸³ Office of the Secretary of Defense (2020). *Annual Report to Congress: Military and Security Developments Involving the People's Republic of China 2020*. U.S. Department of Defense. p. 40

³⁸⁴ *Ibidem*.

³⁸⁵ *Ibidem*, pp. 44-45

³⁸⁶ *Ibidem* (2020). *Annual Report to Congress: Military and Security Developments Involving the People's Republic of China 2020*. U.S. Department of Defense. p. 47

³⁸⁷ *Idem* (2021). *Annual Report to Congress: Military and Security Developments Involving the People's Republic of China 2021*. U.S. Department of Defense. p. 161

³⁸⁸ *Idem* (2020). *Annual Report to Congress: Military and Security Developments Involving the People's Republic of China 2020*. U.S. Department of Defense. pp. 44-45

navio de classe *Renhai*, o *Type 055 (destroyer)*, capaz de utilizar uma vasta variedade de mísseis balísticos, mísseis cruzeiros³⁸⁹, anti-submarino, anti-navio e superfície-ar.³⁹⁰

A sua atividade no Mar do Sul da China e no Mar Oriental requer que o ELP reforce o patrulhamento da área, apenas alcançável através da implementação de novas fragatas de classe *Jingkai II (Type 054A)* e corvetas de classe *Jiangdao (Type 056)*, em grande medida devido à sua celeridade de construção, versatilidade e capacidade de combate antissubmarino (devido aos seus sonares), todavia, são igualmente importantes para o patrulhamento das suas águas circundantes, navios como o catamaran de classe *Houbei*, o *Type 022*.³⁹¹ As reformas implementadas no ELP não são somente estruturais, são igualmente logísticas, ou seja, para além da capacidade ofensiva e defensiva fornecida pelas novas embarcações, são providenciais ao seu funcionamento frotas marítimas de apoio, como navios de recolhimento de inteligência (*AGIs*), navios de vigilância marítima (*AGOs*), navios petroleiros de reabastecimento e navios hospital.³⁹²

Como referido na obra *Military Balance*, o número de embarcações chinesas tem crescido anualmente³⁹³, algo que o actual líder da ordem mundial (EUA) considera uma ameaça. Numa tentativa de retenção de poder, a Marinha americana ambiciona alcançar uma frota de 355 navios, em 2035, contudo, continua a ser uma quantidade inferior à atual frota naval do “Império do Meio”.³⁹⁴

Similarmente à Marinha e ao Exército, a Força Aérea chinesa encontra-se agrupada de acordo com cinco Teatros de Comando, estabelecidos em seis bases distintas com as suas respetivas brigadas.³⁹⁵ Contrariamente aos outros elementos do ELP, a Força Área chinesa continua atrasada comparativamente com as capacidades bélicas norte-americanas, no entanto, tem-se destacado em alguns aspectos. Em outubro de 2019, a RPC completou a sua tríade nuclear, após o anúncio da construção do seu

³⁸⁹ Para compreender a diferença entre o míssil balístico e o míssil cruzeiro poderá ser efetuada uma comparação, equiparando o míssil balístico a uma bala, isto é, ambos iniciam a sua trajetória através de uma combustão inicial e entram em declínio com a gravidade até atingir o seu alvo, enquanto o míssil cruzeiro é dotado de autopropulsão, efetuando uma trajetória retilínea e de baixa altitude até colidir com o seu alvo.

³⁹⁰ Office of the Secretary of Defense (2020). *Annual Report to Congress: Military and Security Developments Involving the People's Republic of China 2020*. U.S. Department of Defense. p. 46

³⁹¹ *Ibidem*, p. 46

³⁹² *Ibidem*, p. 47

³⁹³ The International Institute for Strategic Studies (2021). *The Military Balance 2021*. London: Routledge. p.218

³⁹⁴ *Ibidem*, pp. 36-37

³⁹⁵ Office of the Secretary of Defense (2020). *Annual Report to Congress: Military and Security Developments Involving the People's Republic of China 2020*. U.S. Department of Defense. p. 50

primeiro bombardeiro nuclear, o *H-6N*, um contributo crucial para o poderio militar de Pequim, sendo que conta com a terceira maior Força Aérea do mundo, uma portentosa frota composta por 2600 aeronaves (2050 de combate), sem contar com aeronaves não-tripuladas ou de instrução.³⁹⁶

Pequim tem procurado corrigir esta lacuna do setor da defesa através de políticas de mercado e da sua evolução tecnológica, como supracitado, portanto, tem evoluído aeronaves crucias em conflitos bélicos modernos, como os *UAVs* (*Yunying*, *Caihong CH5*, *Tianying*, *Yaoying III*, entre outros),³⁹⁷ concebidas para se digladiarem com as dos EUA, sendo capazes de efetuar reconhecimento e serem equipadas com mísseis. Adicionalmente, na actualidade as Forças Armadas chinesas têm potenciado a formação de tropas paraquedistas, capazes de efectuar inserções aéreas em diversos teatros de guerra, nomeadamente, através do uso da aeronave *Y-20*,³⁹⁸ equiparável às modernas aeronaves ocidentais de transporte militar, como o *KC-390*.

Independentemente do atraso verificado, a Força Aérea do ELP (terceira maior no mundo) conta com uma extensa frota, composta por 1600 caças operacionais³⁹⁹, 800 dos quais de quarta geração, maioritariamente construídos em solo nacional, como o *J-16* e o *J-10C* (equiparáveis ao *F-16*), porém alguns oriundos do acordo sino-russo, como o *Su-35*.⁴⁰⁰ Mesmo que em quantidade residual comparativamente com os restantes, é possível verificar a utilização de aviões a jato de quinta geração, com capacidades furtivas (*stealth*), especificamente, o *J-20* e o *FC-31/J-31*.⁴⁰¹

O “Império do Meio” conta também com um elevado número de bombardeiros (alguns deles com capacidade nuclear) capazes de atacar territórios longínquos (desde a China até Guam), como o *H-6K* (uma variante da aeronave russa, *Tu-16*), o *H-6N* e o *H-6J*, sendo o último utilizado para operações que requeiram sobrevoar zonas marítimas (particularmente no Mar do Sul da China e da China Oriental onde o regime reclama

³⁹⁶ Office of the Secretary of Defense (2021). *Annual Report to Congress: Military and Security Developments Involving the People's Republic of China 2021*. U.S. Department of Defense. p. 162

³⁹⁷ *Idem* (2020). *Annual Report to Congress: Military and Security Developments Involving the People's Republic of China 2020*. U.S. Department of Defense. p. 52

³⁹⁸ *Idem* (2021). *Annual Report to Congress: Military and Security Developments Involving the People's Republic of China 2021*. U.S. Department of Defense. p. 121

³⁹⁹ *Ibidem*. p. 162

⁴⁰⁰ *Idem* (2020). *Annual Report to Congress: Military and Security Developments Involving the People's Republic of China 2020*. U.S. Department of Defense. pp. 50-51

⁴⁰¹ *Ibidem*.

soberania)⁴⁰². Ademais, a Força Aérea chinesa encontra-se a desenvolver um dos bombardeiros furtivos mais avançados do mundo, o H-20.⁴⁰³ A aviação militar chinesa tem alcançado uma eficiência superior devido à aquisição de aeronaves como o H-6U, o IL-78 Midas e o Y-20 (atualmente em desenvolvimento), que permitem o abastecimento eficaz de bombardeiros e caças.⁴⁰⁴

Para além da vasta capacidade de ataque concedida pelas aeronaves analisadas, Pequim tem produzido aeronaves versáteis que poderão ser utilizadas tanto para fins defensivos como ofensivos, isto é, o Y-9, uma aeronave de alta tecnologia capaz de interceptar comunicações e interferir com os sistemas eletrónicos de outras aeronaves (capacidade A2/AD), algo que é denominado de “*jamming*”.⁴⁰⁵ Consequentemente, tem-se verificado um célere crescimento da Força Aérea chinesa, onde somente 25% das aeronaves permanecem por modernizar, correspondendo à era da Guerra Fria,⁴⁰⁶ portanto, esta modernização tem gerado preocupações nas Forças Armadas americanas, inclusivamente em Oficiais Gerais, como por exemplo, o General Clarence Brown, que efectuou uma publicação (em 2020) com o seguinte título, *Accelerate Change or Lose*.⁴⁰⁷ Assim sendo, é possível constatar a importância que a modernização do ELP tem para a ascensão do “Império do Meio” a potência hegemónica.

Um setor em que a China se destaca comparativamente com os seus rivais é o ciberespaço, assumindo um papel preponderante nos conflitos hostis atuais, por conseguinte, a RPC tem injetado copiosamente capital neste sector, ambicionando suprimir os seus rivais e evoluir tecnologias cruciais, como a tecnologia de informação, de reconhecimento e espacial, sendo que a última para além de incrementar exponencialmente as suas capacidades científicas, tecnológicas e de ciberguerra, poderá ser igualmente responsável pela militarização do espaço.⁴⁰⁸ Diversos Estados têm indiciado a sua vontade de militarizar o espaço, uma vez que estas tecnologias desempenham um papel decisivo de supressão dos meios de comunicação inimigos,

⁴⁰² Office of the Secretary of Defense (2021). *Annual Report to Congress: Military and Security Developments Involving the People's Republic of China 2021*. U.S. Department of Defense. p. 51

⁴⁰³ *Ibidem*, p. 145

⁴⁰⁴ *Idem* (2020). *Annual Report to Congress: Military and Security Developments Involving the People's Republic of China 2020*. U.S. Department of Defense. p. 51

⁴⁰⁵ *Ibidem*, p. 51

⁴⁰⁶ The International Institute for Strategic Studies (2021). *The Military Balance 2021*. London: Routledge. p.232

⁴⁰⁷ *Ibidem*, p. 38

⁴⁰⁸ Costello, John, e McReynolds, Joe (2018). *China's Strategic Support Force: A Force for a New Era*. Institute for National Strategic Studies: National Defense University. pp. 1-4

essenciais para as atividades militares. Em 2007, a China destruiu um satélite meteorológico que se encontrava em órbita (um feito replicado pela Rússia, em 2021), demonstrando assim uma capacidade tecnológica “contra-espacial” avançada, que poderá consistir no uso de um míssil cinético (obliterando o satélite) ou de um *jammer* (deixando o satélite inoperacional), alcançando um domínio da informação, uma vantagem que poderá ser decisiva num confronto entre as duas potências.⁴⁰⁹

Em 2015, para melhorar as áreas referidas, o ELP delegou a criação de um órgão responsável por gerir essas capacidades, as Forças de Apoio Estratégico (*Strategic Support Forces*), que por sua vez foi dividido em dois departamentos, o Departamento de Sistemas Espaciais, comandado pelo Tenente-General Shang Hong e o Departamento de Sistemas de Rede, comandado pelo Tenente-General Ju Qiansheng.⁴¹⁰ O relatório, *Findings of the Investigation Into China's Acts, Policies, and Practices Related to Technology Transfer, Intellectual Property, and Innovation Under Section 301 of the Trade Act of 1974*, demonstra claramente a função basilar que as Forças de Apoio Estratégico desempenham nas Forças Armadas chinesas e na política externa, nomeadamente, através da participação em atividades de espionagem, que por sua vez são indissociáveis da economia chinesa.

Pequim recorre a uma vasta constelação de satélites, produzidos em território nacional, para facilitar os seus programas de espionagem, garantir comunicações, e assegurar serviços militares e civis, competindo no mercado internacional de comunicações por satélite (COMSAT), nomeadamente, com o uso do *Dong-fanghong* (DFH-4), do *Tianlian* (transmissor de dados), do *Beidou* (satélite responsável pelo sistema de navegação) e dos *Fengyun* e *Yunhai* (satélites meteorológicos).⁴¹¹

Concluindo, o Exército de Libertação Popular desempenha uma função basilar na política chinesa, contribuindo para a projecção do poder chinês na área da diplomacia e da defesa, não obstante, é igualmente fundamental no sector económico, assegurando a prosperidade das iniciativas implementadas por Pequim, como o *BRI*. O “Império do Meio” reconheceu a sua obsoleta proficiência militar como uma lacuna estratégica e

⁴⁰⁹ Defense Intelligence Agency (2019). *China Military Power: Modernizing a Force to Fight and Win*. Washington D.C.: Defense Intelligence Agency. pp. 45-46

⁴¹⁰ Costello, John, e McReynolds, Joe (2018). *China's Strategic Support Force: A Force for a New Era*. Institute for National Strategic Studies: National Defense University. pp. 5

⁴¹¹ Defense Intelligence Agency (2019). *China Military Power: Modernizing a Force to Fight and Win*. Washington D.C.: Defense Intelligence Agency. pp. 41-42

iniciou a modernização das suas Forças Armadas. É fundamental referir, que esta modernização e a participação ativa do Exército de Libertação Popular na política chinesa, foi somente possível devido às diversas políticas de mercado implementadas por Pequim, como o *Going Out* e o *Made in China*, responsáveis pela aquisição de novas tecnologias, designadamente de uso-duplo, e a criação de organismos que permitam uma maior facilidade de mobilização da sociedade civil, como a Comissão Central para o Desenvolvimento, e a Fusão Militar e Civil.

Apesar do regime de Pequim declarar oficialmente que as suas despesas no sector da defesa sejam bastante inferiores às de Washington, a realidade é bastante distinta, como verificado nas medidas implementadas relativamente aos mercados e ao sector tecnológico. Apesar da RPC ainda não ter sido capaz, de suplantar a superioridade numérica americana no Teatro de guerra aéreo, o avanço de Pequim nesta área tem sido notório (como verificado no *Military Balance* de 2021), designadamente, com desenvolvido de aeronaves com iguais ou superiores capacidades, alcançando a tríade nuclear. O regime de Xi Jinping atingiu um nível de paridade, face o seu rival, no Teatro marítimo e superou-o nas suas capacidades de artilharia, no entanto, o Teatro de verdadeiro destaque chinês, é o “ciber”. Deste modo, é possível assegurar que a decorrente modernização do Exército de Libertação Popular e a sua crescente centralidade no sistema internacional, permitem que seja negada a presença norte-americana na região do Indo-Pacífico e projecte o seu poder para o resto do sistema internacional, o que permitirá reforçar a mundividência chinesa de uma “comunidade de destino comum”, coincidente com o “Sonho Chinês e nortear a sua ascensão a potência hegemónica. Ademais, devido à atividade disruptiva da Federação Russa, enquanto a RPC somente se foca na sua modernização, unificação e ascensão, o Ocidente, encabeçado pelos EUA, encontrasse submerso num impasse estratégico no leste da Europa, isto é, têm financiando regularmente a guerra na Ucrânia, facultando material bélico às Forças Armadas ucranianas e prestando apoio humanitário.

IV. Estudo de caso: a guerra na Ucrânia e as consequências da intervenção norte-americana

A guerra na Ucrânia, marca um momento catalisador, não só nas relações sino-russas, mas na conjuntura política internacional. Como referido previamente, após o *RESTART*, as relações bilaterais de Washington e Moscovo permaneceram em níveis moderados, porém, na sua análise estratégica, os EUA, falharam em compreender que a Ucrânia representava para a Rússia, o mesmo que Cuba representou para os EUA, isto é, um ponto estratégico vital, do qual a aproximação do seu rival seria considerada uma clara ameaça.

Por conseguinte, este conflito bélico, iniciado em 2014 (no leste do país), à imagem do ocorrido na Geórgia (em 2008), foi uma retaliação às suspeitas de interferência da Casa Branca na “esfera de influência” russa, considerando a expansão da OTAN uma forma de competição geopolítica e uma clara ameaça à soberania russa, rompendo com as promessas feitas (a 9 de fevereiro de 1990), pela OTAN, após o desmantelamento do Pacto de Varsóvia. A posterior abordagem americana obrigou a Federação Russa a afastar-se dos seus parceiros ocidentais, forçando-a a recorrer à RPC. Esta aproximação, entre as duas potências referidas, foi fulcral para o aumento de poderio da China e para a atual transição de poder no sistema internacional, sendo que a Rússia passou a fornecer armamento e *know-how* à China, colmatando a deficiência militar chinesa e passou a servir como instrumento de pressão perante Washington (coligação contra-hegemónica), como será analisado ao longo deste estudo de caso.

Em novembro de 2013, Moscovo, à semelhança da chamada “Primavera Árabe” (2010 - 2012), considerou a revolução “Euromaidan” e o respetivo afastamento da esfera política russa como uma iniciativa orquestrada por Washington, que procurava desde 2008 anexar a Ucrânia e a Geórgia à esfera da OTAN. Desse modo, pressionou o presidente ucraniano Viktor Yanukovich (eleito em fevereiro de 2010), que optou por não assinar o acordo de adesão da Ucrânia à União Europeia, algo que originou uma enorme crise política e protestos no país.

Yanukovich tinha fortes ligações à política e economia russa, fomentando um certo preconceito para com o Ocidente, uma acção responsável pelo clima tumultuoso,

que se perpetuou até ao culminar, em 2014, da revolução “Euromaidan”.⁴¹² Inicialmente, o presidente ucraniano (com o auxílio russo) suprimiu as manifestações, porém, o regime colapsou em fevereiro de 2014, após a fuga do estadista ucraniano para a Rússia.⁴¹³ A filiação do presidente deposto tornou-se particularmente clara após a sua condenação por traição, em janeiro de 2019, e na sequência da invasão da Ucrânia por parte da Rússia, tendo o estadista condenado a resistência ucraniana.

Como referido anteriormente, de acordo com o Kremlin, a deposição de Yanukovych e o respetivo afastamento da esfera política russa, deveu-se a uma incitação e intervenção dos Estados Unidos da América na Ucrânia, visto como uma intrusão na esfera de influência da Federação Russa e tentativa de reforçar a hegemonia norte-americana, gerando inevitavelmente medidas de securitização mais “musculadas”, como a anexação da Crimeia e o apoio de forças separatistas em Donbas.⁴¹⁴

A guerra no Leste da Ucrânia demonstrou que os confrontos após a revolução do “Euromaidan” alastraram-se de Odesa e Mariupol no Mar de Azov, até Luhansk e Donetsk, criando uma enorme crise humanitária na linha de contacto (entre a área controlada pelo governo e a área controlada pelas forças separatistas)⁴¹⁵, todavia, desde 24 de fevereiro de 2022, a guerra alastrou-se ao resto do país, na sucessão da declaração de guerra por parte de Moscovo. As forças separatistas, apoiadas pela Rússia, iniciaram a sua insurreição em abril de 2014 e procuraram dominar Odesa e Mariupol, uma vez que são cidades fundamentais para negar o acesso marítimo à Ucrânia.

Ao longo deste capítulo será realizado um estudo de caso, de modo a compreender a miríade de razões para o início deste conflito bélico (Donbas), elencar a sucessão de eventos até à actualidade e compreender o cariz transformacional que o conflito desempenha no sistema internacional. Pretende-se também identificar as medidas de política externa elaboradas pelos EUA, para cessar a insurreição em Donbas e perceber as suas consequências, mais concretamente, a aproximação das duas maiores potências revisionistas, a China e a Rússia. Neste estudo são utilizados diversos documentos estatais para obter informação sobre o conflito, compreender as medidas tomadas pelos EUA e o seu objetivo, documentos como o *Ukraine: Background*,

⁴¹² Welt, Cory (2019). *Ukraine: Background, Conflict with Russia, and U.S. Policy*. Congressional Research Service. p. 2

⁴¹³ *Ibidem*.

⁴¹⁴ *Ibidem*. p. 2

⁴¹⁵ *Ibidem*, pp. 8-10

Conflict with Russia, and U.S. Policy, elaborado pelo Congressional Research Service. Para procurar entender as implicações das medidas no conflito, foram averiguados diversos dados da organização responsável por mediar o conflito e garantir o acordo de Minsk, a OSCE (Organização para a Segurança e Cooperação na Europa).

IV. 1. Conflito em Donbas

Donbas é uma região situada no leste da Ucrânia que se encontra em conflito desde 2014, após a revolução do Euromaidan e o abandono do presidente Viktor Yanukovych. Esta região ucraniana cobre uma área aproximadamente de 60.000 quilómetros quadrados e representa 9% do seu território, sendo esta zona composta por duas regiões administrativas (*oblasti*), *Donetsk People's Republic (DPR)* e *Luhansk People's Republic (LPR)*, criadas pelas forças separatistas em abril de 2014 (referendo efectuado a 11 de maio do mesmo ano), todavia, a sua independência não é reconhecida internacionalmente (há exceção da Federação Russa e de Abecásia).⁴¹⁶

A área entre a zona inicialmente controlada pelo governo e a controlada pelos separatistas tinha aproximadamente 500 quilómetros, sendo uma das zonas de contacto mais armadilhadas, no mundo.⁴¹⁷ Historicamente, Donbas sempre foi uma região periférica e escassamente habitada, tendo apenas atingido o seu apogeu populacional durante o século XIX e XX, devido à sua riqueza em recursos naturais, materiais lapidares para a metalurgia durante a industrialização.⁴¹⁸ A industrialização da região levou a uma elevada migração de trabalhadores oriundos da Rússia, algo que inevitavelmente gerou uma área urbana russófila e uma área rural ucraniana.⁴¹⁹

Não obstante, os habitantes que maioritariamente trabalhavam na indústria metalúrgica, durante a época da *perestroika*, apoiavam a independência ucraniana e identificavam-se com a região, receosos de serem incapazes de competir com a Rússia e perspetivando que a independência da Ucrânia trouxe-se mais vantagens económicas.⁴²⁰ Na atualidade, Donbas continua a ser uma região fortemente urbanizada, segundo Sabine Fischer, 20% do território urbano da Ucrânia encontra-se nesta região com uma elevada população russófila, porém, desde a independência ucraniana, uma percentagem

⁴¹⁶ Fischer, Sabine (2019). *The Donbas Conflict – Opposing Interests and Narratives, Difficult Peace Process*. Berlin: German Institute for International and Security Affairs. pp. 7-9

⁴¹⁷ *Ibidem*, p. 28

⁴¹⁸ *Ibidem*, p. 7

⁴¹⁹ Haran, Olexiy et al. (2019). “Identity, war, and peace: public attitudes in the Ukraine-controlled Donbas”. *Eurasian Geography and Economics*, 60:6, 684-708. p. 4

⁴²⁰ *Ibidem*, p. 4

significativa da população do leste do país começou a identificar-se como cidadãos da região de Donbas (em vez de russos ou ucranianos).⁴²¹

De acordo com diversos estudos efetuados, 39,4% dos habitantes da região, em 1994, consideravam-se cidadãos ucranianos e 30,1% consideravam-se russos, contudo, em 2004, a diferença acentuou-se, o número de habitantes que se identificavam como ucranianos aumentou para 42,7% e os que se identificavam como russos diminuiu para 21,1%.⁴²² Ademais, como é possível constatar no artigo de Sabine Fischer, o apoio à Ucrânia por parte da população de Donbas, subiu novamente de um modo exponencial após a intervenção russa, sendo que, 52% dos inquiridos da região demonstravam ser contra a separação da Ucrânia.⁴²³

Apesar do conflito não ter sido originado totalmente por razões étnicas, na atualidade, o fosso entre Kiev e as Repúblicas Populares de Luhansk e Donetsk foi-se acentuando com o desenrolar da guerra, não só pelo confronto ideológico, mas também pela ostracização que a região de Donbas foi sofrendo. O governo central considera o leste da Ucrânia um fardo e politicamente instável, excluindo-o das suas políticas⁴²⁴, por conseguinte, Kiev distanciou-se da região através de medidas como o embargo económico ratificado em 15 de março de 2017⁴²⁵, uma retaliação perante a colocação de diversas empresas na região sob administração externa temporária (um termo utilizado para expropriar legalmente as empresas).⁴²⁶

Inicialmente o governo ucraniano questionou-se sobre as consequências de isolar as regiões separatistas, pois poderia ter efeitos nefastos para a região tanto a nível económico como humanitário, alargando o fosso entre o governo central e a região de Donbas, mas acabou por ceder, banindo oficialmente as trocas comerciais com as regiões sob controlo das “repúblicas populares”⁴²⁷. O embargo por parte da Ucrânia levou ao crescente isolamento destes territórios e ao seu respetivo colapso da produção industrial destas regiões, fortalecendo a relação entre as “repúblicas populares” e

⁴²¹ Fischer, Sabine (2019). *The Donbas Conflict – Opposing Interests and Narratives, Difficult Peace Process*. Berlim: German Institute for International and Security Affairs. p. 7

⁴²² *Ibidem*, p. 5

⁴²³ Haran, Olexiy et al. (2019). “Identity, war, and peace: public attitudes in the Ukraine-controlled Donbas”. *Eurasian Geography and Economics*, 60:6, 684-708. p. 6

⁴²⁴ Fischer, Sabine (2019). *The Donbas Conflict – Opposing Interests and Narratives, Difficult Peace Process*. Berlim: German Institute for International and Security Affairs. p. 26

⁴²⁵ *Ibidem*, p. 31

⁴²⁶ *Ibidem*, p. 11

⁴²⁷ *Ibidem*, p. 11

Moscovo. O *International Crisis Group* estima que a Rússia tenha prestado apoio financeiro às duas “repúblicas”, no valor de mil milhões de dólares anuais.⁴²⁸

Uma razão adicional para a ostracização das regiões de Donetsk e Luhansk deve-se à ascensão de movimentos de extrema-direita na Ucrânia, partidos como o *Svoboda* e o *Praviy Sektor*, e a criação de esquadrões de voluntários (como o Batalhão de Azov), de modo a combater os separatistas russos, tendo eventualmente estes esquadrões sido integrados na Guarda Nacional Ucraniana.⁴²⁹ Consequentemente, a exclusão sofrida pela região não é apenas ideológica ou económica, mas também social, as comunidades locais sentem-se cada vez mais distantes do resto da Ucrânia, sendo impossível restaurar a paz social, pois as ajudas humanitárias internacionais e ucranianas foram operando apenas na zona governada por Kiev.⁴³⁰ O progressivo afastamento da região de Donbas e dos cidadãos russófilos, ocorre também por motivos religiosos, tendo em 2019, a igreja ucraniana decidido romper a sua ligação à igreja russa, através da criação de uma igreja autocéfala, a Igreja Ortodoxa Ucraniana.⁴³¹

Os separatistas da “República Popular” em Donetsk e Luhansk, estabeleceram em maio de 2014, regimes ditatoriais com estruturas de quase-Estado (*quasi-state*), mas permanecem dependentes de Moscovo⁴³². Putin, através da utilização de uma doutrina militar denominada de *Maskirovka*⁴³³, procurou dissimular a sua beligerância no conflito bélico, mas apesar de não reconhecer a sua participação, defendeu a necessidade de não pressionar os rebeldes⁴³⁴, portanto, é conspícuo o apoio político, militar e económico dado às Repúblicas Populares de Donetsk e Luhansk de forma a manter a influência russa na Ucrânia.

Em abril de 2014, o governo ucraniano efetuou uma operação anti-terrorista, ineficiente devido ao crescente número de forças militares e armamento a transitar da

⁴²⁸ Fischer, Sabine (2019). *The Donbas Conflict – Opposing Interests and Narratives, Difficult Peace Process*. Berlim: German Institute for International and Security Affairs. p.17

⁴²⁹ Welt, Cory (2019). *Ukraine: Background, Conflict with Russia, and U.S. Policy*. Congressional Research Service. p. 7

⁴³⁰ Fischer, Sabine (2019). *The Donbas Conflict – Opposing Interests and Narratives, Difficult Peace Process*. Berlim: German Institute for International and Security Affairs. p. 31

⁴³¹ Welt, Cory (2019). *Ukraine: Background, Conflict with Russia, and U.S. Policy*. Congressional Research Service. p. 3

⁴³² Fischer, Sabine (2019). *The Donbas Conflict – Opposing Interests and Narratives, Difficult Peace Process*. Berlim: German Institute for International and Security Affairs. p. 16

⁴³³ Maier, Morgan (2016). *A Little Masquerade: Russia’s Evolving Employment of Maskirovka*. School of Advanced Military Studies, United States Army Command and General Staff College, Kansas.

⁴³⁴ Allison, Graham, et al. (2015). *A Guerra na Ucrânia*. Alfragide: D. Quixote. pp. 33-34

Rússia para a zona de conflito⁴³⁵. Sempre que as Forças Armadas estavam prestes a superiorizar-se na guerra, Moscovo aumentava o apoio aos separatistas para alcançarem a vitória⁴³⁶, como por exemplo, perto de Ilovaisk (agosto - setembro de 2014), no aeroporto de Donetsk (setembro de 2014 – janeiro de 2015) e em Debaltseve (janeiro – fevereiro de 2015).⁴³⁷ Previamente à invasão da Ucrânia, segundo um comandante norte-americano, o Kremlin teve o seu pico de destacamento militar em 2015, enviando 12.000 soldados para ajudar a combater no leste da Ucrânia, todavia, em fevereiro de 2019, segundo o embaixador ucraniano nas Nações Unidas, este número decresceu para 2.100 militares, não obstante, desempenhavam funções de comando, liderando os cerca de 35.000 separatistas presentes na região.⁴³⁸

Com o passar do tempo, as forças militares foram recuperando terreno, todavia, o momento que marcou o “despertar” do Ocidente para o real perigo deste conflito bélico, que demonstrava ser muito mais do que uma mera guerra civil, foi a queda do avião de passageiros MH17 da companhia aérea Malaysian Airlines, a 17 de julho de 2014, após ter sido atingido por um míssil lançado através de um sistema antiaéreo soviético, o Buk (SA-11/17, na designação da OTAN).⁴³⁹

Os Estados Unidos, durante a administração Obama, demonstraram passividade, tendo a França e a Alemanha assumido uma posição cimeira na resolução diplomática do conflito militar, através do estabelecimento de dois acordos, o *Minsk Agreement*, em setembro de 2014 (como o próprio nome indica, em Minsk, Bielorrússia), pouco tempo após o desastre aéreo que vitimou 298 pessoas, e o *Minsk II*, a 12 de fevereiro de 2015.⁴⁴⁰ Estes acordos ambicionavam estabelecer um conjunto de regras nos territórios em disputa, incluindo um cessar-fogo permanente, mas as condições convencionadas foram-se deteriorando rapidamente como foi possível constatar no confronto no estreito

⁴³⁵ Fischer, Sabine (2019). *The Donbas Conflict – Opposing Interests and Narratives, Difficult Peace Process*. Berlim: German Institute for International and Security Affairs. p. 9

⁴³⁶ Allison, Graham, et al. (2015). *A Guerra na Ucrânia*. Alfragide: D. Quixote. p. 36

⁴³⁷ Welt, Cory (2019). *Ukraine: Background, Conflict with Russia, and U.S. Policy*. Congressional Research Service. p. 11

⁴³⁸ *Ibidem*.

⁴³⁹ Fischer, Sabine (2019). *The Donbas Conflict – Opposing Interests and Narratives, Difficult Peace Process*. Berlim: German Institute for International and Security Affairs. p. 9

⁴⁴⁰ *Ibidem*, p. 5

de Kerch, a 25 de novembro de 2018, quando a guarda costeira russa disparou contra dois navios de artilharia ucraniana que tentavam atravessar o Mar de Azov.⁴⁴¹

Os acordos de Minsk cometeram um erro desde a sua criação, pois elaboraram um conjunto de doze regras (aumentadas para treze com o Minsk II) sem considerar a Rússia como um elemento interveniente no conflito, deixando Moscovo sem quaisquer obrigações.⁴⁴² O pacote de medidas estalecido demonstrou-se incapaz de alcançar os seus objectivos, pois ao deixar o maior instigador do conflito fora dos intervenientes seria praticamente impossível impor o cessar-fogo permanente, reivindicado por parte da Ucrânia e a sua consequente recuperação de soberania territorial.

A despeito da subversão do acordo de Minsk por parte da Rússia, o Grupo de Contacto Trilinear (*Trilinear Contact Group - TCG*), criado em 2014, composto pela OSCE, Ucrânia e Rússia, obteve apoio de Moscovo na alegada tentativa de pacificação do conflito. Segundo alguns especialistas, esta abordagem de Putin deve-se ao facto de os separatistas serem representados no *TCG*, forçando assim os outros participantes a reconhecê-los como parceiros de negociação⁴⁴³, colocando as forças separatistas, numa esfera que antigamente lhes era restrita.

O *TCG* assumiu uma maior relevância, após a ratificação do segundo acordo de Minsk (responsável por introduzir a 13ª alínea), que defendia a intensificação do trabalho por parte deste grupo, com a finalidade de implementar diversas regras e iniciar eleições locais de acordo com os parâmetros da OSCE, algo que não se verificou. Outras alíneas eram quebradas regularmente, tanto pelas forças separatistas apoiadas pela Rússia, como pelas forças ucranianas, particularmente as violações diárias do cessar-fogo e a presença de artilharia pesada na zona de conflito.⁴⁴⁴

A origem dos protestos no leste da Ucrânia contra o Euromaidan é incerta, não obstante, alguns especialistas defendem que são fruto de uma forte manipulação e instigação russa⁴⁴⁵, referindo o uso de uma doutrina militar russa, a doutrina Gerasimov. Como referido previamente neste capítulo, apesar de existirem algumas divergências

⁴⁴¹ Fischer, Sabine (2019). *The Donbas Conflict – Opposing Interests and Narratives, Difficult Peace Process*. Berlim: German Institute for International and Security Affairs. p. 9

⁴⁴² *Ibidem*, p. 12

⁴⁴³ *Ibidem*, p. 13

⁴⁴⁴ Welt, Cory (2019). *Ukraine: Background, Conflict with Russia, and U.S. Policy*. Congressional Research Service. pp. 14-15

⁴⁴⁵ *Ibidem*, p. 14

étnicas anteriores ao conflito, somente foram acentuadas após o início do mesmo, portanto, a justificação russa para a guerra em Donbas, baseada em motivações étnicas, é uma construção elaborada por parte do governo de Putin,⁴⁴⁶

O conflito na região de Donbas e na Crimeia, demonstrou características de uma guerra híbrida (como explicado pela doutrina Gerasimov), por parte da Rússia face a Ucrânia, em resposta à aproximação norte-americana, exercendo influência política, ataques cibernéticos e pressão económica. Os ataques cibernéticos e a manipulação das massas são as armas prediletas dos Estados revisionistas, como foi igualmente possível observar mais recentemente durante as eleições dos EUA, onde agentes russos conseguiram infiltrar-se nas redes do Comité Nacional Democrata⁴⁴⁷ e também com a criação de agências, compostas por “ciber-soldados” com o único propósito de efetuar propaganda política *on-line*, os chamados *trolls* russos.⁴⁴⁸

Tornou-se claro que o Kremlin foi um dos instigadores do aumento de tensões e de confrontos em Donbas, após a confirmação de que um número significativo de insurgentes tinha nacionalidade russa ou vivia na Rússia há longos anos, sendo que a maioria tinha filiação aos serviços militares russos, tanto ao Exército, como serviços de inteligência, foi também verificada a presença de *Cossacks*.⁴⁴⁹

No dia 4 de março de 2014, Putin discursou durante uma conferência de imprensa sobre a interpretação oficial russa face a Ucrânia “pós-Maidan”, tendo o presidente da Rússia declarado os eventos presenciados na Ucrânia anticonstitucionais, condenando o golpe armado e rejeitando a legitimidade do governo ucraniano, contudo, ao finalizar o seu discurso sobre a crise vivida na Ucrânia, culpabilizou a corrupção, a desigualdade no país e a influência norte-americana.⁴⁵⁰ Vladimir Putin, durante a mesma conferência afirmou que na eventualidade de forças reacionárias ou criminosas colocarem russófilos e compatriotas em perigo, uma intervenção russa seria totalmente

⁴⁴⁶ Welt, Cory (2019). *Ukraine: Background, Conflict with Russia, and U.S. Policy*. Congressional Research Service. p. 15

⁴⁴⁷ Isikoff, Michael, e Corn, David (2018). *Roleta Russa – Os bastidores da guerra de Putin à América e a eleição de Donald Trump*. Trad. Marta Pinho, Alfragide: Casa das letras. pp. 80-95

⁴⁴⁸ *Ibidem*, pp. 65-79

⁴⁴⁹ Fischer, Sabine (2019). *The Donbas Conflict – Opposing Interests and Narratives, Difficult Peace Process*. Berlin: German Institute for International and Security Affairs. p. 15

⁴⁵⁰ *Ibidem*, p. 22

legítima⁴⁵¹, pensamento esse que representa uma maior ameaça para a segurança da comunidade transatlântica e da Eurásia⁴⁵², algo que se verificou na atualidade.

A mudança de governo na Ucrânia em 2019, é uma demonstração clara da exaustão popular face a corrupção presente na classe política, tendo sido eleito Volodymyr Zelenskyy, um jovem comediante e apresentador televisivo sem qualquer experiência prévia na política. Grande parte dos cidadãos ucranianos consideravam que Poroshenko, apesar de nacionalista, ao longo da sua legislatura tinha demonstrado uma enorme incapacidade para solucionar a ofensiva russa e de restaurar a economia do país.⁴⁵³ Poroshenko, procurou concretizar reformas ambiciosas, conseguindo reduzir o défice fiscal, reformular a banca e reduzir a inflação, contudo, a sua administração revelou uma manifesta ineficácia na aplicação de medidas cruciais para a recuperação do país, demonstrando-se inapto para combater a corrupção.⁴⁵⁴

Segundo o artigo produzido pelo *Congressional Research Service*, desde a independência da Ucrânia vários analistas têm considerado Kiev como um regime híbrido, que contém entidades democráticas, mas também não-democráticas, obtendo apenas a partir de 2011 a classificação de país parcialmente livre no estudo anual da organização não-governamental, *Freedom House*.⁴⁵⁵ Em 2018, a ONG, *Transparency International*, elaborou um índice de corrupção colocando a Ucrânia no 120º lugar numa lista de 180 países, principalmente devido à ineficiência de Poroshenko em regular devidamente as três instituições anticorrupção existentes, a *National Anti-Corruption Bureau of Ukraine (NABU)*, a *National Agency for the Prevention of Corruption (NAPC)*, e por fim, o *Special Anti-Corruption Prosecutor's Office (SAP)*.⁴⁵⁶

Como referido, Moscovo considera necessário um relacionamento especial com Kiev, pois a Rússia viverá com um profundo sentimento de insegurança caso a Ucrânia adira à OTAN, visto que isto alteraria o estatuto não-antagónico da Ucrânia, uma exigência inegociável para Moscovo.⁴⁵⁷ Putin negou sempre o fornecimento de armas e outro tipo de equipamento a insurgentes e o destacamento de militares russos para a

⁴⁵¹ Allison, Graham, et al. (2015). *A Guerra na Ucrânia*. Alfragide: D. Quixote p. 15

⁴⁵² *Ibidem*, p. 76

⁴⁵³ *Ibidem*, p. 3

⁴⁵⁴ *Ibidem*, p. 5

⁴⁵⁵ *Ibidem*, pp. 1-2

⁴⁵⁶ *Ibidem*, p. 6

⁴⁵⁷ *Ibidem*, p. 25

Ucrânia, apesar de existirem diversas provas que refutem esta afirmação.⁴⁵⁸ Diversas fontes, como fotos de satélite e relatórios, confirmam o destacamento de tropas no verão de 2014, perto de Ilovaisk, em fevereiro de 2015, no aeroporto de Donetsk e em Debaltseve, e, até mesmo, publicações de militares russos a combater na Ucrânia através das redes sociais (mais concretamente, na rede social russa VKontakte)⁴⁵⁹, algo que levou à proibição das mesmas por parte das Forças Armadas russas. Foi igualmente verificada a presença de figuras de relevo da sociedade russa nas instituições de governo criadas em Donetsk e Luhansk (sendo uma das figuras principais, o conelheiro de Putin, Vladislav Surkov), a atribuição de cidadania russa a habitantes da *DPR* e da *LPR*, sob pretextos humanitários (uma medida russa conhecida como *pasportizatsiya*) e a livre circulação, sem visto, entre a Rússia e as áreas lideradas por insurgentes.⁴⁶⁰

Nesta era global onde existe uma maior facilidade de deslocação, é possível apurar que conflitos bélicos, como o analisado ao longo deste capítulo, produzem grandes fluxos migratórios, um factor desestabilizador para os restantes Estados. De acordo com o Alto-comissário para os Refugiados das Nações Unidas, em 2017, cerca de 1,5 milhões de habitantes foram registados como “pessoas internamente deslocadas”, transformando a Ucrânia, no décimo país com mais deslocados internamente⁴⁶¹, contudo, após a declaração de guerra russa, o número de refugiados atingiu níveis catastróficos, segundo as Nações Unidas, no dia 23 de março, a Ucrânia registou a saída de mais de 3.6 milhões de cidadãos⁴⁶², um número que não atingiu proporções mais dramáticas devido à imposição da Lei Marcial.

Com a implementação de uma nova ordem mundial, o Ocidente esperava que a mesma se propagasse pelo resto do mundo, incluindo nos países pós-comunistas e se verificasse um alargamento da OTAN aos Estados europeus periféricos (como a Ucrânia ou a Geórgia) devido à ascensão de instituições globais consagradas às normas ocidentais, como as instituições Bretton Woods. Independentemente dos esforços empregues pelos EUA, não foram bem-sucedidos na sua abordagem relativamente à Ucrânia, levando à intervenção russa na Crimeia e no Leste da Ucrânia, algo que

⁴⁵⁸ Fischer, Sabine (2019). *The Donbas Conflict – Opposing Interests and Narratives, Difficult Peace Process*. Berlim: German Institute for International and Security Affairs. p. 23

⁴⁵⁹ *Ibidem*.

⁴⁶⁰ *Ibidem*, p. 24

⁴⁶¹ *Ibidem*, p. 27

⁴⁶² United Nations High Commissioner for Refugees (24 de março de 2022). *Ukraine Situation Flash Update #5*. Regional Bureau for Europe – United Nations. p. 1

Graham Allison *et al* consideram uma demonstração da determinação de Moscovo em manter a sua esfera de influência no espaço pós-soviético através do uso de forças militares, provando uma certa ineficiência do *soft power* ocidental.⁴⁶³

Como retaliação ao ato de agressão soviético, Bruxelas e Washington impuseram sanções à Rússia, medidas estas que apesar de terem consequências severas para a economia russa, demonstraram ser incapazes de dissuadir as ambições revisionistas de Moscovo.⁴⁶⁴ Consequentemente, numa tentativa de aumentar os custos da campanha beligerante russa em Donbas e na Crimeia, surgiu uma questão na política externa norte-americana, isto é, se se deveriam cingir a sanções económicas ou estabelecer um posicionamento mais assertivo, nomeadamente através do fornecimento de armamento às Forças Armadas ucranianas, correndo o risco de uma escalada do conflito.⁴⁶⁵

Inicialmente estas sanções eram apenas direcionadas para alguns intervenientes, sofrendo posteriormente um alargamento a diversas entidades russas do sector energético, financeiro e da defesa⁴⁶⁶, suscitando inevitavelmente uma aproximação da Rússia à RPC, devido à possibilidade de absorção das capacidades russas e originando o denominado eixo revisionista.

IV. 2. A abordagem norte-americana e as suas consequências

Como corroborado na obra, *A Guerra na Ucrânia*, o Ocidente foi incapaz de calcular com precisão a sua capacidade de pressionar e coagir a Rússia através de sanções e de um crescente isolamento diplomático.⁴⁶⁷ Vladimir Putin demonstrou-se indiferente a estas medidas, perpetuando o seu comportamento no leste da Ucrânia (de certo modo, devido à hesitação inicial do Ocidente), contudo, após as sanções económicas impostas a Moscovo, na sequência da queda da aeronave MH17, foi possível constatar um crescente clima de austeridade e instabilidade política no país.⁴⁶⁸ Ademais, após o fornecimento de capacidades militares letais (durante a administração Trump) o nível de confronto foi atenuado, como será indagado ao longo deste subcapítulo.

⁴⁶³ Fischer, Sabine (2019). *The Donbas Conflict – Opposing Interests and Narratives, Difficult Peace Process*. Berlim: German Institute for International and Security Affairs. p. 9

⁴⁶⁴ *Ibidem*.

⁴⁶⁵ *Ibidem*, p. 13

⁴⁶⁶ *Ibidem*, p. 70

⁴⁶⁷ *Ibidem*, p. 15

⁴⁶⁸ Allison, Graham, et al. (2015). *A Guerra na Ucrânia*. Alfragide: D. Quixote. p. 15

Apesar das medidas implementadas pelo Ocidente a situação em Donetsk e Luhansk foi-se deteriorando. Com o passar do tempo, o fluxo de armamento pesado e os confrontos ao longo da linha de contacto foram aumentando significativamente, tendo o envolvimento russo sido comprovado através de imagens aéreas.⁴⁶⁹ Segundo a maioria dos autores que abordam este tema, a melhor forma de suprimir as ambições russas de retomar a sua histórica missão imperial é assegurar a independência da Ucrânia⁴⁷⁰, mas sem “anexá-la” à esfera de influência Ocidental. No entanto, é igualmente importante travar as políticas revisionistas da Rússia por outros motivos, isto é, se tais comportamentos passarem impunes, países como a China irão adotar comportamentos semelhantes, como é notório nas reivindicações chinesas no Mar do Sul da China e no Mar Oriental (com a criação de múltiplas ilhas artificiais), e no discurso de Xi Jinping relativamente à reunificação com Taiwan.⁴⁷¹

Como mencionado na obra, *A Guerra na Ucrânia*, a única forma da Rússia fazer frente aos Estados Unidos e à Europa no conflito, é tornando a competição económica numa competição estritamente militar, pois neste campo Moscovo dispõe de vantagens cruciais. Dificilmente Washington conseguirá equipar a Ucrânia com armamento que a Rússia não consiga igualar, ou até mesmo superar, e de um ponto de vista logístico, o envio de equipamento bélico é mais célere e económico em comparação com os norte-americanos devido à sua proximidade.⁴⁷² Uma variável que incrementa a necessidade dos EUA coordenarem a sua investida face a agressão russa, combinando as sanções económicas com medidas mais “musculadas”, de apoio militar à Ucrânia.

Na obra previamente referida, foi realizado um relatório com a colaboração de diversos especialistas, antigos membros do *Atlantic Council*, do *Center for a New American Security* e do *Chicaco Council on Global Affairs*. Neste relatório foi efetuada uma análise à crise vivida na Ucrânia, através de informação obtida pelos autores durante reuniões da OTAN, sendo mencionado ao longo da mesma a existência de uma crença que o apoio dos EUA e da OTAN estaria indissoluvelmente ligado à resolução deste conflito,⁴⁷³ não obstante, com o passar do tempo, o auxílio ocidental tem se

⁴⁶⁹ Allison, Graham, et al. (2015). *A Guerra na Ucrânia*. Alfragide: D. Quixote. pp. 71-72

⁴⁷⁰ *Ibidem*, p. 24

⁴⁷¹ Xi, Jinping (9 de outubro de 2021). *Speech at a Meeting Marking the 110th Anniversary of the Revolution of 1911*. The National Committee of the Chinese People's Political Consultative Conference. Disponível em: http://en.cppcc.gov.cn/2021-10/13/c_667448.htm

⁴⁷² Allison, Graham, et al. (2015). *A Guerra na Ucrânia*. Alfragide: D. Quixote. p. 39

⁴⁷³ *Ibidem*, p. 68

revelado ineficiente para alcançar uma resolução e restabelecer a soberania nas províncias de Donetsk e Luhansk.

Os triunfos alcançados, após a Segunda Guerra Mundial, ao criar uma Europa mais segura, foram postos em causa por este conflito bélico, isto é, Moscovo quebrou a acta final da Conferência sobre Segurança e Cooperação na Europa, de 1975, onde constava o compromisso russo de inviolabilidade das fronteiras europeias e o Memorando de Budapeste, ratificado a 1994, sendo os seus signatários (EUA, Grã-Bretanha e Rússia) responsáveis por garantir a segurança da Ucrânia, abstendo-se de coagir Kiev, uma garantia concedida em troca da devolução das armas nucleares herdadas pela Ucrânia após a dissolução da União Soviética.⁴⁷⁴ Consequentemente, os actos da Rússia representam uma indubitável violação do memorando e os restantes signatários têm o dever de apoiar afincadamente a Ucrânia face ao ataque soviético.

A despeito das sanções impostas pelos Estados Unidos e pelos seus aliados Ocidentais, que facilmente foram contornadas (com o apoio da RPC), o posicionamento ocidental foi insuficiente para “salvar” a Ucrânia, devido à ausência de poderio militar para se defender de ataques adicionais russos. Algo que é reiterado na obra de Graham Allison *et al*, é a urgência em fornecer uma assistência militar adequada, dando capacidade ao exército ucraniano de se defender e infligir perdas aos militares russos, tornando as ações militares demasiado dispendiosas⁴⁷⁵, como é possível verificar actualmente, na guerra na Ucrânia, ou seja, o fornecimento de armamento tem permitido à Ucrânia lutar estoicamente e negar o avanço da Rússia.

Desde 2014, os Membros do Congresso norte-americano condenaram a invasão russa da Ucrânia e promoveram diversas sanções contra Moscovo, conduziram igualmente uma forte assistência militar, incluindo a *Ukraine Security Assistance Initiative* e assistência financeira, como por exemplo, *Support for the Sovereignty, Integrity, Democracy, and Economic Stability of Ukraine Act*.⁴⁷⁶ Ao redigir o *Ukraine Support Act*, a administração de Obama, autorizou o treino de forças militares ucranianas no uso de equipamentos defensivos (como radares e *drones* de vigilância), isto é, apenas com o intuito de neutralizar armas ofensivas russas, prometeu igualmente

⁴⁷⁴ Allison, Graham, et al. (2015). *A Guerra na Ucrânia*. Alfragide: D. Quixote. pp. 70-73

⁴⁷⁵ *Ibidem*, p. 75

⁴⁷⁶ Welt, Cory (2019). *Ukraine: Background, Conflict with Russia, and U.S. Policy*. Congressional Research Service. pp. 30-34

120 milhões de dólares em assistência militar não-letal, dos quais apenas metade foi paga e de acordo com o *Ukraine Support Act*, mais 350 milhões de dólares em assistência militar foram disponibilizados num prazo de três anos.⁴⁷⁷

Alguns dos autores desta medida visitaram, de 12 a 16 de janeiro, Bruxelas, Kiev e Kramatorsk (cidade na província de Donetsk) para falar com responsáveis civis, líderes da OTAN e líderes militares ucranianos, e posteriormente encontrarem-se com o comandante general da “operação antiterrorismo” e a sua equipa.⁴⁷⁸ Durante a reunião, foi tomado o conhecimento do crescimento de separatistas russos na região de Donbas (cerca de 36.000) e um aumento exponencial de veículos aéreos não-tripulados (UAV), de modo a coordenar ataques de artilharia de longo alcance, instrumentos fulcrais para a condução de ofensivas devastadoras.⁴⁷⁹

Os intervenientes na reunião concluíram que era necessário disponibilizar urgentemente uma ajuda militar superior à aprovada pelo *Ukraine Freedom Support Act*, designadamente, radares anti-baterias para detetar e localizar a origem dos sistemas de mísseis *MLRS* (70% das baixas ucranianas eram causadas por este tipo de artilharia), entre outras medidas⁴⁸⁰. No entanto, o mais surpreendente foi a mudança de paradigma na política americana, uma vez que os membros do governo norte-americano alertaram para a necessidade de fornecimento de assistência letal, e, conseqüentemente, a presença de pessoal da OTAN na formação de militares ucranianos, sobre os novos equipamentos de elevado grau de sofisticação.⁴⁸¹

A administração de Donald Trump, demonstrou uma forte oposição à intervenção de Moscovo na Ucrânia, tendo o antigo secretário de estado, Mike Pompeo, discorrido que os EUA em momento algum reconheceriam a reivindicação russa de territórios apreendidos através da força, infringindo a lei internacional.⁴⁸² A quadragésimo-quinta presidência dos EUA, condenou a participação russa no conflito através de medidas como, *Countering Russian Influence in Europe and Eurasia Act* de

⁴⁷⁷ Allison, Graham, et al. (2015). *A Guerra na Ucrânia*. Alfragide: D. Quixote. p. 75

⁴⁷⁸ *Ibidem*, p. 77

⁴⁷⁹ *Ibidem*, pp. 93-94

⁴⁸⁰ *Ibidem*, pp. 77-79

⁴⁸¹ *Ibidem*, pp. 79-81

⁴⁸² Welt, Cory (2019). *Ukraine: Background, Conflict with Russia, and U.S. Policy*. Congressional Research Service. p. 25

2017 e *Countering America's Adversaries Through Sanctions Act*⁴⁸³. Para além das medidas implementadas pela Casa Branca, Washington opôs-se afincadamente à construção do gasoduto, *Nord Stream 2*, pois iria comprometer a segurança energética ucraniana e aumentar consideravelmente a dependência europeia do gás russo (um problema que tem impossibilitado uma maior assertividade, por parte da Europa, principalmente da Alemanha, em relação à atual invasão).

O foco do apoio norte-americano na política ucraniana, desde o início do conflito, foi o estabelecimento de um sistema democrático e estável, ausente de corrupção, como proferido por algumas figuras de Estado norte-americanas, nomeadamente, o antigo Secretário de Estado Rex Tillerson, o Vice-Secretário de Estado John Sullivan e a antiga embaixadora americana na Ucrânia, Marie Yovanovitch.⁴⁸⁴ Posteriormente à tomada de posse do presidente republicano (Donald Trump), a abordagem de Washington alterou-se substancialmente, assumindo um papel mais assertivo no combate às hostilidades no leste da Ucrânia, tendo-se verificado um aumento de apoio financeiro e militar, e o fornecimento de armas letais pela primeira vez.

Segundo os dados disponibilizados pelo *Congressional Research Service*, desde a sua independência, a Ucrânia foi o maior beneficiário de apoio financeiro e militar por parte dos Estados Unidos.⁴⁸⁵ Entre o ano fiscal de 1992 e 2000, receberam aproximadamente 2,6 mil milhões de dólares em ajudas, uma média de 287 milhões por ano, porém, entre 2001 a 2009, este valor diminuiu para 1,8 mil milhões de dólares (cerca de 199 milhões por), e entre 2010 e 2014, o apoio facultado decresceu novamente, tendo a *U.S. Agency for International Development (USAID)* contribuído com cerca de 105 milhões de euros por ano, todavia, durante o último período fiscal referido foi concebida uma verba adicional de 130 milhões de euros anuais por parte do Departamento de Energia e Defesa, para reduzir possíveis ameaças.⁴⁸⁶

Após a invasão do espaço territorial ucraniano, o apoio de Washington aumentou exponencialmente, tendo as ajudas amontoado 320 milhões de dólares anuais (de 2015 a 2018), suplementarmente, os EUA concederam à Ucrânia um empréstimo de

⁴⁸³ Welt, Cory (2019). *Ukraine: Background, Conflict with Russia, and U.S. Policy*. Congressional Research Service. p. 27

⁴⁸⁴ *Ibidem*, p. 28

⁴⁸⁵ *Ibidem*, p. 29

⁴⁸⁶ *Ibidem*.

mil milhões de dólares (durante 2014 até 2016).⁴⁸⁷ Em 2019, o Congresso aprovou o envio adicional de 327,8 milhões de dólares em ajuda não-militar, uma verba que foi igualada no ano fiscal seguinte, em conjunto com uma verba adicional de 250 milhões de euros, por parte do *Ukraine Security Assistance Initiative*.⁴⁸⁸

O valor da ajuda militar prestada foi cabalmente incrementado, atingindo os 1,5 mil milhões de dólares desde o início do conflito (aproximadamente 300 milhões por ano), tendo iniciativas como a *Ukraine Security Assistance* (de 2016 a 2019) fornecido assistência na segurança e serviços de inteligência do país (o Congresso concedeu 850 milhões de dólares para esta iniciativa).⁴⁸⁹ Não obstante, apesar do crescente apoio financeiro e militar à Ucrânia por parte da Administração de Trump, a disponibilização de fundos não foi contínua, isto é, os fundos destinados para a assistência militar à Ucrânia no ano fiscal de 2019 encontravam-se retidos, sendo apenas libertados em setembro do mesmo ano, após uma crescente preocupação por parte de Membros do Congresso⁴⁹⁰, algo que sucedeu simultaneamente com o processo de *impeachment* de Donald Trump, por alegado *quid pro quo*. Apesar de Washington ter providenciado treino militar na Ucrânia desde o início do conflito, incluindo o *Yavoriv Combat Training Center* (desde 2015), o exercício aéreo *Clear Sky* (em 2018),⁴⁹¹ apenas a administração de Trump, facultou meios militares letais, para além de fornecer treino e meios de defesa à Ucrânia, possibilitando meios adicionais para combater as agressões russas.

Para procurar compreender os efeitos do apoio militar e financeiro prestado pelos EUA no conflito em Donbas, serão utilizados dados facultados em relatórios da organização responsável por monitorizar este conflito bélico, a OSCE. Apesar dos anos 2014 e 2015 terem sido os mais sangrentos devido ao início do conflito, das batalhas anteriormente mencionadas (Debaltseve, Ilovaisk e o aeroporto de Donetsk) e da queda do avião de passageiros MH17, nos anos seguintes foi possível verificar uma continuidade de violência, embora com menos vítimas mortais (sendo a maioria causada por minas e/ou artilharia).

⁴⁸⁷ Welt, Cory (2019). *Ukraine: Background, Conflict with Russia, and U.S. Policy*. Congressional Research Service. p. 30

⁴⁸⁸ *Ibidem*.

⁴⁸⁹ *Ibidem*.

⁴⁹⁰ *Ibidem*.

⁴⁹¹ *Ibidem*, pp. 31-32

Em 2016 foram registradas 320,130⁴⁹² violações de cessar-fogo, que viriam a aumentar significativamente no ano seguinte, atingindo um total de 401,336 violações de cessar-fogo, no entanto, após a eleição de Donald Trump e a aprovação (em meados de 2017) de duas medidas contra a intervenção russa, *Countering Russian Influence in Europe and Eurasia Act* e *Countering America's Adversaries Through Sanctions Act*, foi possível observar uma queda drástica destes números.

De acordo com o relatório anual da OSCE, *Trends and Observations*, edição de 2018, foram observadas 312.554 violações do cessar-fogo e 8.470 explosões atribuídas a disparos de artilharia, o que representa um decréscimo de conflitos armados de aproximadamente 22%.⁴⁹³ Neste mesmo relatório, é possível constatar que a maioria dos confrontos armados verificados ao longo do ano, encontravam-se circunscritos a apenas cinco áreas distintas da linha de contacto, algo que indica uma possível relação entre o notório decréscimo de beligerância e a implementação de medidas por parte de Washington, obrigando à alocação de esforços russos em locais meramente estratégicos.

Em 2019, o relatório da OSCE, demonstra uma diminuição de violações de cessar-fogo⁴⁹⁴ (299,633), sendo esta tendência sido confirmada em 2020, devido a uma redução superior a 50%, contando apenas com 134,783 violações de cessar-fogo⁴⁹⁵. Coincidente com a tomada de posse do presidente democrata, Joe Biden, foi possível verificar uma regressão praticamente imediata no conflito, sendo que Vladimir Putin demonstrou o seu desagrado perante o presidente dos EUA e iniciou o reforço em larga escala das tropas russas e de material bélico junto às regiões em guerra (Luhansk e Donetsk).

Com o decorrer do tempo e com o impasse vivenciado na região, o conflito foi assumindo maior volatilidade, e em 21 de fevereiro de 2022, Moscovo reconheceu formalmente a independência das Repúblicas de Donetsk e Luhansk, servindo de prelúdio para uma intervenção militar russa na Ucrânia, iniciada na madrugada de 24 de fevereiro (2022). Independentemente das sucessivas mensagens de alerta por parte dos serviços de inteligência norte-americanos, a invasão militar de grande escala na Ucrânia foi recebida com alguma perplexidade. Esta espécie de *blitzkrieg* (ataque-relâmpago)

⁴⁹² Organization for Security and Co-operation in Europe (2017). *OSCE Annual Report 2016*. OSCE. p.79

⁴⁹³ *Idem* (2018). *OSCE Annual Report 2017*. OSCE. p.73

⁴⁹⁴ *Idem* (2020). *OSCE Annual Report 2019*. OSCE. p.70

⁴⁹⁵ *Idem* (2021). *OSCE Annual Report 2020*. OSCE. p.75

russo surtiu um efeito devastador no território ucraniano, e, inevitavelmente, abalou o sistema internacional.

Contudo, o Ocidente demonstrou uma vez mais inércia para se opor à agressão conduzida pela Federação Russa, ou seja, inicialmente apenas impôs algumas sanções económicas facilmente contornáveis, mesmo perante os desesperados apelos ucranianos para a implementação de medidas tangíveis para esta invasão, como a exclusão da Rússia do sistema *SWIFT*, o encerramento do espaço aéreo ucraniano e o fornecimento de mais equipamento bélico. Apesar de alguns dos apelos terem sido posteriormente correspondidos, os EUA demonstraram uma vez mais a sua incapacidade de tomar medidas assertivas e de coordenar um posicionamento conjunto com os restantes parceiros, algo que desvirtuará os EUA e a ordem mundial liberal, podendo igualmente potenciar um aventurismo chinês em Taiwan.

Semelhantemente ao ocorrido na Geórgia em 2008, é notório que a atual guerra na Ucrânia tenha sido uma consequência da tentativa de “anexação” da Ucrânia à esfera ocidental, mais concretamente, à União Europeia e à OTAN, uma medida encarada como um atentado à segurança russa. Em resposta à aproximação de Washington e do antigo membro da União Soviética, Putin iniciou a sua investida, algo que incentivou a implementação de um conjunto de sanções por parte dos EUA e da UE, contudo, apesar da ostracização imposta pelo ocidente à Rússia e o apoio dado à Ucrânia ter-se demonstrado providencial para evitar que a zona em conflito sucumba à pressão dos separatistas russos, causou a inevitável aproximação das duas maiores potências revisionistas (China e Rússia).

Concluindo, Leo Tolstoy escreveu na sua obra, *Sevastopol* (primeiramente publicada em 1855), que os problemas que não foram resolvidos pela diplomacia, mais dificilmente serão resolvidos pela pólvora e pelo sangue⁴⁹⁶, algo que à luz dos atuais eventos ganha uma relevância acrescida. Apesar do fornecimento de armas não ser o suficiente para inverter o sentido da guerra e as sanções económicas se terem demonstrado ineficazes ao longo dos anos, como por exemplo com os Aiatolas do Irão, com Nicola Maduro da Venezuela e com Vladimir Putin da Rússia (após a invasão de Donbas em 2014), a utilização coordenada destes dois esforços são basilares para conter o avanço da guerra e abrir caminho para negociações diplomáticas. Após as diversas

⁴⁹⁶ Tolstoy, Leo (1888). *Sevastopol*. New York: Thomas Y. Crowell & Co.. p. 38

falhas de diplomacia norte-americana, a guerra iniciada pelo Kremlin na Ucrânia tem um cariz transformador no sistema internacional, deixando o Ocidente com apenas uma opção, apoiar a Ucrânia e lutar pela sobrevivência da ordem internacional liberal, e para tal, como verificado pelos dados recolhidos durante o período da administração Trump, será necessário que Washington abandone o seu posicionamento complacente e tome medidas mais assertivas, evitando que o Estado do Leste da Europa sucumba à sucessiva coação e agressão russa, conseguindo consequentemente demonstrar a Pequim que atos semelhantes não passarão impunes.

IV. 3. Eixo Sino-Russo

Na atualidade tem se discernido, algo que Zbigniew Brzezinski tinha alertado previamente, um estreitamento de laços entre a Rússia e a China⁴⁹⁷, tendo os dois Estados iniciado em 2014 a sua parceria estratégica pragmática e concordância estratégica, causada em grande medida pelo posicionamento dos dois países no sistema internacional. Apesar dos líderes dos dois regimes serem considerados autoritários, estes sofrem distintos níveis de isolamento, no caso da Rússia, iniciou-se devido às sanções impostas pelo Ocidente em resposta à anexação da Crimeia e à interferência em Donbas, no caso da China, devido à guerra comercial com os EUA, contudo, o forte poder chinês permite atenuar a marginalização internacional de ambos os Estados, assegurando a sua sobrevivência.⁴⁹⁸

Apesar das diferenças de valores, interesses nacionais e um passado tumultuoso (diversos conflitos ao longo da fronteira das duas nações, sendo o último confronto datado de 1969⁴⁹⁹), na atualidade, como Graham Allison astutamente refere, enquanto o Ocidente impunha dor sobre a Rússia, a China abriu os seus braços, estabelecendo uma aliança que representa uma clara ameaça para a hegemonia norte-americana (como é notório nos documentos de segurança nacional dos EUA, tendo estes designado os dois países como “potências revisionistas” e até mesmo “inimigos”⁵⁰⁰). Todavia, ainda que os dois países tenham níveis de isolamento internacional distintos, ambos desempenham

⁴⁹⁷ Allison, Graham (2018). *China and Russia: A Strategic Alliance in the Making*. The National Interest. p. 2

⁴⁹⁸ Stent, Angela (2020). *Russia and China. Axis of Revisionists?*. Washington D.C.: The Brookings Institution. p. 1

⁴⁹⁹ Allison, Graham (2018). *China and Russia: A Strategic Alliance in the Making*. The National Interest. p. 4

⁵⁰⁰ Presidente dos EUA (2017). *National Security Strategy of the United States of America*. Washington D.C.: The White House. p. 25

um papel relevante na sua política externa, sendo a China o maior parceiro comercial da Rússia e simultaneamente o segundo maior comprador de armamento soviético.⁵⁰¹ O fornecimento de armamento e *know-how* bélico é fulcral para a ascensão chinesa, contudo, a Rússia tornou-se fundamental para a China conseguir colmatar a escassez de alguns recursos essenciais, como os recursos energéticos, tecnológicos e alimentares, algo que será demonstrado ao longo deste subcapítulo.

Podemos assim reconhecer a centralidade da guerra na Ucrânia no sistema internacional e afirmar o seu cariz transformacional, não só pela pressão que tem exercido no Ocidente e na ordem internacional liberal, mas também devido ao estreitamento de relações sino-russas. A coligação contra-hegemónica, que adveio deste conflito representa o alinhamento entre a Federação Russa e a República Popular da China, uma aliança entre uma superpotência nuclear e uma superpotência económica, efetuando um equilíbrio de poder entre os dois Estados face a “ameaça americana”.⁵⁰²

Apesar dos dois Estados terem celebrado uma parceria estratégica (classificada por Xi Jinping como a relação bilateral mais importante do mundo, entre países grandes), existe uma indubitável desigualdade de poder entre Pequim e Moscovo.⁵⁰³ De acordo com o FMI, em 2018, o PIB chinês era dez vezes superior ao da Rússia, algo que se traduz nas verbas disponíveis para investir na defesa, portanto, de acordo com o *SIPRI* (*Stockholm International Peace Research Institute*), em 2017, a China utilizou aproximadamente 228 mil milhões de dólares na sua defesa, enquanto a Rússia gastou apenas 55 mil milhões.⁵⁰⁴

A Rússia tem uma conspícua inferioridade económica, comparativamente com a China, em grande medida devido ao processo de reestruturação pós-União Soviética, tendo o seu PIB caído para menos de metade e as suas fronteiras recuado substancialmente.⁵⁰⁵ Independentemente da condenação internacional Moscovo tem como uma das suas principais vantagens a sua proeza militar, destacando-se pelas intervenções efetuadas na Geórgia, Ucrânia (Crimeia), Síria e Chechénia, prevalecendo

⁵⁰¹ Stent, Angela (2020). *Russia and China. Axis of Revisionists?*. Washington D.C.: The Brookings Institution. p. 1

⁵⁰² Allison, Graham (2018). *China and Russia: A Strategic Alliance in the Making*. The National Interest. p. 5

⁵⁰³ *Ibidem*, pp. 7-8

⁵⁰⁴ Tunsjø, Øystein (2018). *Another Long Peace*. The National Interest. pp. 3-4

⁵⁰⁵ Allison, Graham (2020). *The New Spheres of Influence: Sharing the Globe with Other Great Powers*. Foreign Affairs. p. 2

também como uma das superpotências nucleares, com um arsenal equiparável ao americano e uma indústria de defesa fortemente desenvolvida, com diversos compradores, como a Índia, a Turquia e a China.⁵⁰⁶

Outro fator de relevo na política russa, são as suas vastas reservas energéticas, algo que a China necessita para sustentar o seu constante crescimento, representando um incentivo adicional para o intercâmbio entre os dois Estados em diversos setores. Em dezembro de 2019, foi inaugurado um gasoduto vindo da Sibéria até à China, que irá bombear 38 quilómetros cúbicos de gás anualmente, até 2024, ademais, foram efetuadas melhorias significativas em infraestruturas, construindo a primeira ponte ferroviária entre Tongjiang (China) e Nizhneleninsk (Rússia), e, foi igualmente verificado um incremento no comércio entre os dois países, tendo sido estabelecidas trocas comerciais no valor de 100 mil milhões de dólares em 2018, valor que é previsto duplicar até 2024 (segundo os líderes estatais, Vladimir Putin e Xi Jinping).⁵⁰⁷ Um dos sectores mais importantes foi o energético, nomeadamente a aquisição de 20% da participação do projeto energético russo, o *Yamal LNG project* (referente a gás natural liquefeito), em 2013, por parte da empresa estatal chinesa, *China's National Petroleum Corporation*, uma abordagem que foi posteriormente seguida pelo Fundo *Silk Road*, tendo adquirido 9,9% da participação e facultado um empréstimo de 813 milhões de dólares, contudo, em 2019, a *CNPC* adquiriu adicionalmente 10% da participação, tal como a *China National Offshore Oil Corporation*.⁵⁰⁸

O *China's Exim Bank* e o *Development Bank* forneceram um empréstimo adicional de 11 mil milhões de dólares à Rússia, enquanto outras empresas chinesas iniciaram a sua participação no Ártico, como por exemplo o Grupo *China's Poly*, investindo 5,5 mil milhões de dólares na construção de um porto em Archangelsk e na finalização da ligação norte-sul da linha férrea de Belkomur, tendo por fim, a China, assinado um contracto com o seu parceiro estratégico, para a aquisição anual de 3 milhões de toneladas de gás natural liquefeito, ao longo de trinta anos.⁵⁰⁹

⁵⁰⁶ Allison, Graham (2020). *The New Spheres of Influence: Sharing the Globe with Other Great Powers*. Foreign Affairs. p. 2

⁵⁰⁷ Wishnick, Elizabeth (2020). *Sino-Russian Consolidation at a Time of Geopolitical Rivalry*. China Leadership Monitor. p. 1

⁵⁰⁸ *Ibidem*. pp. 1-3

⁵⁰⁹ *Ibidem*.

A nível do sector agrícola foi possível observar igualmente uma crescente cooperação entre os dois Estados, tendo a China estabelecido tarifas acrescidas a todos os produtos agrícolas vindos dos Estados Unidos (o seu maior fornecedor de soja), desse modo, foi forçada a encontrar outras fontes que pudessem satisfazer as suas necessidades. Graças à relação sino-russa e à iniciativa *Belt and Road*⁵¹⁰, a China conseguiu acesso a novos mercados, como o Cazaquistão, e, naturalmente, a Rússia, incrementando significativamente a quantidade de soja importada para o seu país (colmatando o défice alimentar em território chinês), tendo a Rússia, em 2019, fornecido 800 mil toneladas métricas de soja, e prevendo que este valor alcance as 3,7 milhões de toneladas métricas até 2024.⁵¹¹

É igualmente verificável uma crescente cooperação estratégica entre Moscovo e Pequim no sector tecnológico, em resposta às sanções norte-americanas impostas à tecnologia chinesa e à prisão de Meng Wanzhou, Director Financeiro da Huawei (em dezembro de 2018). Segundo Elizabeth Wishnick, houve um aumento considerável de projetos sino-russos, como por exemplo, a implementação da tecnologia de quinta geração (5G) na Rússia, a ratificação de um acordo de cooperação na economia digital (2015), a criação de um fórum anual de alta tecnologia (2016), o acordo de desenvolvimento de robótica médica (2016), a construção do parque de inovação sino-russa, Xi'an (2016), a elaboração de um fórum de diálogo sobre inovação (2017) e por fim a criação do centro sino-russo de alta tecnologia, Skolkovo, em Moscovo (2018).⁵¹²

A gigante Huawei, tem estabelecido parcerias com diversas empresas (Rostelekom, Beeline, Megafon, entre outras) e instituições russas (Iniciativa Nacional de Tecnologia), investindo 7,8 mil milhões de dólares na formação de 10.000 especialistas russos e mantendo investigações conjuntas com instituições académicas soviéticas, facilitando um maior desenvolvimento conjunto e a melhoria de novas tecnologias (como a Inteligência Artificial, a biotecnologia ou a economia digital),

⁵¹⁰ Durante o período de 2013 a 2016, esta iniciativa era denominada de *OBOR – One Belt One Road*, tendo posteriormente assumido o seu nome atual, *BRI – Belt&Road Initiative*.

⁵¹¹ Wishnick, Elizabeth (2020). *Sino-Russian Consolidation at a Time of Geopolitical Rivalry*. China Leadership Monitor. pp. 1-2

⁵¹² *Ibidem*, p. 2

como é possível observar na parceria com a Rostelekom, devido ao teste do sistema operativo russo, Aurora, possível substituto do Android.⁵¹³

No sector militar é igualmente possível constatar um estreitamento da relação sino-russa, procurando demonstrar-se ávidos apoiantes do controlo de armamento, principalmente após a eleição de Donald Trump, o consequente abandono do acordo nuclear e a instalação de sistemas antimísseis norte-americanos (*THAAD*), no Japão e na Coreia do Sul, de modo a neutralizar a Coreia do Norte.⁵¹⁴ As Forças Armadas de ambos os Estados têm aumentado os seus esforços de cooperação, algo que alguns especialistas consideram como uma aliança militar funcional, tendo desempenhado exercícios conjuntos em diversas ocasiões, como em 2015, no Mar Mediterrâneo, em 2016, no Mar do Sul da China, em 2017, no Oceano Báltico⁵¹⁵ e em 2018, na Sibéria (Vostok), não obstante, também é possível observar uma intensificação de venda de armamento russo à China, pois anteriormente Moscovo vendia apenas equipamentos menos sofisticados com receio da possível contrafação chinesa (algo que se perpetua atualmente), tendo a Rússia feito a instalação do seu sistema mais sofisticado de defesa aérea na RPC, S-400s, e vendido aviões a jato de quinta geração, Su-35.⁵¹⁶

A 23 de julho de 2019, a Rússia e a China, iniciaram patrulhas aéreas conjuntas, nomeadamente na região do Indo-Pacífico, com bombardeiros de capacidade nuclear, tendo posteriormente efetuado novamente exercícios militares, desta vez em Tsentr (Rússia), onde foi possível observar a condução de operações terrestres e aéreas com a missão de repelir ataques aéreos inimigos, algo que evidencia que o treino tinha como propósito preparar para uma hipotética guerra entre Estados, nomeadamente uma potência com elevado poderio aéreo (tal como os Estados Unidos da América).

A dependência russa para com o regime chinês é notória, tendo o presidente russo, Vladimir Putin reconhecido o seu papel “júnior” na parceria sino-russa (como referido por Graham Allison), ao declarar que não pretendia contestar a liderança global

⁵¹³ Wishnick, Elizabeth (2020). *Sino-Russian Consolidation at a Time of Geopolitical Rivalry*. China Leadership Monitor. p. 2

⁵¹⁴ *Ibidem*.

⁵¹⁵ Allison, Graham (2018). *China and Russia: A Strategic Alliance in the Making*. The National Interest. pp. 8-9

⁵¹⁶ Stent, Angela (2020). *Russia and China. Axis of Revisionists?*. Washington, D.C.: The Brookings Institution. pp. 4-5

por parte da RPC.⁵¹⁷ Apesar do estreitamento de relações sino-russas, é possível observar a continuidade de uma dependência da RPC para com os EUA, particularmente por parte da sociedade civil, como é visível no número de estudantes universitários chineses em solo americano, isto é, 350.000 estudantes frequentam universidades americanas, face 25.000 que estudam na Rússia.⁵¹⁸ Independentemente da subida das universidades chinesas nos *rankings* mundiais, nomeadamente a Universidade de Tsinghua (ultrapassando o MIT em algumas áreas, de acordo com o *U.S. News and World Report*), tornando-se a “melhor” faculdade de engenharia a nível mundial⁵¹⁹, a academia americana continua a ser uma das mais prestigiadas no planeta, tal como é possível verificar no percurso académico de Xe Mingze, filha de Xi Jinping, tendo obtido a sua graduação, em 2014, na Universidade de Harvard.⁵²⁰

Apesar da assimetria desta parceria estratégica e a indubitável desconfiança mútua, principalmente por parte da população russa no Extremo Oriente, ambos os Estados compreendem os benefícios inerentes ao estreitamento de relações, isto é, a China tem principalmente benefícios militares, comerciais e económicos, podendo ligar a “rota da seda” marítima e a “rota da seda” polar, sob a iniciativa *Belt and Road* e adquirir uma fonte estável de hidrocarbonetos, com poucos riscos inerentes, como por exemplo gás natural liquefeito e petróleo, com o acordo bilateral iniciado em 2011, intitulado de “empréstimos por petróleo” (a China emprestou 25 mil milhões de dólares ao governo russo em troca do fornecimento de petróleo até 2030).⁵²¹ Este ambicioso projeto que engloba dois terços da população mundial é igualmente acompanhado de uma Rota da Seda Digital, anunciada em 2015, procurando exportar as suas excessivas capacidades industriais, reduzindo as barreiras comerciais com outros países, facilitando a expansão de corporações tecnológicas chinesas, estabelecer centros logísticos e investir em infraestruturas digitais no estrangeiro, como por exemplo no 5G.⁵²²

Em suma, apesar de partilharem o interesse em contrariar a hegemonia norte-americana, foi a ostracização imposta à Rússia por parte dos EUA que causou a parceria

⁵¹⁷ Stent, Angela (2020). *Russia and China. Axis of Revisionists?*. Washington, D.C.: The Brookings Institution. p. 8

⁵¹⁸ *Ibidem*.

⁵¹⁹ U.S. News & World Report (2022). *Tsinghua University*. U.S. News & World Report. Disponível em: www.usnews.com/education/best-global-universities/tsinghua-university-503146

⁵²⁰ Allison, Graham. (2017). *Destined For War*. London: Scribe Publications. pp.230-231

⁵²¹ Stent, Angela (2020). *Russia and China. Axis of Revisionists?*. Washington, D.C.: The Brookings Institution. pp. 1-4

⁵²² *Ibidem*. pp. 15-16

entre as duas potências revisionistas, beneficiando fortemente Pequim e a respetiva transição de poder no sistema internacional. Como verificado em diversas ocasiões anteriores, a presença dos EUA nas “zonas de influência” das duas maiores potências revisionistas potencia uma aproximação entre os dois Estados, tal como foi verificável em 1950, com o Tratado Sino-Soviético de Amizade, Aliança e Assistência Mútua. Na atualidade a RPC capitalizou a inadequada política externa norte-americana e estabeleceu uma parceria estratégica sino-russa, crucial para a supressão da escassez de bens essenciais, e para a modernização e o aumento do seu armamento, enquanto a Rússia beneficia politicamente, visto que esta parceria permite a sua representação internacional, e economicamente, compensando as sanções impostas pelo Ocidente com as trocas comerciais chinesas.

Apesar de diversos acordos serem desfavoráveis para a Rússia (designadamente no ramo energético e da defesa) e dos receios declarados do seu Ministro de Defesa, perante o 5G, é pouco provável que a crescente cooperação entre Pequim e Moscovo tenha uma paragem abrupta, especialmente por falta de alternativas e porque a possibilidade de espionagem é algo latente à atualidade, como foi possível constatar após a divulgação do projeto Stellar Wind, por parte do *whistleblower*, Edward Snowden. Adicionalmente, o estreitamento de laços entre as duas potências revisionistas, tem assumido uma maior preponderância com a postura cada vez mais assertiva dos dois Estados no sistema internacional, condenando a política externa norte-americana e “a sua ideologia cujos traços se assemelham à Guerra Fria”, nomeadamente, na Ucrânia e na sua tentativa de sabotagem dos Jogos Olímpicos de Inverno em Pequim.⁵²³ Ademais, após a atividade disruptiva russa ter assumido novos contornos, com a declaração de guerra à Ucrânia em fevereiro de 2022, a importância da parceria sino-russa foi redobrada, sendo que a China passou a ser o principal parceiro comercial da Rússia, focando-se somente no seu crescimento enquanto as restantes potências dispendem esforços militares e económicos a combater em solo ucraniano.

⁵²³ Roth, Andrew, e Ni, Vincent (4 de fevereiro de 2022). *Xi and Putin urge Nato to rule out expansion as Ukraine tensions rise*. The Guardian. Disponível em: <https://amp.theguardian.com/world/2022/feb/04/xi-jinping-meets-vladimir-putin-china-russia-tensions-grow-west>

CONCLUSÕES

Os Estados Unidos da América, após a Segunda Guerra Mundial, fundaram a ordem mundial vigente, abandonando o seu tradicional posicionamento isolacionista e estabelecendo ligações estratégicas com os restantes Estados, o denominado *binding*. Através de uma ótica realista das relações internacionais, podemos determinar que os Estados abordam o sistema internacional de acordo com os seus interesses definidos em termos de poder. Por conseguinte, o pioneiro da ordem internacional liberal fundiu os seus ideais e sistema doméstico com o sistema internacional, um instrumento de poder que permitiria assegurar a manutenção da sua hegemonia e da *Pax Americana*.

Devido à implosão da União Soviética, as visões ideológicas antagónicas foram-se dissipando e a hegemonia norte-americana cimentou-se, tornando Washington a única superpotência mundial, ou seja, desencadeou-se um período de unipolaridade. A ausência de potências rivais concedeu à Casa Branca a oportunidade de consolidar algumas organizações basilares, como a OTAN e a OMC, e de iniciar uma política externa cada vez mais interventiva, interferindo regularmente nas políticas internas dos restantes Estados, inclusivamente na esfera de influência dos seus rivais.

O liberalismo internacional, que era inicialmente considerado benigno, foi sofrendo uma descredibilização devido ao intervencionismo dos EUA e à sua respectiva sobre-extensão estratégica, criando uma profunda crise no âmago do sistema internacional e na opinião pública. A política externa norte-americana tem-se pautado por este fenómeno, a sobre-extensão, sendo possível determinar, a invasão do Iraque (durante a administração de George W. Bush), como o evento responsável por desencadear o seu declínio no sistema internacional. Não obstante, ao longo das recentes administrações (Obama, Trump e Biden) foi igualmente possível discernir um longo historial de acções de política externa responsáveis pela aceleração da decadência do líder da ordem liberal, como por exemplo, a intervenção Ocidental na Líbia, a alienação de Washington face ao homicídio de Jamal Khashoggi e a abordagem incongruente perante a guerra na Síria e na Ucrânia, sendo os Estados Unidos da América incapazes de reforçar o seu posicionamento.

Para além de analisar o impacto que o intervencionismo de Washington causou no sistema internacional, esta dissertação teve como objectivo demonstrar que este fenómeno teve um efeito igualmente disruptivo na sociedade norte-americana, criando

uma polarização política e ideológica (particularmente acentuada devido às diversas campanhas de desinformação), portanto, como defendido pela teoria da transição de poder, a instabilidade interna da potência hegemónica traduzir-se-á em instabilidade na ordem mundial vigente. As clivagens sociais nos EUA e o seu afastamento do sistema internacional, atingiram o seu apogeu durante a administração Trump, mas como demonstrado nesta dissertação, este problema remete igualmente a administrações antecedentes ao magnata do imobiliário. A aceitação da função de “polícia do mundo”, consubstanciada no excecionalismo americano e alicerçada durante o período pós-guerra mundial, foi desvanecendo do cerne da sociedade americana, fomentando um sentimento de abjeção face o estreitamento “excessivo” de relações com os restantes Estados.

As clivagens sociais nos EUA e a percepção negativa que a Casa Branca tem no sistema internacional são conspícuas em diversas sondagens efectuadas, nomeadamente pelo Pew Research Center, como demonstrado neste trabalho. Conscientes dos problemas inerentes à sobre-extensão estratégica e do descontentamento generalizado da sua população, causado pela perpetuação de problemas sistémicos vividos em solo americano, os estadistas norte-americanos retomaram uma política isolacionista, efetuando um retraimento estratégico. Barack Obama, apesar de reconhecer a importância dos aliados, iniciou uma abordagem mais conservadora, afastando-se dos conflitos em que se encontravam, um processo de reformulação estratégica que adquiriu uma maior urgência ao constatar a meteórica ascensão de uma nova superpotência, a RPC. Ambicionando travar este desafio sistémico, o quadragésimo-quarto presidente americano iniciou o chamado *pivot* asiático.

Apesar da reformulação estratégica de Washington, os EUA foram incapazes de compreender que a sua interferência na esfera de influência dos seus rivais, iria desencadear medidas mais assertivas, por parte da República Popular da China e da Federação Russa, e que o afastamento dos seus aliados, apesar de reforçar a sua economia, iria enfraquecer cada vez mais o seu posicionamento no sistema internacional. Em 2014, observando o histórico deixado pela “Primavera Árabe” e após inúmeras tentativas de “anexação” da Ucrânia à esfera Ocidental (através do incentivo de adesão à OTAN e à UE), por parte dos EUA, a Rússia determinou que a sua soberania se encontrava ameaçada. O estudo de caso elaborado relativamente à guerra na Ucrânia, permitiu compreender a incongruência da política externa americana e de

que modo foi responsável por desencadear este conflito bélico, basilar para a atual transição de poder no sistema internacional.

Quando o poder detido pela potência incumbente começa a deteriorar-se e a potência desafiante alcança paridade de poder, a ordem internacional entra igualmente em rutura, o que leva as potências revisionistas a tomarem medidas cada vez mais assertivas, iniciando uma transição no sistema internacional, principalmente, quando consideram existir interesses antagónicos e/ou uma intromissão na sua esfera de influência, como ocorreu na Ucrânia e nos mares circundantes da China. Vladimir Putin rapidamente anexou a Crimeia, um ponto estratégico de controlo do Mar Negro, e de seguida, procedeu ao envio de elementos das Forças Armadas russas e ao apoio de forças separatistas em território ucraniano, com o intuito de fraturar o país, que se encontrava em rota de aproximação com o Ocidente (após os eventos do “Euromaidan”). Assim sendo, Moscovo procurou estabelecer o seu domínio num corredor que iria de Donbas até Odessa, negando na totalidade o acesso marítimo à Ucrânia.

Barack Obama, ao deparar-se com a hostilidade russa foi incapaz de tomar um posicionamento assertivo, alcançando apenas a implementação de algumas sanções, que impulsionaram um estreitamento de relações entre a Rússia e a China, tendo os Estados revisionistas estabelecido a parceria estratégica mais importante do século, como mencionado regularmente pelo regime chinês. A aproximação de Pequim e de Moscovo representa a criação de um eixo revisionista entre uma das maiores potências nucleares e a maior potência económica, portanto, o eixo revisionista está indissolivelmente ligado ao renascimento da China.

Somente após a ascensão de Donald Trump foi mitigado este conflito, tal como é notório nos dados facultados pela OSCE (a organização responsável pela monitorização do conflito), adicionalmente, o presidente republicano foi responsável por conter a ascensão do “Império do Meio”, impondo diversas sanções e desacoplando as duas economias. Todavia, apesar do sucesso obtido pela administração Trump, na supressão do conflito no Leste da Ucrânia (através do fornecimento de material bélico letal e do financiamento das Forças Armadas ucranianas) e na securitização da RPC, a destruição de vínculos entre os EUA e as restantes nações, nomeadamente com a saída do *Trans-Pacific Partnership*, fragilizou o posicionamento americano.

Após a tomada de posse por parte de Joe Biden, o presidente democrata procurou retomar uma posição cimeira, através do multilateralismo (*rapprochement*), porém, as potências revisionistas (particularmente a Rússia) reconheceram a relutância americana em utilizar a unilateralidade (uma abordagem tradicionalmente rejeitada pelo partido democrata americano), iniciando quase instantaneamente uma crítica ao novo presidente e uma nova investida na Ucrânia, que culminou na declaração de uma ofensiva militar. No estudo de caso elaborado, foi possível concluir que, tal como as primeiras investidas russas na Ucrânia (Crimeia e Donbas), a atual agressão russa ausente de compunção, passou inicialmente impune, sendo os EUA, incapazes de abordar o conflito, de uma forma concertada e determinada, devido à sua profunda dependência energética (um negócio que financia a máquina beligerante russa).

Ao deparar-se com o crescente vazio deixado por Washington no sistema internacional, Xi Jinping, planeou meticulosamente a “ascensão pacífica” da China e determinou que a actualidade seria o momento indicado para o renascimento chinês (*fixing*), um feito que foi mapeado através de uma revitalização ideológica, que pretende superar o chamado “Século de humilhação” e retomar a sua “legítima” posição de líder mundial, no ano 2049.

A China foi utilizando a sua primazia económica em conjunto com a diplomacia, visível através da implementação de uma “Nova Diplomacia Asiática” e de iniciativas revolucionárias como o *BRI*, de modo a negar a influência norte-americana. Deste modo, a RPC, sob o comando do “Novo Timoneiro”, tornou-se um dos *players* mais importantes do sistema internacional, utilizando a economia como *soft power*, estabelecendo relações com 145 parceiros económicos (através do *BRI*), e como *hard-power*, coagindo economicamente qualquer Estado que a oponha, como foi notório com a Alemanha, a Mongólia e a Coreia do Sul.

A crescente capacidade económica chinesa funciona como ponte negocial, bilateral e/ou multilateral, que permite superar a habitual desconfiança inerente à ascensão da China e estreitar relações. A supremacia económica chinesa é essencial para que o “Império do Meio” consiga suplantar os EUA, e assumir uma maior centralidade no sistema internacional, adicionalmente, através desta abordagem o gigante asiático tem conseguido escoar as suas enormes capacidades comerciais, que se traduz numa crescente dependência dos restantes Estados face a RPC, inclusivamente

por parte dos EUA. A ascensão chinesa demonstrou-se cristalina através da averiguação do PIB (medido através do *PPP*) e no valor de importações e exportações de ambos os Estados em estudo.

O reforço da presença chinesa no sistema internacional é indissociável da modernização das suas Forças Armadas, o Exército de Libertação Popular, que para além de garantir uma maior projecção internacional (devido às variadíssimas missões nas Nações Unidas), permitirá defender os vastos investimentos efectuados no estrangeiro. Como demonstrado, subsequentemente à guerra no Leste da Ucrânia e às sanções ocidentais, Moscovo teve que recorrer a Pequim, ficando dependente da China, o que inevitavelmente acelerou a modernização militar chinesa, tornando cada vez mais tangível a ascensão a potência hegemónica da RPC.

Apesar do orçamento declarado para a defesa chinesa, em 2020, ser bastante inferior ao dos EUA, ou seja, 252 mil milhões perante 728 mil milhões, a análise da política externa chinesa, elaborada nesta dissertação, permitiu compreender que o verdadeiro montante injectado é significativamente superior. O “Império do Meio” utiliza simbioticamente a sua diplomacia e economia, para o desenvolvimento de diversos sectores, designadamente o da defesa. Sendo que o sector privado chinês é praticamente indissociável do público, o regime de Xi Jinping, utiliza uma miríade de empresas públicas (*SOE*) e privadas, para a obtenção de tecnologias, particularmente de uso-duplo, e incrementar as suas capacidades bélicas. Medidas como o *Going Out* e o *Made in China 2025*, combinadas com o *BRI*, demonstraram ser providenciais para o incremento de poder chinês em diversos sectores e combater a indústria norte-americana, como reiterado no relatório, *Findings of the Investigation into China’s Acts, Policies, and Practices Related to Technology Transfer, Intellectual Property, and Innovation Under Section 301 of the Trade Act of 1974*.

Através destes métodos, por vezes de intrusão informática e espionagem industrial, Pequim tem conseguido obter tecnologias avançadas fulcrais para vários sectores. A utilização destes métodos, em conjunto com um maior investimento, colocou a China na vanguarda do mercado científico e tecnológico (*S&D*), como constatado no número de patentes e *trademarks* registadas, superando o antigo líder, os Estados Unidos da América.

Ao incrementar as suas capacidades tecnológicas, o “Império do Meio”, tem conseguido superar a sua obsoleta proficiência militar, em todos os Teatros de Guerra, designadamente, no mar, onde já se tornou a maior potência militar do mundo, em terra, contando com o maior exército mundial, no ar, onde tem investido fortemente para alcançar um nível de paridade comparativamente aos EUA, tendo inclusivamente atingido a tríade nuclear, em 2019, com a construção da aeronave *H-6N*, e no “ciber”, o novo teatro de guerra, onde o regime chinês se destaca claramente dos demais.

Apesar do líder do sistema internacional liberal (os EUA) permanecer na dianteira de alguns ramos das Forças Armadas, como a Força Aérea, a análise individual das capacidades chinesas, elaborada no subcapítulo *Reforma Militar*, permitiu compreender o avançado nível tecnológico e estrutural que o Exército de Libertação Popular tem alcançado. Segundo a meta estabelecida pelo PCC, o ELP atingirá a sua plena modernização (material e estrutural) em 2049, uma meta coincidente com a data planeada para a conclusão da sua ascensão a potência hegemónica.

As crescentes capacidades militares chinesas, em conjunto com o isolacionismo americano, possibilitaram mitigar a relevância de Washington no sistema internacional e iniciar um revisionismo “selectivo”, uma abordagem que escamoteará a probabilidade de confronto bélico sino-americano (“Armadilha de Tucídides”). Por conseguinte, Pequim procura manter elementos e instituições que considere úteis para a sua ascensão, nomeadamente, a OMC e a ONU, defendendo a não-ingerência nas políticas dos Estados e a abertura dos mercados internacionais, simultaneamente com a criação de diversas instituições paralelas às estabelecidas por Washington. Como defendido por Ikenberry, medidas de *binding* são responsáveis por espoletar uma crescente interdependência entre Estados, facilitando a transição de poder no sistema internacional, que reforçará a necessidade de implementar uma nova mundivisão (a “comunidade de destino comum”), capaz de acomodar os valores e interesses nacionais chineses.

Por fim, esta dissertação procurou aprofundar um tema que era inicialmente visto com algum cepticismo, a ascensão da China a potência hegemónica, portanto, para além de procurar fundamentar esse argumento analisando a perda de poder dos EUA e o crescimento da RPC, o estudo de caso permitiu ilustrar a centralidade da guerra na

Ucrânia, no fortalecimento da República Popular da China e na atual transição de poder no sistema internacional. Tendo em consideração os fundamentos relativos às transições de poder no sistema internacional, é inegável que se encontre em marcha um desafio sistémico e uma reconfiguração do sistema internacional, exacerbada pela actividade disruptiva da Rússia. Um argumento alicerçado através da observação do declínio do atual líder hegemónico e da sua descredibilização generalizada, em contraponto com a preponderância económica da potência desafiante (China), a sua crescente relevância política e diplomática, e o aumento de paridade militar entre a RPC e a potência incumbente (EUA).

Perante a crescente importância da RPC no sistema internacional, o regime de Xi Jinping tem assumido, e continuará a assumir, uma posição crescentemente assertiva, reiterando a necessidade de uma nova mundividência (“Comunidade de Destino Comum”) e de alcançar o “Sonho Chinês” (a ascensão a potência hegemónica), algo que requer a reunificação da China, portanto, Hong Kong (que foi tomada à força entre 1997-1999) e Taiwan. Como nota final, entende-se que as inúmeras falhas políticas do Ocidente e a sua incapacidade de fazer frente às actividades hostis dos Estados revisionistas, como é notório na Ucrânia, poderão potenciar um comportamento semelhante por parte da China (recuperação da soberania de Taiwan), particularmente, devido à relutância dos EUA perante o nó górdio, também conhecido como “Armadilha de Tucídides”, que permanecerá na penumbra das relações sino-americanas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aaltola, Mika, e Kämpylä, Juha (2016). “U.S. and Chinese Silk Road Initiatives: Towards a Geopolitics of Flows in Central Asia and Beyond”. *The Regional Security Puzzle around Afghanistan: Bordering Practices in Central Asia and Beyond*. (1st ed.). Barbara Budrich Publishers, pp. 207–242, <https://doi.org/10.2307/j.ctvbkjzm0.14>
- Abramson, Ashley (1 de março de 2021). *Substance use during the pandemic*. American Psychological Association. Disponível em: <https://www.apa.org/monitor/2021/03/substance-use-pandemic> [Acedido a: 10/03/2022]
- Al Jazeera (4 de novembro de 2021). *Biden administration approves \$650m weapon sale to Saudi Arabia*. Al Jazeera. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2021/11/4/biden-administration-approves-650m-weapon-sale-to-saudi-arabia> [Acedido a: 01/02/2022]
- Allison, Graham (2018). *China and Russia: A Strategic Alliance in the Making*. The National Interest. Disponível em: <https://nationalinterest.org/feature/china-and-russia-strategic-alliance-making-38727> [Acedido a: 12/04/2021]
- Allison, Graham (2020). *The New Spheres of Influence: Sharing the Globe with Other Great Powers*. Foreign Affairs. Disponível em: <https://www.foreignaffairs.com/articles/united-states/2020-02-10/new-spheres-influence> [Acedido a: 18/06/2021]
- Allison, Graham, et al. (2015). *A Guerra na Ucrânia*. Alfragide: D. Quixote.
- Allison, Graham. (2017). *Destined for War*. London: Scribe Publications.
- AmCham China (2012). *2013 WHITE PAPER*. Information Office of the State Council: The People’s Republic of China.
- Anderson, Jon L. (13 de maio de 2020). *In Venezuela, Americans Attempt to Stage a “Bay of Pigs”*. The New Yorker. Disponível em: <https://www.newyorker.com/news/daily-comment/in-venezuela-americans-attempt-to-stage-a-bay-of-pigs> [Acedido a: 22/01/2022]

- ASEAN (1 de janeiro de 2022). *RCEP Agreement enters into force*. Association of Southeast Asian Nation. Disponível em: <https://asean.org/rcep-agreement-enters-into-force/> [Acedido a: 04/02/2022]
- Bethune, Sophie (2020). *Psychologists Report Large Increase In Demand For Anxiety, Depression Treatment*. American Psychological Association. Disponível em: <https://www.apa.org/news/press/releases/2020/11/anxiety-depression-treatment> [Acedido a: 10/03/2022]
- Biden, Joseph (2021). *Interim National Security Guidance*. Washington D.C.: The White House. Disponível em: <https://www.whitehouse.gov/wp-content/uploads/2021/03/NSC-1v2.pdf>
- Blenkinsop, Philip et al. (27 de janeiro de 2022). *WTO lets China impose tariffs on U.S. in Obama-era case*. Reuters. Disponível em: <https://www.reuters.com/business/wto-gives-china-right-impose-tariffs-645-mln-us-goods-2022-01-26/> [Acedido a: 02/02/2022]
- Brands, Hal (2017). *Six Propostions about Great Power Competition and Revisionism in the 21st Century*. Perry World House: University of Pennsylvania.
- Bureau of Labor Statistics (1 de abril de 2022). *The Employment Situation – March 2022*. Washington D.C.: U.S. Department of Labor. Disponível em: <https://www.bls.gov/news.release/pdf/empsit.pdf>
- BusinessEurope (2020). *The EU and China: Addressing the Systemic Challenge – A comprehensive EU strategy to rebalance the relationship with China*. Bruxelas: BusinessEurope.
- Clausewitz, Carl von (2020). *Da Guerra*. Traduzido por Inês Busse, Clássica Editora.
- Costello, John, e McReynolds, Joe (2018). *China's Strategic Support Force: A Force for a New Era*. Institute for National Strategic Studies: National Defense University.
- Defense Intelligence Agency (2019). *China Military Power: Modernizing a Force to Fight and Win*. Washington D.C.: Defense Intelligence Agency. Disponível em:

[www.dia.mil/Portals/110/Images/News/Military Powers Publications/China Military Power FINAL 5MB 20190103.pdf](http://www.dia.mil/Portals/110/Images/News/Military_Powers_Publications/China_Military_Power_FINAL_5MB_20190103.pdf)

Falk, Gene et al. (2021). *Unemployment Rates During the COVID-19 Pandemic*. Congressional Research Service. Disponível em: <https://sgp.fas.org/crs/misc/R46554.pdf>

Fernandes, José (2011). *Teorias das Relações Internacionais: Da Abordagem Clássica ao Debate Pós-positivista*. 2º ed. Coimbra: Almedina.

Fernandes, Sofia (dezembro de 2018). “A “política da China para África” e as ambições globais da China”. *Relações Internacionais*. N.º 60, pp.101-111. Disponível em: <https://doi.org/10.23906/ri2018.60a06>

Fischer, Sabine (2019). *The Donbas Conflict – Opposing Interests and Narratives, Difficult Peace Process*. Berlim: German Institute for International and Security Affairs.

FiveThirtyEight (2021). *How popular is Donald Trump?*. [online] Disponível em: <https://projects.fivethirtyeight.com/biden-approval-rating/?cid=rrpromo>
[Acedido a: 03/02/2022]

FiveThirtyEight (2022). *How popular is Joe Biden?*. [online] Disponível em: <https://projects.fivethirtyeight.com/biden-approval-rating/?cid=rrpromo>
[Acedido a: 03/02/2022]

Fonseca Jr. Gelson, e Uziel, Eduardo (junho de 2018). “Hans Morgenthau Política entre as Nações e as Nações Unidas”. *Relações Internacionais*. N.º 58, pp.69-82. Disponível em: <https://doi.org/10.23906/ri2018.58a05>

Foreign Policy Analytics (2017). *Foreign Policy in the Trump Administration*. Foreign Policy Analytics. Disponível em: <https://foreignpolicy.com/wp-content/uploads/2019/05/foreignpolicy-trumpadministration-2019.pdf>

Friedberg, Aaron L. (2017). *The Authoritarian Challenge: China, Russia and the Threat to the Liberal International Order*. Japão: The Sasakawa Peace Foundation. Disponível em: https://www.spf.org/jpus-j_media/img/investigation/The_Authoritarian_Challenge.pdf

- Funaiole, Mathew et al (5 de março de 2021). *Understanding China's 2021 Defense Budget*. Center for Strategic & International Studies. Disponível em: <https://www.csis.org/analysis/understanding-chinas-2021-defense-budget#:~:text=These%20factors%20came%20to%20the,increase%20over%20the%20previous%20year> [Acedido a: 07/03/2022]
- Fundo Monetário Internacional (2021). *United States: 2021 Article IV Consultation Press Release; Staff Report; and Statement by the Executive Director for the United States*. Washington D.C.: Fundo Monetário Internacional. Disponível em: <https://www.imf.org/en/Publications/CR/Issues/2021/07/22/United-States-2021-Article-IV-Consultation-Press-Release-Staff-Report-and-Statement-by-the-462540>
- Fundo Monetário Internacional (2022). *People's Republic of China: 2021 Article IV Consultation Press Release; Staff Report; and Statement by the Executive Director for the People's Republic of China*. Washington D.C.: Fundo Monetário Internacional. Disponível em: <https://www.imf.org/en/Publications/CR/Issues/2022/01/26/Peoples-Republic-of-China-2021-Article-IV-Consultation-Press-Release-Staff-Report-and-512248>
- Gallup (2021). *Rating World Leaders: The U.S. vs. Germany, China and Russia*. edited by Mohamed Younis, Gallup. Disponível em: <https://www.gallup.com/analytics/355787/gallup-rating-world-leaders-report.aspx>
- Gaspar, Carlos (2021). *Teoria das Relações Internacionais*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Gilpin, Robert (1988). "The Theory of Hegemonic War". *The Journal of Interdisciplinary History*, 18(4), 591–613. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/204816>
- Glaser, Bonnie (2019). *China as a Selective Revisionist Power in the International Order*. Singapura, Yusof Ishak Institute. Disponível em: https://www.iseas.edu.sg/images/pdf/ISEAS_Perspective_2019_21.pdf
- Haran, Olexiy et al. (2019). "Identity, war, and peace: public attitudes in the Ukraine-controlled Donbas". *Eurasian Geography and Economics*, 60:6, 684-708 <https://doi.org/10.1080/15387216.2019.1667845>

- Hoffman, Jan (1 de setembro de 2021). *Purdue Pharma Is Dissolved and Sacklers Pay \$4.5 Billion to Settle Opioid Claims*. New York, The New York Times. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2021/09/01/health/purdue-sacklers-opioids-settlement.html> [Acedido a: 01/03/2022]
- Houeix, Romain (15 de maio de 2020). *Los mercenarios detrás de la intentona de golpe en Venezuela*. France24. Disponível em: <https://www.france24.com/es/20200514-silvercorp-intento-golpe-nicolas-maduro-venezuela-eeuu-guaido> [Acedido a: 22/01/2022]
- Hu, Jintao (15 de outubro de 2007). *Hold High the Great Banner of Socialism with Chinese Characteristics and Strive for New Victories in Building a Moderately Prosperous Society in all Respects*. Xinhua. Disponível em: <http://www.china.org.cn/english/congress/229611.htm> [Acedido a: 20/10/2021]
- Huang, Jing (2017). “Xi Jinping’s Taiwan Policy: Boxing Taiwan In with the One-China Framework”, *Taiwan and China: Fitful Embrace*, edited by Lowell Dittmer, 1st ed., University of California Press, pp. 239–48. <http://www.jstor.org/stable/10.1525/j.ctt1w76wpm.16>
- Ikenberry, John G. (2018). “The end of liberal international order?”, *International Affairs*, Volume 94, Issue 1, pp.7–23. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/ia/iix2414>
- Ikenberry, John G. (2019). *After Victory: Institutions, Strategic Restraint, & The Rebuilding of Order After Major Wars*. Princeton, Princeton University Press.
- International Bank for Reconstruction and Development (2022). *Four Decades of Poverty Reduction in China: Drivers, Insights for the World and the Way Ahead*. Washington D.C.: The World Bank. Disponível em: [Four Decades of Poverty Reduction in China: Drivers, Insights for the World, and the Way Ahead \(worldbank.org\)](https://www.worldbank.org/publications/4decadespoverty)
- Isikoff, Michael, e Corn, David (2018). *Roleta Russa – Os bastidores da guerra de Putin à América e a eleição de Donald Trump*. Trad. Marta Pinho, Alfragide: Casa das letras.

- Jackson, Steven (2016). “Does China Have a Monroe Doctrine? Evidence for Regional Exclusion”. *Strategic Studies Quarterly*, 10(4), 64-89. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/26271530>
- Jin, Hui (2020). “Research on the Development of Socialism with Chinese Characteristics from the Perspective of Four Self-Confidence”. *Open Journal of Political Science*, 10, 41-49. Disponível em: <https://doi.org/10.4236/ojps.2020.101004>
- Jones, Jeffrey M. (31 de maio de 2013). *Americans Oppose U.S. Military Involvement in Syria*. Gallup. <https://news.gallup.com/poll/162854/americans-oppose-military-involvement-syria.aspx> [Acedido a: 10/12/2021]
- Klebnikov, Sergei (15 de março de 2022). *Most Wall Street Experts Now Predict Stagflation – Here’s What That Means for Investors and The U.S. Economy*. Forbes. Disponível em: <https://www.forbes.com/sites/sergeiklebnikov/2022/03/15/most-wall-street-experts-now-predict-stagflation-heres-what-that-means-for-investors-and-the-us-economy/> [Acedido a: 15/03/2022]
- Konishi, Weston S. (2018). *China’s Maritime Challenge in the South China Sea: Options for US Responses*. Chicago Council on Global Affairs. Disponível em: www.jstor.org/stable/resrep17324
- Koty, Alexander (5 de novembro de 2019). *China’s Corporate Social Credit System: What Businesses Need to Know*. China Briefing. Disponível em: <https://www.china-briefing.com/news/chinas-corporate-social-credit-system-how-it-works/> [Acedido a: 20/10/2021]
- Kupchan, Charles A. (2020). *Isolationism – A History of America’s Efforts to Shield Itself from The World*. New York, Oxford University Press.
- Lyons, Kate, e Wickham, Dorothy (20 de abril de 2022). *The deal that shocked the world: inside the China-Solomons security pact*. The Guardian. Disponível em: www.theguardian.com/world/2022/apr/20/the-deal-that-shocked-the-world-inside-the-china-solomons-security-pact [Acedido a: 05/05/2022]
- MacDonald, Evan (dezembro 2020). “Mais polarizados do que nunca”. *Courrier Internacional*, nº298, Trust in News, 40-43.

- Macias, Amanda (7 de abril de 2022). *UN votes to remove Russia from Human Rights Council*. CNBC. Disponível em: <https://www.cnbc.com/2022/04/07/un-votes-to-remove-russia-from-human-rights-council.html> [Acedido a: 10/04/2022]
- Maier, Morgan (2016). *A Little Masquerade: Russia's Evolving Employment of Maskirovka*. School of Advanced Military Studies, United States Army Command and General Staff College, Kansas.
- Martin, Nik (2021). *RCEP: Asia readies world's largest trade deal*, ed. Kristie Pladson. Deutsche Welle. Disponível em: <https://www.dw.com/en/rcep-asia-readies-worlds-largest-trade-deal/a-60267980> [Acedido a: 10/02/2022]
- Morgenthau, Hans J. (1978). *Politics Among Nations: The Struggle for Power and Peace*, Fifth Edition, Revised, (New York: Alfred A. Knopf, pp. 4-15).
- Moyo, Dambisa (2013). *A China e a Corrida aos Recursos*. Trad. Nuno Fernandes, Lisboa: Bertrand Editora.
- Nedopil, Christoph (2022). *Countries of the Belt and Road Initiative*. Shanghai, Green Finance & Development Center: FISF Fudan University. Disponível em: www.greenfdc.org/countries-of-the-belt-and-road-initiative-bri/ [Acedido a: 10/03/2022]
- O'Rourke, Ronald (2021). *U.S. Role in the World: Background and Issues for Congress*. Congressional Research Service. Disponível em: <https://crsreports.congress.gov/product/pdf/R/R44891/47>
- Obama, Barack (20 de agosto de 2012). *Remarks and an Exchange With Reporters Following a Press Briefing by White House Press Secretary James F. "Jay" Carney*. Washington D.C.: The White House. Disponível em: <https://www.govinfo.gov/content/pkg/PPP-2012-book2/pdf/PPP-2012-book2-doc-pg1244.pdf>
- Obama, Barack (22 de junho de 2011). *Address to the Nation on the Drawdown of United States Military Personnel in Afghanistan*. Office of the Federal Register: National Archives and Records Administration. Disponível em: <https://www.govinfo.gov/content/pkg/DCPD-201100463/pdf/DCPD-201100463.pdf>

Obama, Barack (23 de maio de 2013). *Remarks at National Defense University*. Office of the Federal Register: National Archives and Records Administration. Disponível em: <https://www.govinfo.gov/content/pkg/DCPD-201300361/pdf/DCPD-201300361.pdf>

Obama, Barack (6 de setembro de 2012). *Remarks by the President at the Democratic National Convention*. Washington D.C.: The White House. Disponível em: <https://obamawhitehouse.archives.gov/the-press-office/2012/09/07/remarks-president-democratic-national-convention>

OEC - The Observatory of Economic Complexity (2022). *China (CHN) Exports, Imports, and Trade Partners | OEC*. [online] Disponível em: <https://oec.world/en/profile/country/chn#latest-data> [Acedido a: 05/04/2022]

OEC - The Observatory of Economic Complexity (2022). *United States (USA) Exports, Imports, and Trade Partners | OEC*. [online] Disponível em: <https://oec.world/en/profile/country/usa> [Acedido a: 05/04/2022]

OECD - Social Policy Division (2021). *HC3.1. Homeless Population*. Organisation for Economic Cooperation and Development. Disponível em: <https://www.oecd.org/els/family/HC3-1-Homeless-population.pdf>

Office of the Director of National Intelligence (2021). *Assessing the Saudi Government's Role in the Killing of Jamal Khashoggi*. Washington D.C.: Office of the Director of National Intelligence. Disponível em: <https://www.dni.gov/files/ODNI/documents/assessments/Assessment-Saudi-Gov-Role-in-JK-Death-20210226v2.pdf>

Office of the Secretary of Defense (2020). *Annual Report to Congress: Military and Security Developments Involving the People's Republic of China 2020*. U.S. Department of Defense. Disponível em: <https://media.defense.gov/2020/Sep/01/2002488689/-1/-1/1/2020-DOD-CHINA-MILITARY-POWER-REPORT-FINAL.PDF>

Office of the Secretary of Defense (2021). *Annual Report to Congress: Military and Security Developments Involving the People's Republic of China 2021*. U.S. Department of Defense. Disponível em:

<https://media.defense.gov/2021/Nov/03/2002885874/-1/-1/0/2021-CMPR-FINAL.PDF>

Office of the United States Trade Representative (2018). *Findings of the Investigation into China's Acts, Policies, and Practices Related to Technology Transfer, Intellectual Property, and Innovation Under Section 301 of the Trade Act of 1974*. Washington D.C.: Executive Office of the President of the United States. Disponível em: <https://ustr.gov/sites/default/files/Section%20301%20FINAL.PDF>

Office of the United States Trade Representative (2020). *2020 Special 301 Report*. Washington D.C.: Executive Office of the President of the United States. Disponível em: https://ustr.gov/sites/default/files/2020_Special_301_Report.pdf

Office of the United States Trade Representative (2022). *Countries & Regions*. Washington D.C.: Executive Office of the President. [online] Disponível em: <https://ustr.gov/countries-regions> [Acedido a: 13/04/2022]

Office of the United States Trade Representative (2022). *The People's Republic of China*. Washington D.C.: Executive Office of the President. [online] Disponível em: <https://ustr.gov/countries-regions/china-mongolia-taiwan/peoples-republic-china> [Acedido a: 13/04/2022]

Organization for Security and Co-operation in Europe (2016). *OSCE Annual Report 2015*. OSCE. Disponível em: <https://www.osce.org/annual-report/2015>

Organization for Security and Co-operation in Europe (2017). *OSCE Annual Report 2016*. OSCE. Disponível em: <https://www.osce.org/annual-report/2016>

Organization for Security and Co-operation in Europe (2018). *OSCE Annual Report 2017*. OSCE. Disponível em: <https://www.osce.org/annual-report/2017>

Organization for Security and Co-operation in Europe (2019). *OSCE Annual Report 2018*. OSCE. Disponível em: <https://www.osce.org/annual-report/2018>

Organization for Security and Co-operation in Europe (2020). *OSCE Annual Report 2019*. OSCE. Disponível em: <https://www.osce.org/annual-report/2019>

Organization for Security and Co-operation in Europe (2021). *OSCE Annual Report 2020*. OSCE. Disponível em: <https://www.osce.org/annual-report/2020>

Organski, A.F.K. (1968). *World Politics*. Second Edition. New York: Alfred A. Knopf.

Our World in Data (2021). *Annual growth of GDP per capita*. [online] Disponível em: <https://ourworldindata.org/grapher/gdp-per-capita-growth?tab=chart&country=CHN~USA> [Acedido a: 23/03/2022]

People's Bank of China (2021). *Circular on Further Preventing and Disposing of Speculative Risks in Virtual Currency Trading*. People's Bank of China.

People's Republic of China (1983). *The Constitution of the People's Republic of China: (adopted on December 4, 1982 by the Fifth National People's Congress of the People's Republic of China at its fifth session*. The State Council: The People's Republic of China. Disponível em: https://english.www.gov.cn/archive/lawsregulations/201911/20/content_WS5ed8856ec6d0b3f0e9499913.html

Pew Research Center (2014). *Global Opposition to U.S. Surveillance and Drones, but Limited Harm to America's Image*. Pew Research Center. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/global/wp-content/uploads/sites/2/2014/07/2014-07-14-Balance-of-Power.pdf>

Picciolini, Christian (2020). *Breaking Hate – Confronting the New Culture of Extremism*. New York: Hachette Books.

Pomfret, James, e Qiu, Stella (31 de maio de 2020). *China media, Hong Kong government bristle at Trump's pledge of curbs, sanctions*. Reuters. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-us-canada-52856876> [Acedido a: 20/12/2021]

Presidente dos EUA (17 de agosto de 2017). *Addressing China's Laws, Policies, Practices, and Actions Related to Intellectual Property, Innovation, and Technology*. vol.82, nº158. Washington D.C.: The White House. Disponível em: <https://www.govinfo.gov/content/pkg/FR-2017-08-17/pdf/2017-17528.pdf>

Presidente dos EUA (17 de julho 2020). *The President's Executive Order on Hong Kong Normalization*. Executive Order 13936, vol.85, nº138. Washington D.C.: The White House. Disponível em: <https://www.govinfo.gov/content/pkg/FR-2020-07-17/pdf/2020-15646.pdf>

Presidente dos EUA (17 de novembro de 2020). *Addressing the Threat From Securities Investments That Finance Communist Chinese Military Companies*. Executive Order 13959, vol.85, nº222. Washington D.C.: The White House. Disponível em: <https://www.govinfo.gov/content/pkg/FR-2020-11-17/pdf/2020-25459.pdf>

Presidente dos EUA (2015). *National Security Strategy of the United States of America*. Washington D.C.: The White House. Disponível em: <http://nssarchive.us/national-security-strategy-2015/>

Presidente dos EUA (2017). *National Security Strategy of the United States of America*. Washington D.C.: The White House. Disponível em: <https://trumpwhitehouse.archives.gov/wp-content/uploads/2017/12/NSS-Final-12-18-2017-0905.pdf>

Putin, Vladimir (11 de junho de 2021). *Exclusive Putin Interview with NBC News' Keir Simmons* [video]. NBC News. Disponível em <https://www.nbcnews.com/news/world/transcript-nbc-news-exclusive-interview-russia-s-vladimir-putin-n1270649> [Acedido a: 01/02/2022]

Putin, Vladimir (24 de fevereiro de 2022). *Address by the President of the Russian Federation*. Moscovo: Kremlin. Disponível em: <http://en.kremlin.ru/events/president/news/67843> [Acedido a: 28/02/2022]

Quah, Jon S.T. (2015). *Hunting the Corrupt "Tigers" and "Flies" in China: An Evaluation of Xi Jinping's Anti-Corruption Campaign (November 2012 to March 2015)*. Carey School of Law: University of Maryland.

Rato, Vasco (2020). *De Mao a Xi: o ressurgimento da China*. Óbidos: Alêtheia Editores.

Rato, Vasco (2021). "China". *National Defense in the New Era, IDN Cadernos – Documentos Estratégicos de Segurança e Defesa*, nº44, Instituto de Defesa Nacional, 111-120. Disponível em:

https://www.defesa.gov.pt/pt/cpmunicacao/documentos/Lists/PDEFINTER_DocumentoLookupList/202112_IDN_Cadernos_44.pdf

Rhodes, Ben (2018). *Inside the White House During the Syrian “Red Line” Crisis*. The Atlantic. [online] Disponível em: <https://www.theatlantic.com/international/archive/2018/06/inside-the-white-house-during-the-syrian-red-line-crisis/561887/> [Acedido a: 25/11/2021]

Roth, Andrew, e Ni, Vincent (4 de fevereiro de 2022). *Xi and Putin urge Nato to rule out expansion as Ukraine tensions rise*. The Guardian. Disponível em: <https://amp.theguardian.com/world/2022/feb/04/xi-jinping-meets-vladimir-putin-china-russia-tensions-grow-west> [Acedido a: 14/02/2022]

Rynning, Sten, e Ringsmose, Jens (2008). “Why Are Revisionist States Revisionist? Reviving Classical Realism as an Approach to Understanding International Change”. *International Politics*. nº 45, pp. 19-39.

Santayana, George (1980). *Reason in Common Sense*. Dover Publications.

Seabra, Pedro (2021). “Introdução”. *IDN Cadernos – Documentos Estratégicos de Segurança e Defesa*, nº44, Instituto de Defesa Nacional, 11-16. Disponível em: https://www.defesa.gov.pt/pt/cpmunicacao/documentos/Lists/PDEFINTER_DocumentoLookupList/202112_IDN_Cadernos_44.pdf

Seguridad, Justicia y Paz (1 de junho de 2020). *Boletín Ranking 2019 de las 50 ciudades más violentas del mundo*. Ciudad de México: Consejo Ciudadano para la Seguridad Pública y la Justicia Penal A.C.. Disponível em: <http://www.seguridadjusticiaypaz.org.mx/sala-de-prensa/1590-boletin-ranking-2019-de-las-50-ciudades-mas-violentas-del-mundo> [Acedido a: 19/03/2022]

Silva, Diego et al. (2021). *Trends in World Military Expenditure, 2020*. Stockholm International Peace Research Institute. Disponível em: www.sipri.org/sites/default/files/2021-04/fs_2104_milex_0.pdf?fbclid=IwAR3ghsHg2V6XewWwADU0jX1Uvww0O5OVFvFrXBEAcsUC6t2EqjrygMMp3sE

- Soller, Diana (2021). “Estados Unidos da América”. *Interim National Security Strategic Guidance, IDN Cadernos – Documentos Estratégicos de Segurança e Defesa*, nº44, Instituto de Defesa Nacional, 17-30. Disponível em: https://www.defesa.gov.pt/pt/cpmunicacao/documentos/Lists/PDEFINTER_DocumentoLookupList/202112_IDN_Cadernos_44.pdf
- State Council Information Office of the People’s Republic of China (2019). *China’s National Defense in the New Era*, 1st ed., Beijing: China. Foreign Languages Press Co. Ltd. Disponível em: https://english.www.gov.cn/archive/whitepaper/201907/24/content_WS5d3941ddc6d08408f502283d.html
- State Council Information Office of the People’s Republic of China (2015). *China’s Military Strategy*, Beijing: Xinhua. Disponível em: http://english.www.gov.cn/archive/white_paper/2015/05/27/content_281475115610833.htm
- State Council Information Office of the People’s Republic of China (18 de abril de 2022). *China’s surveyed urban unemployment rate at 5.5% in Q1*. Beijing: Xinhua. [online] Disponível em: http://english.www.gov.cn/archive/statistics/202204/18/content_WS625cfaadc6d02e533532983f.html [Acedido a: 21/04/2022]
- State Council Information Office of the People’s Republic of China (29 de setembro de 2021). *Report: China ranks first globally in ODI in 2020*. Beijing: Xinhua. Disponível em: http://english.www.gov.cn/statecouncil/ministries/202109/29/content_WS61541ec1c6d0df57f98e10be.html [Acedido a: 23/11/2021]
- Statista (2 de junho 2021). *Countries with the largest number of prisoners per 100,000 of the national population, as of May 2021*. Statista Research Department. [online] Disponível em: <https://www.statista.com/statistics/262962/countries-with-the-most-prisoners-per-100-000-inhabitants/> [Acedido a: 21/03/2022]
- Stent, Angela (2020). *Russia and China. Axis of Revisionists?*. Washington, D.C.: The Brookings Institution.

- Sun, Tzu. *A arte da guerra*. Trazido por Miguel Conde, Bertrand Editora, 2009.
- The International Institute for Strategic Studies (2021). *The Military Balance 2021*. London: Routledge.
- The People's Liberation Army Navy (2009). *A Modern Navy with Chinese Characteristics*. Office of Naval Intelligence.
- Thilo Hanneman, e H. Rosen, Daniel (2016). *Chinese Investment in the United States Recent Trends and the Policy Agenda*. Rhodium Group.
- Tolstoy, Leo (1888). *Sevastopol*. New York: Thomas Y. Crowell & Co..
- Tsygankov, Andrei P. (2016). *Russia's Foreign Policy: Change and Continuity in National Identity*. Rowman & Littlefield Publishers, 4th edition.
- Tunsjø, Øystein (2018). *Another Long Peace*. The National Interest. Disponível em: <https://nationalinterest.org/feature/another-long-peace-33726>
- Tunsjø, Øystein (2020). *The new US-China superpower rivalry*. East Asia Forum. Disponível em: <https://www.eastasiaforum.org/2020/04/04/the-new-us-china-superpower-rivalry/>
- U.S. Energy Information Administration (28/02/2022). *U.S. Imports from Saudi Arabia of Crude Oil*. U.S. Energy Information Administration. [online] Disponível em: <https://www.eia.gov/dnav/pet/hist/LeafHandler.ashx?n=PET&s=MCRIMUSSA2&f=M> [Acedido a: 08/03/2022]
- U.S. News & World Report (2022). *Tsinghua University*. U.S. News & World Report. Disponível em: www.usnews.com/education/best-global-universities/tsinghua-university-503146 [Acedido a: 04/06/2021]
- Unger, David (2016). *The Foreign Policy Legacy of Barack Obama*. The International Spectator. 51(4), 1-16. Disponível em: <http://www.iai.it/sites/default/files/unger.pdf>
- United Nations High Commissioner for Refugees (24 de março de 2022). *Ukraine Situation Flash Update #5*. Regional Bureau for Europe – United Nations. Disponível em: <https://data2.unhcr.org/en/documents/details/91589>

- Wang, Jisi (2012). *'Marching Westwards': The Rebalancing of China's Geostrategy*. International and Strategic Studies Report, nº 73.
- Welt, Cory (2019). *Ukraine: Background, Conflict with Russia, and U.S. Policy*. Congressional Research Service. Disponível em: <https://crsreports.congress.gov/product/pdf/R/R45008>
- WIPO (2020). *World Intellectual Property Indicators 2020*. Geneva: World Intellectual Property Organization.
- Wishnick, Elizabeth (2020). *Sino-Russian Consolidation at a Time of Geopolitical Rivalry*. China Leadership Monitor. Disponível em: <https://www.prcleader.org/elizabeth-wishnick>
- Wood, Michael (2021). *A História da China – Um Retrato de Uma Civilização e do Seu Povo*. Traduzido por Artur Lopes Cardoso. Lisboa: Temas e Debates – Círculo de Leitores.
- World Bank (2020). *GDP, PPP (current international \$) – China, United States / Data*. The World Bank Group. [online] Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.MKTP.PP.CD?locations=CN-US> [Acedido a: 31/03/2022]
- World Bank (2021). *China Economic Update: Rebalancing Act - From Recovery to High-Quality Growth*. Washington D.C.: World Bank. Disponível em: <https://openknowledge.worldbank.org/handle/10986/36828>
- Wright, Tom (2015). *Deterrence and Great Power Revisionism*. German Marshall Fund of the United States. Disponível em: www.jstor.org/stable/resrep18913
- Xi, Jinping (1 de julho de 2021). *Speech at a Ceremony Marking the Centenary of the Communist Party of China*. Beijing: Xinhua. Disponível em: <http://www.npc.gov.cn/englishnpc/c23934/202107/ce62fd23a2f24be7bb96c30b56c0c111.shtml>
- Xi, Jinping (9 de outubro de 2021). *Speech at a Meeting Marking the 110th Anniversary of the Revolution of 1911*. The National Committee of the Chinese People's Political

Consultative Conference. Disponível em: http://en.cppcc.gov.cn/2021-10/13/c_667448.htm

Zengerle, Patricia (17 de junho de 2020) *Trump signs bill pressuring China over Uighur Muslim crackdown*. Reuters. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/us-usa-china-xinjiang-idUSKBN23O3EW> [Acedido a: 20/12/2021]

Zhongguo gong chan dang, issuing body (2017). *China: the 13th five-year plan for economic and social development of the people's republic of China (2016-2020)/ [formulated on the basis of the recommendations of Central Committee of the Communist Party of China (CPC)]* Longer River Press; Central Compilations & Translation Press San Francisco, CA: Beijing, China. Disponível em: <https://en.ndrc.gov.cn/policies/202105/P020210527785800103339.pdf>